UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Solléria Rezende Menegati

A Comunicação do Movimento Anarcopunk de São Paulo:
Análise do blog da associação

Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Solléria Rezende Menegati

A Comunicação do Movimento Anarcopunk de São Paulo: Análise do blog da associação

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni

Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Solléria Rezende Menegati

A Comunicação do Movimento Anarcopunk de São Paulo:
Análise do blog da associação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
em 06/12/2011 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFJF) - Orientadora

Profa. Dra. Daniela Auad (UFJF) - Convidada

Prof. Dr. Bruno Fuser (UFJF) – Convidado

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Este trabalho é dedicado a tod@s
aquel@s que acreditam e lutam
pela liberdade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Adilson e Teresinha, pelo apoio e fé incondicionais em mim. Seu carinho; expresso, em parte, nas preocupações do dia-a-dia; é como um porto seguro onde eu posso me agarrar e reabastecer as energias para um novo dia.

Ao meu irmão, Leandro, sua esposa Eliana e meus sobrinhos, Laura e Otávio, por estarem por perto e me auxiliarem em qualquer coisa sempre que eu precisasse. É engraçado como nos miramos nos exemplos de nossos irmãos mais velhos e como os mais novos se inspiram em nós. Meus sobrinhos são quase como meus irmãos, entre a gente há pouca diferença de idade, e eu fico muito feliz de saber que os inspiro de alguma forma. Também agradeço à minha irmã Patrícia que, mesmo ausente neste plano terreno, ainda é o exemplo que quero seguir.

À minha família: tios, primos, que sempre zelaram por mim. À minha avó Tereza, e aos meus outros avós que vivem agora nas minhas lembranças: vô Francisco, vó Páscoa, vó Zélia e vô Geraldo. Obrigada.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que permitiram que eu chegasse até aqui: professores e amigos do Colégio Santos Anjos e da Universidade Federal de Juiz de Fora. Àqueles que me apresentaram um pouco do universo do movimento punk: Davi, amigo e companheiro por quem nutro um sentimento muito especial; Jimmy, Janice, Aline, e amigos/as punks libertários/as.

Agradeço a receptividade e atenção dos/as anarcopunks de São Paulo, em especial, Marina Knup, Aristeu, Jake, Johnny, Marina Lima, Kika, Diego, Thiago, Isaias e Ivan. Admiro seu trabalho e a entrega às causas e ideais que defendem. Este trabalho é dedicado à vocês. E espero que contribua de alguma forma para o Movimento Anarcopunk de São Paulo.

Um agradecimento especial à Cláudia Lahni, que acreditou e se empolgou com o trabalho antes mesmo dele tomar forma, e que me apresentou a comunicação no contexto dos movimentos sociais. Muito obrigada. E por fim, agradeço aos companheiros do movimento estudantil e movimentos populares de Juiz de Fora que me inspiram a lutar por uma outra sociedade.

RESUMO

O Movimento Anarcopunk de São Paulo (MAP-SP) existe há mais de 20 anos e atua como uma associação que procura articular as lutas de grupos e indivíduos anarcopunks em São Paulo (tais como lutas antifascistas e a favor da autogestão). O presente trabalho analisa como a comunicação contribui para a construção do MAP-SP enquanto movimento social. O foco é a comunicação feita pela internet com o blog da associação. Para tal, é feita uma reflexão acerca da comunicação nos movimentos sociais, mencionando a importância da comunicação para a construção de identidades e o alcance da cidadania. Também há reflexão sobre a utilização da internet como ferramenta de pressão social e as estratégias de visibilidade permitidas por um meio potencialmente democrático. Sobre o anarcopunk, uma revisão bibliográfica permite contextualizar o surgimento do Movimento em São Paulo, refletindo também o surgimento do movimento punk e sua aproximação com ideais anarquistas, uma vez que o anarcopunk seria a junção do punk, em seu viés cultural, e o anarquismo enquanto política e ideologia. Entrevistas com integrantes do MAP-SP nos dão um panorama sobre a organização da associação e suas práticas comunicativas. O estudo confirma a contribuição da comunicação para a construção do Movimento Anarcopunk de São Paulo enquanto movimento social, embora perceba-se que não há uma política de comunicação por parte da associação, ou seja, a comunicação não é pensada estrategicamente para se alcançar a hegemonia. Há também a percepção de que o blog é um meio complementar à comunicação do grupo, não sendo o principal nem o único, e que a internet é subaproveitada.

Palavras-chave: Comunicação comunitária. Movimento anarcopunk São Paulo. Cidadania

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO _____p.08

2 MOVIMENTO PUNK E ANARQUISMO _____p.13

2.1 CONCEITO DE ANARQUISMO E ANARQUISMO NO BRASIL _____p.17

2.2 MOVIMENTO PUNK NO MUNDO E NO BRASIL _____p.27

2.3 MOVIMENTO ANARCOPUNK _____p.39

3 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, IDENTIDADE E CIDADANIA _____p.43

3.1 IDENTIDADE E CIDADANIA _____p.46

3.2 COMUNICAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS _____p.53

4 MAP-SP E SUA COMUNICAÇÃO _____p.65

4.1 HISTÓRIA DO MAP-SP _____p.65

4.2 A COMUNICAÇÃO DO MAP-SP _____p.74

4.3 ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO DO MAP-SP _____p.79

5 CONCLUSÃO _____p.99

6 REFERÊNCIAS _____p.103

7 ANEXO _____p.114

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar como a comunicação contribui para a construção do Movimento Anarcopunk de São Paulo (MAP-SP) enquanto movimento social. Para tal, analisamos a comunicação do movimento feita pela internet, através do blog da associação hospedado no portal anarcopunk.org. "O portal é mantido e alimentado por uma agrupação de indivíduos anarcopunks, com o apoio dos coletivos que mantêm dentro do mesmo seus próprios blogs e sites [a exemplo do MAP-SP]. O site se propõe a ser um meio de difusão das propostas, ideias, produções, movimentações, campanhas e expressões anarcopunks em sua diversidade, com diversos canais diferentes, que, em conjunto, disponibilizem na internet um pouco do que @ anarcopunk faz e pensa, distribuindo suas produções (livros, projetos, materiais, música, etc.) e também apoiando as campanhas, atividades e lutas *anarcopunx*, libertárias e de movimentos sociais diversos mundo afora." (Proposta do portal presente em http://www.anarcopunk.org/).

O movimento punk surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos e ganhou repercussão no mundo pela banda Sex Pistols, da Inglaterra. Era um movimento contracultural influenciado pelo minimalismo[1] e existencialismo[2] das décadas anteriores, que denunciaram as guerras e o sistema capitalista. Artistas como Patty Smith, Andy Warhol, a banda Velvet Undergroud, Iggy Pop, traziam uma estética punk que influenciou a juventude punk em 70.

---

[1] Movimento artístico e cultural que surgiu nos Estados Unidos no começo da década de 1960. Corrente anti-artística inspirada no Dadaísmo. Propunha aos seus adeptos produzir apenas o essencial em suas obras de arte. O Dadaísmo, por sua vez, era um movimento de negação, surgido em Zurique durante a primeira Guerra Mundial, que defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. Politicamente, firma-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiria evitar a guerra.

[2] Nascido no século XIX, através das ideias do filósofo dinamarquês Kierkegaard, esta vertente filosófica e literária conheceu seu apogeu na década de 50, no pós-guerra, com os trabalhos de Heidegger e Jean-Paul Sartre. A contribuição mais importante desta escola é sua ênfase na responsabilidade do indivíduo sobre seu destino e no seu livre-arbítrio. Para os existencialistas, a existência tem prioridade sobre a essência humana, portanto a pessoa existe independente de qualquer definição pré-estabelecida sobre seu ser.

No Brasil, as primeiras informações sobre o punk aparecem em 1977/78 por meio de reportagens e artigos em revistas de música, como a Revista Pop, que lançou uma coletânea com bandas punk e contribuiu para a apresentação do movimento a muitas pessoas. São Paulo foi a primeira cidade a conviver com punks brasileiros, que, inspirados no lema "Do It Yourself" (faça você mesmo) propagado pelo movimento, formaram bandas e logo começaram a escrever seus próprios fanzines[3].

Mas é somente na década de 1980 que se pode falar do surgimento de anarcopunks, aqui entendidos como uma microcultura dentro do movimento punk. Desde sua origem o punk se aproxima dos ideais anarquistas (como o princípio da autogestão, a defesa por uma sociedade sem classes e sem Estado), primeiro por sua organização: sem hierarquias, lideranças, cargos e filiações; também pela tentativa de deselitização e democratização da produção cultural (ideia que remanesce do minimalismo, que por sua vez adveio do dadaísmo, inspirado pelas táticas revolucionárias de autogestão do anarquismo). Podemos citar também a contestação à sociedade em que vivemos e o desejo de liberdade, um mundo em que cada indivíduo possa falar por si próprio.

Em São Paulo, os/as punks se aproximaram efetivamente de anarquistas frequentando o Centro de Cultura Social[4], foi a época da guerra de posturas[5]. Assim como há vários

---

[3] Mistura de fan com magazine, é o meio de comunicação por excelência dos punks. "Fanzine é uma publicação artesanal feita por fãs que querem trocar informações e mostrar seus dotes artísticos. Surgida nos EUA a partir dos anos 30, esse tipo de revista foi produzida no Brasil somente em 1965 graças ao pioneirismo do piracicabano Edson Rontani, que resolveu fundar o Intercâmbio Ciência-Ficção 'Alex Raymond' e editar um boletim para abordar quadrinhos e reunir os amantes dessa arte. O boletim saiu em 12 de outubro e foi batizado com o nome de Ficção. Dono de uma das maiores coleções de quadrinhos do país, Rontani foi um artista múltiplo." (NEGRI, 2005) Com a crescente popularização da internet, alguns fanzines nem são mais impressos e sim desenvolvidos e distribuídos online, são os chamados e-zines. A internet facilita e barateia a produção.

[4] O Centro de Cultura Social de São Paulo foi fundado em 14 de janeiro de 1933 como remanescente das entidades culturais criadas pelo movimento anarcossindicalista (sobre o anarcossindicalismo ver FERREIRA, Nazareth, 1978) e libertário nas primeiras décadas do século XX. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos. Para tanto lança mão de meios como palestras, cursos, seminários, filmes, peças teatrais, entre outros, além de manter um acervo de arquivo e biblioteca voltada principalmente para o anarquismo. Desenvolve assim formas de ação e de formação de militantes e de livres pensadores. (http://www.ccssp.org/ccs/)

anarquismos, há várias maneiras de vivenciar o anarquismo dentro do movimento punk. Há aqueles que se identificam com a música e propõem ações diretas de contestação ao sistema e tentativa de construir uma nova sociedade, há outros que se identificam com a indumentária e as atitudes e outros que propõem uma construção cotidiana, baseada na educação e formação anarquista. Estes últimos dão origem aos anarcopunks atuais, cuja a comunicação é objeto de estudo deste trabalho.

Em São Paulo há indivíduos anarcopunks que não compõem o MAP-SP (fazem parte da cena anarcopunk em geral, mas não fazem parte do MAP-SP enquanto associação). A escolha do MAP-SP para a realização dessa pesquisa se dá pela tradição do movimento em São Paulo, que existe há cerca de vinte anos. A partir dele outros coletivos se formaram. Como objeto de análise escolhemos o blog da associação.

No capítulo intitulado "Movimento Punk e Anarquismo" tratamos dos conceitos de anarquismo e do movimento brasileiro, contextualizamos o surgimento do punk no mundo e no Brasil e, por último, abordamos o movimento anarcopunk em geral. Entendemos o anarcopunk como uma microcultura que surge dentro do movimento punk a partir da assimilação da ideologia anarquista por parte do movimento. Embasamo-nos especialmente na pesquisa do historiador Yuriallis Fernandes Bastos, que escreveu sobre a assimilação de conceitos anarquistas por punks analisando a cena de João Pessoa, e nos referenciais do historiador Rafael Lopes de Sousa, que refletiu sobre o surgimento do movimento anarcopunk em São Paulo, e de Valdir da Silva Oliveira, que também estudou a relação do anarquismo com o punk em São Paulo.

Na sequência deste trabalho nos voltamos para os conceitos de comunicação alternativa, identidade e cidadania. Compreendendo o movimento anarcopunk como um

---

[5] Neste período iniciaram-se as primeiras tensões causadas por divergências ideológicas e de postura entre os punks que frequentavam o Centro de Cultura Social e os punks não-anarquistas, que depois seriam conhecidos como niilistas.

movimento contracultural, de contestação aos valores morais e sociais da atual sociedade, sua comunicação é contra-hegemônica e a classificamos como alternativa. Valemo-nos dos estudos de Cicilia Peruzzo acerca da comunicação alternativa, e de outros autores, como Raquel Paiva, Denise Cogo, Denis de Moraes, que tratam também da questão da comunicação dos movimentos sociais feita pela internet.

Os/as anarcopunks se utilizam da música, visual, da sua comunicação pela internet e impressos como uma forma de protesto à sociedade capitalista. Organizam atividades contraculturais[6] como shows, exibições de filmes, mas também exercem um papel social onde vivem, contribuindo para a discussão sobre o sistema em que vivemos e as alternativas que podemos aderir. Participam de manifestações contra a homofobia, o armamento nuclear, contra a violência e a degradação ambiental. Neste trabalho tomamos o movimento não somente como contracultural, mas também social.

Na questão da identidade e cidadania, autores como Stuart Hall e Debord são os referenciais para o trabalho. Hall trata do indivíduo fragmentado, possuidor de várias identidades definidas culturalmente em "A identidade cultural na Pós-modernidade", e Debord reflete a espetacularização da sociedade que transforma tudo e todos em mercadoria, nega a realidade dando preferência a imagem. Um conceito de sociedade ideal passa a ser vendido pela mídia, ao mesmo tempo que a passividade é incentivada. As pessoas trabalham para a realização dos desejos e necessidades criados pelo mercado e se alienam de seu próprio ser, não se almeja mais uma sociedade igualitária, mas o carro do ano exibido na novela. E é contra essa espetacularização que os/as anarcopunks protestam.

---

[6] Contracultura é uma recusa ao Sistema e à tecnocracia: a sociedade de especialistas, cujos valores definem as sociedades desenvolvidas, sejam elas capitalistas ou socialistas, e cujos métodos de dominação se aperfeiçoam a ponto da força física não ser necessária; nestas sociedades a dominação é feita principalmente na esfera da criação de subjetividade e do desejo. Ou seja, a contracultura se caracteriza, tanto na esfera comportamental quanto na artística, pela sua oposição ao Sistema e aos valores tecnocráticos e científicos que servem de base para a civilização ocidental, mas também pela apresentação de novas formas de sociedade. http://contraculturabrasil.blogspot.com/2007/11/introduo.html - Acesso em 08 de dezembro de 2011.

Por último, abordamos o MAP-SP e sua comunicação, contamos um pouco de sua história através de entrevistas feitas com integrantes do movimento e também utilizando a pesquisa de Valdir da Silva Oliveira e boletins informativos do movimento anarcopunk de São Paulo. No tópico sobre a comunicação do MAP-SP tratamos não somente da comunicação feita pela internet, mas das outras práticas comunicativas, como o informativo impresso, fanzines, reuniões etc. A internet não as exclui. E por fim, fizemos a análise do blog tentando responder ao questionamento da contribuição da comunicação para a construção da associação enquanto movimento social.

Esperamos que o trabalho ajude o leitor a compreender o movimento anarcopunk e contribua para uma desmitificação em torno do movimento. Quando do início da pesquisa para o trabalho, houve questionamentos por parte de integrantes do MAP-SP sobre o nosso objetivo, diziam estar cansados de serem explorados, já que, de acordo com eles, muitos que não são punks ganham em cima deles e não dão nenhum tipo de retorno. Este trabalho pretende então contribuir para a legitimação do movimento anarcopunk e para a sua memória, para que outros que venham a conhecer os ideais e a se interessar pelo punk tenham material para se referenciar. Também esperamos contribuir para o conhecimento acumulado sobre comunicação para a cidadania e identidades, percebendo a importância da comunicação nos movimentos sociais e de contracultura.

2 MOVIMENTO PUNK E ANARQUISMO

O movimento punk se aproxima do anarquismo desde sua origem. Anarquismo, etimologicamente, significa "sem governo". Aqueles que compartilham dessa ideologia visam o indivíduo sem representantes, autogestionário, como explica Caio Túlio Costa em "O que é Anarquismo", e combatem o Estado, a autoridade.

> Consideram-no seu inimigo. Bakunin enlaça o conceito de Estado com o de Deus e os proclama principais adversários da liberdade humana. Proudhon não cansa de repetir que o governo do homem pelo homem é a servidão e define dramaticamente o que é ser governado: "é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não têm nem o título, nem a ciência, nem a virtude (...)." (COSTA, 1982: p.17)[7]

Há punks de classes e setores explorados e dominados pelo sistema: proletários, desempregados, advindos da periferia e do gueto e que, assim como os/as anarquistas, compartilham os mesmos antagonismos de suas vidas em relação ao capitalismo e veem na classe dominante, no Estado e na Igreja uma imposição de valores, moral e propostas que não correspondem a sua realidade ou que os excluem ainda mais do centro de tomada de decisões.

O movimento punk explodiu na Inglaterra na década de 1970, encampado em sua maioria por jovens desempregados que sofriam na pele as consequências da crise econômica da época. Junte-se a isso uma crise de ideologias: o movimento hippie de paz e amor estava sendo absorvido pelo mercado, as contradições do capitalismo se agravavam mesmo depois de todos os esforços dirigidos para uma tentativa de autogestão que culminaram em Maio de 68 com a greve geral na França e em outros países, somadas a variados protestos e ações

---

[7] Restante do trecho presente no livro de Caio Túlio Costa: (...) "Ser governado é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, notado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, rotulado, admoestado, impedido, reformado, reenviado, corrigido. É sob pretexto da utilidade pública e em nome do interesse geral, ser submetido à contribuição, utilizado, resgatado, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; e depois, à menor resistência, à primeira palavra de queixa, reprimido, multado, vilipendiado, vexado, acossado, maltratado, espancado, desarmado, garroteado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído e , no máximo grau, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o governo, eis a sua justiça, eis a sua moral! (...) Oh! personalidade humana! Como foi possível deixares-te afundar, durante sessenta séculos, nesta abjeção?' Proudhon esqueceu-se de acrescentar: torturado." p.17 e 18

contraculturais; e o autoritarismo dos governos em todo o mundo e na própria Inglaterra: ditaduras na América Latina, governo da primeira ministra Margaret Thatcher, do partido conservador. O resultado foi a explosão punk. Mas é preciso ressaltar que sua origem se dá já em 1965 nos Estados Unidos, na fase considerada por alguns autores como pré-punk ou estágio glacial[8].

Havia toda uma conjuntura que possibilitaria o surgimento do punk. Rafael Lopes de Sousa (2002), em sua dissertação "Punk: cultura e protesto", traz à tona a formação da juventude enquanto categoria social. Segundo o autor, na Idade Média não havia infância, as crianças eram inseridas no meio adulto sem nenhum tipo de preparação e na socialização com os adultos e com a família aprendiam os ofícios necessários para a vida. Somente com a ascensão da burguesia e o avanço das técnicas, começa a ser necessário uma maior especialização do jovem para o trabalho, e é aí que surgem as escolas[9].

> No decorrer dos séculos XV e XVI, um novo sentimento de infância vai se desenvolvendo nas sociedades européias, deixando para trás aquela infância mal compreendida da sociedade tradicional. Nesse momento, a instituição escolar desponta como a grande responsável pela consolidação de um novo sentimento de infância, pois, doravante, é na escola que a criança passa a maior parte de seu tempo, até ficar suficientemente madura para ingressar no mundo adulto. (SOUSA, 2002: p.24)

A escola também é a base da formação de uma ideologia específica de contestação aos valores pré-concebidos pelo mundo dos adultos por parte da juventude, como explica Sousa. Com o passar das épocas e de acordo com as necessidades do sistema, as escolas se organizaram de modo a ter horário fixo de estudo, separação por faixa etária e sexo, e uma rigidez que reprimia as manifestações jovens. Mas é exatamente esse sentimento de rebeldia, muitas vezes sufocado pelas instituições modernas, que torna a juventude visível e contribui

---

[8] Antônio Bivar, em seu livro "O que é punk?", classifica a fase como pré-punk, já o historiador Yuriallis Fernando Bastos prefere o termo "estágio glacial", "que compreende desde 1965, ano em que surgem nos Estados Unidos as bandas The Stoogs, Velvet Underground e outras, até o momento anterior ao surgimento do Punk inglês." p.296 Segundo o autor, nesse período o movimento ainda se restringia a proposta de retorno à simplicidade, contrapondo a música hippie, muito psicodélica e com utilização de aparelhagem eletrônica complexa.

[9] Existem outras linhas de reflexão sobre o surgimento das escolas. Para saber mais ler CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.

para sua consolidação enquanto categoria social. Devemos realçar, porém, que o educador pode contribuir para uma educação libertária, que emancipe o indivíduo. O conhecimento e o pensar criticamente se aprendem também na escola.

A partir da Primeira Guerra Mundial percebe-se um comportamento da juventude opositor aos valores vigentes na sociedade, embora não possamos estender a reflexão a todas as parcelas de jovens da época. A guerra, fome e pobreza, provenientes dela, geraram um sentimento inicialmente de pessimismo e descrença no futuro, potencializados pela Segunda Guerra Mundial[10]. Em meados da década de 1950 o *boom* tecnológico popularizou o cinema, a imprensa, rádio e TV, dessa forma os jovens articularam-se em torno de novos referenciais e criaram formas autênticas de manifestação.[11] A juventude enfim ganha papel de destaque na sociedade.

> Na busca de autonomia e liberalização dos propósitos familiares, o cinema e a música aparecem como duas modalidades da constituição de sociabilidade da juventude: eles serão seus referenciais mais imediatos e, também, os veículos de suas manifestações mais autênticas. (SOUSA, 2002: p.34)

Se por um lado a juventude se apropria desses novos canais para suas manifestações (algo positivo), o progresso ininterrupto da técnica burocratiza a produção das artes e torna tudo comerciável. A reflexão que se tem é que a lei é consumir. E os meios de comunicação propiciam o marketing e a propaganda necessários para efetivar esse consumo. Como bem problematiza Edgar Morin (1969) em "Cultura de Massas no século XX - Vol. I Neurose", há um sincretismo entre o real e o imaginário, e a vida privada entra no circuito comercial e industrial. A fragmentação do trabalho, cada vez mais especializado, tornando o trabalhador alienado da totalidade da produção, impulsiona uma fuga para o lazer, para a vida privada. Mas, para Morin, até isso o sistema controla. A elevação das possibilidades de consumo e a

[10] Trabalhamos esse conceito a partir das reflexões de Souza e Guy Debord. Debord expressa o pessimismo no futuro em seu livro "A Sociedade do Espetáculo", lançado em 1967. Mas parece que em vez de inspirar a juventude negativamente, o contexto da época impulsionou ações efetivas em prol de uma nova sociedade, a exemplo das manifestações de Maio de 68 e a Revolução Cubana, iniciada em 1959, mas ainda em andamento na década de 1960.

[11] SOUSA, Rafael Lopes. Punk: Cultura e Protesto. Edições Pulsar. São Paulo, 2002. p.32

industrialização da arte tornam o lazer também comerciável. Nas horas de descanso o trabalhador assiste a um programa de entretenimento na TV ou o escuta no rádio (ao invés de estudar, por exemplo), nas viagens o registro dos lugares onde se passa é mais importante que as sensações que a experiência permite. A imagem da família perfeita, da mulher ideal, da casa ideal, enfim, da vida ideal (que propicia a felicidade) é difundida pelos meios de comunicação hegemônicos. E as pessoas passam a viver para realizar seus desejos de consumo (para serem felizes).[12]

> As imagens se aproximam do real, ideais tornam-se modelos, que incitam a uma certa práxis... Um gigantesco impulso do imaginário em direção ao real tende a propor mitos de auto-realização, heróis modelos, uma ideologia e receitas práticas para a vida privada. Se considerarmos que, de hoje em diante, o homem das sociedades ocidentais orienta cada vez mais suas preocupações para o bem-estar e o standing por um lado, o amor e a felicidade por outro lado, a cultura de massa fornece os mitos condutores das aspirações privadas da coletividade. (MORIN, 1969: p.90)

O filósofo francês Guy Debord lançou em 1967 o ontológico "A sociedade do espetáculo" em que fez uma crítica ferrenha à vida moderna que prefere a imagem e a representação ao realismo concreto e natural, a aparência ao ser, a ilusão à realidade, a imobilidade à atividade de pensar e reagir com dinamismo, conforme explicita Bahia, 2005[13].

Segundo Debord, o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social[14], e quanto mais se consome os produtos e conceitos difundidos pela classe dominante, mais o indivíduo aliena daquilo que ele é e do que potencialmente pode vir a se tornar, ou seja, das transformações que pode inferir. Na sociedade moderna o consumo é tido como a afirmação do ser social. Parece que o tema é: consumo, logo existo.

---

[12] A intenção deste trabalho não é refletir sobre como as transformações técnicas e as modificações das condições de vida dos trabalhadores, em geral, possibilitaram o surgimento de uma cultura de massas e de uma individualização cada vez maior da existência humana. Sastisfaz-nos por agora a reflexão de que há um sincretismo entre o real e o imaginário. Para saber mais do assunto ver MORIN, Edgar. Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo. vol. I Neurose. Ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

[13] Artigo escrito por José Aloise Bahia em 25/01/2005 publicado no site "Observatório da Imprensa". http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-sociedade-do-espetaculo

[14] DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2011.

"A sociedade do espetáculo" juntamente a *Internacional Situacionista*[15], da qual Debord fazia parte, influenciaram as revoltas operárias e estudantis que tiveram ápice em Maio de 1968. E pode-se dizer, assim, que influenciaram o movimento punk, também crítico da dominação do Estado e da mercantilização de tudo.

Outros dois movimentos, filosóficos e contraculturais, influenciaram o movimento punk: o existencialismo, que coloca o indivíduo como responsável por suas ações e por tudo o que ele representa; e o minimalismo, que propunha, em poucas palavras, a dessacralização e democratização da produção artística através da utilização do mínimo necessário para a arte. E o punk incorpora bem isso em suas músicas, no visual e nos fanzines. Esses movimentos também tiveram ápice em 68.

É sobre o surgimento do punk no mundo e no Brasil que tratamos nesse capítulo, assim como sua aproximação com as ideias anarquistas e o aparecimento do que convencionamos chamar de movimento anarcopunk.

2.1 CONCEITO DE ANARQUISMO E ANARQUISMO NO BRASIL

O anarquismo sempre foi um conceito pouco compreendido, a confusão talvez se dê pela variedade de formas de abordagem e ação dentro deste[16]. Woodcock (2002: p.8) em "História das ideias e movimentos anarquistas" enfatiza:

> não raro o anarquismo é erroneamente equiparado ao niilismo e ao terrorismo e a maioria dos dicionários apresenta pelo menos duas definições de anarquista. A primeira o descreve como um homem que acredita ser preciso que o governo morra para que a liberdade possa viver. A outra vê nele um mero promotor da desordem, que não oferece nada para colocar no lugar da ordem que destruiu. Essa última concepção é a mais aceita pela opinião pública. O estereótipo do anarquista é o

[15] A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento de cunho político e artístico, ativo no final da década de 1960. Aspirava por grandes transformações políticas e sociais. A primeira IS foi desfeita após o ano de 1972.

[16] A título de curiosidade, pesquisamos no dicionário o significado de anarquia e encontramos: "**1**.Negação do princípio de autoridade. **2**.Estrutura social sem dominação. **3**.Inexistência de governo, chefe, autoridade. **4**.Desordem." (ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996)

> assassino a sangue frio, que ataca com punhais e bombas os pilares simbólicos da sociedade estabelecida. Na linguagem popular, anarquia é sinônimo de caos.

Mas o anarquismo nunca pretendeu estabelecer o caos. Etimologicamente, a palavra grega original, *Anarchos*, significa "sem governo", tanto na condição negativa de ausência de governo quanto da positiva, por ele ser desnecessário à manutenção da ordem. O ativista libertário Sebastien Faure disse que "todo aquele que contesta a autoridade e luta contra ela é um anarquista" (apud WOODCOCK, 2002: p.7). É fato que todo anarquista contesta a autoridade, mas nem todo contestador é anarquista. Alguns autores refletem sobre a origem do anarquismo e quem teria sido o primeiro anarquista, o francês Lechartier (segundo Woodcock) chegou a creditar a Jesus Cristo o título de verdadeiro fundador da anarquia. Como comenta Woodcock (2002: p.41), os próprios partidários do anarquismo confundiram atitudes revolucionárias e libertárias com anarquia, mas "o anarquismo como tendência desenvolvida, articulada e facilmente identificável só aparece na era moderna de revoluções sociais e políticas conscientes".

É com o colapso do feudalismo e o aparecimento do nacionalismo e do Estado centralizado moderno que, em consequência, são desenvolvidas correntes libertárias que amadureceriam no século XIX. Sendo o conceito de anarquia amplamente divulgado de maneira negativa, teóricos libertários não se intitulavam anarquistas. O primeiro a se chamar, voluntariamente, de anarquista foi Pierre-Joseph Proudhon (1809 - 1865)[17], que em 1840 publicou o livro "O que é propriedade?" em que conclui: "a propriedade é um roubo".

Caio Túlio Costa, em "O que é anarquismo?" (1982), não considera Proudhon como o fundador do movimento anarquista, esta honra cabe a Bakunin[18], mas certamente Proudhon

---

[17] Para biografia de Proudhon e de outros nomes significativos do anarquismo ver "Costa, Caio Túlio. O que é anarquismo? São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982" e "Woodcock, George. História das ideias e movimentos anarquistas - Vol. 1 e 2. Porto Alegre: Ed. L&M Pocket , 2002"

[18] Teórico-político russo. Deixou a Rússia em 1842 e em Paris conheceu teóricos como Karl Marx, Proudhon e George Sand. Foi deportado de várias localidades pelos seus discursos a favor da anarquia. Participou de barricadas, foi preso e condenado a morte, escapando sempre. Participou do Associação Internacional do Trabalho e depois fundou a Aliança Internacional da Democracia (regida pela Fraternidade Internacional -

pode ser considerado um dos fundadores da anarquia. Entre suas ideias, a defesa do mutualismo: produtores unidos por um sistema de livres contratos. A partir de Proudhon surgem outros conceitos e o anarquismo vai ganhando variadas correntes e interpretações. De seu legado, compartilhado por todos os/as anarquistas em geral, as ideias de descentralização do poder, o federalismo[19] e o controle direto da produção por parte dos trabalhadores (autogestão). Neste trabalho compartilhamos da visão de Woodcok (2002: p.11 e 12) que trata o anarquismo "como um sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente - pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo -, a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamental entre indivíduos livres".

Outras correntes anarquistas devem ser consideradas e aqui as descrevemos resumidamente. São elas o coletivismo, anarcocomunismo, anarcocristianismo e anarcossindicalismo.

No coletivismo, a propriedade dos meios de produção, distribuição e troca devem ser socializadas, administradas coletivamente pelos próprios trabalhadores reunidos em pequenas associações por afinidade onde cada um deles produz segundo a sua vontade (ou segundo o acordado) e cada um deve receber o produto de seu trabalho segundo seu mérito particular. Estas associações, por sua vez, estariam confederadas através do princípio federativo.

No entanto este sistema federal deve buscar, segundo os/as coletivistas, respeitar e mesmo ampliar a autonomia das associações que autogestionam os meios de produção. Essa corrente foi defendida por Michail Bakunin (1814 - 1876), que em 1868 discursa a Marx o que seria hoje os fundamentos do coletivismo:

---

sociedade secreta também fundada por Bakunin) para atuar dentro da I Internacional. Influenciou vários anarquistas e destacadamente a política italiana.

[19] Em sua forma original, bem como na definição normativa, o federalismo se caracteriza pela não-centralização, isto é, pela difusão dos poderes entre muitos centros, nos quais a autoridade não resulta da delegação de um poder central, mas é conferida por sufrágio popular.

> "Detesto a comunhão, porque é a negação da liberdade e porque não concebo a humanidade sem liberdade. Não sou comunista, porque o comunismo concentra e engole, em benefício do Estado, todas as forças da sociedade; porque conduz inevitavelmente à concentração da propriedade nas mãos do Estado, enquanto eu proponho a abolição do Estado, a extinção definitiva do princípio mesmo da autoridade e tutela, próprios do Estado, o qual, com o pretexto de moralizar e civilizar os homens, conseguiu até agora somente escravizá-los, persegui-los e corrompê-los. Quero que a sociedade e a propriedade coletiva ou social estejam organizadas de baixo para cima por meio da livre associação e não de cima para baixo mediante a autoridade, seja de que classe for. Proponho a abolição do Estado, proponho ao mesmo tempo a abolição da propriedade pessoal recebida em herança, a qual não é senão uma instituição do Estado, uma consequência direta dos princípios do Estado. Eis aí senhores por que eu sou coletivista e não comunista". (apud COSTA, 1982: p.21 e 22)

O anarquismo combate o autoritarismo, seja ele feito pela classe proprietária ou pelos operários[20]. Nesse sentido, se opõe ao socialismo e ao comunismo de Estado, defendido por marxistas e trotskistas, que compartilham a ideia da tomada de poder pela classe dos trabalhadores e a criação de um Estado popular. Os/as anarquistas propõem a abolição completa do Estado. Bakunin participou da Primeira Internacional (Associação Internacional dos Trabalhadores - A.I.T.), historicamente a primeira organização da classe trabalhadora que se propunha de caráter internacional. Fundada oficialmente em Londres em 1864, teve participação de proudhonianos, marxistas, bakuninistas e anarcossindicalistas. Mas a polarização das discussões entre Marx e Bakunin resultou na expulsão deste último da organização. Karl Marx tinha ideias rígidas a respeito do futuro que queria dar à Internacional e as ideias anarquistas iam de encontro a seus planos.

Costa (1982: p.70) explica que "Marx concebia a Internacional como um movimento sob uma direção central e unificada, apesar de permitir uma relativa liberdade às seções internacionais. Para Bakunin, cada movimento, não só nacional, mas local, deveria ter completa autonomia para formular sua própria política sem receber instruções de fora".

---

[20] Como relata Kropotkin em "A ciência moderna e o anarquismo" (apud Woodcok, 2002:p.23), "o anarquista imagina uma sociedade na qual as relações mútuas seriam regidas não por leis ou por autoridades auto-impostas ou eleitas, mas por mútua concordância de todos os seus interesses e pela soma de usos e costumes sociais - não imobilizados por leis, pela rotina ou por superstições - mas em contínuo desenvolvimento, sofrendo constantes reajustes para que pudessem satisfazer as exigências sempre crescentes de uma vida livre, estimulada pelos progressos da ciência, por novos inventos e pela evolução ininterrupta de ideais cada vez mais elevados. Não haveria, portanto, autoridades para governá-la. Nenhum homem governaria outro homem; nem cristalização nem imobilidade, mas contínua evolução - tal como a que vemos na Natureza".

Outras divergências podem ser citadas, como a questão do apoio tático à burguesia para implementação de reformas. Marx considerava uma boa estratégia como meio de garantir direitos políticos aos trabalhadores, mas Bakunin era literalmente contra qualquer tipo de apoio à burguesia.

Bakunin influenciou vários anarquistas, seu discípulo de maior destaque foi Piort Kropotkin (1842 - 1921), um russo defensor do anarcocomunismo. Kropotkin era contrário ao uso da violência[21] como método e desenvolveu as ideias do anarcocomunismo combinando conceitos das duas doutrinas. "O que o distingue das outras doutrinas libertárias é a ideia da livre distribuição (...), onde cada indivíduo participa com seu trabalho e cada um retira de acordo com seus desejos" (COSTA, 1982: p.57). Kropotkin retomou a ideia do trabalho agradável e suas teorias disseminaram rapidamente, com adesões de italianos como Errico Malatesta[22] (1853 - 1932).

Sobre o anarcocristianismo, seu maior difusor foi Leon Tolstoi (1829 - 1910). Influenciado pelos escritos de Proudhon e as ideias de Kropotkin, Tolstoi, em seus livros, deixa transparecer o desejo por uma universal fraternidade humana atuando através da negação da obediência (não servindo ao exército, à polícia, não pagando impostos, por exemplo). Suas obras influenciaram Gandhi na luta pela independência da Índia e Martin Luther King nos Estados Unidos na luta pela emancipação de pobres, negros e mulheres. Algumas conceituações declaram o anarquismo cristão ter base nos ensinamentos de Jesus,

---

[21] Sobre a questão da violência, o que é comum aos anarquistas é a concordância de que "o homem possui, por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social. Não acreditam que o homem seja bom por natureza, mas estão convencidos de que o seja por natureza social" (Costa, 1982: p.16). Ou seja, a violência é também fruto das relações sociais. Alguns anarquistas empregaram a violência como tática ou sendo necessária para a revolução, como Bakunin; outros eram totalmente contra o uso da força, como Tolstoi. Não se pode dizer que anarquia é sinônimo de violência, os métodos e correntes anarquistas são variados, não cabe uma generalização.

[22] Anarquista italiano, influenciou atitudes libertárias na América do Sul. Publicou vários jornais, a exemplo do "Umanitá Nova" publicado ainda na década de 1980. Defendia o sindicalismo como meio de combate. Discordava do espontaneísmo e achava necessário aliar-se com os socialistas revolucionários para realizar a Revolução. Propôs a formação de um partido socialista anárquico revolucionário e foi criticado intensamente por outros teóricos anarquistas.

defendendo que a única autoridade legítima é Deus e repudiando qualquer autoridade secular[23].

Quanto ao anarcossindicalismo, este surge como resultado da penetração das ideias anarquistas no seio do movimento operário, como explica Paulo Aguena (2006), em artigo para o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado[24]. Aguena comenta inicialmente as diferenças entre o anarquismo e o comunismo de Estado. O anarquismo nega o Estado e defende a passagem imediata do capitalismo para o comunismo, mas um comunismo de indivíduos autogestionários. Já os partidários de Marx e Trotsky defendem a necessidade de uma transição, um estágio entre o sistema atual e o que se pretende alcançar, que seria o socialismo, caracterizado pela "ditadura do proletariado", onde a classe operária lutaria pela supressão total das classes.

Woodcok (2002: p.26) reflete também as diferenças entre marxistas e anarquistas. Como explica, os/as marxistas "desprezam o primitivo, considerando-o um estágio já esgotado da evolução social; para eles, tribos, camponeses, pequenos artesãos, todos devem juntar-se à burguesia e à aristocracia no montão de refugos da história". Já indivíduos anarquistas veem no camponês uma figura anárquica pela sua proximidade à natureza e à vida simples. O anarquismo concebe a simplicidade como um ideal de liberdade:

> Recursos suficientes para permitir que o homem seja livre - esse é o limite das exigências materiais do anarquista. (...) o anarquista vê o progresso não como o acúmulo constante de bens materiais ou como a complexidade crescente de estilos de vida, mas em termos de uma moralização da sociedade através da supressão da autoridade, da desigualdade e da exploração econômica. Uma vez atingidos esses objetivos, será possível retornar à situação em que os processos naturais voltarão a exercer sua influência sobre a vida das sociedades e dos indivíduos, e então o homem poderá desenvolver-se interiormente, de acordo com o espírito que o torna superior aos animais. (WOODCOK, 2002: p.30 e 31)

---

[23] Sobre anarquia e cristianismo ver: ELLUS, Jacques. Anarchie et Christianisme. Lyon, France: Atelier de creation libertarie, 1988. Obra em português disponível em: http://www.ebah.com.br/ - Acesso em 08 de outubro de 2011.

[24] Paulo Aguena é sindicalista e compõe a direção do PSTU. Artigo presente no link http://www.pstu.org.br/jornal_materia.asp?id=4935&ida=0 - Acesso em 20 de setembro de 2011.

Voltando à questão do anarcossindicalismo, Aguena (2006) explica que essa vertente do anarquismo surgiu oficialmente na Espanha com a fundação da Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNT) em 1910, resultando da influência do sindicalismo revolucionário[25] francês sobre o anarquismo. O anarcossindicalismo nega a importância da luta política partidária, a luta parlamentar e defende a exclusividade dos sindicatos na luta pela emancipação da sociedade. Também enfatiza o papel do sindicato não só como órgão de luta, mas também como núcleo básico da sociedade anarquista. A ação direta é utilizada como método, que seriam as greves, boicotes, ocupações dos locais de trabalho, ações imediatas para soluções imediatas (como as questões trabalhistas).

Essa corrente do anarquismo teve maior expressão em países como Itália, Portugal e Espanha. Trabalhadores desses países, imigrantes no Brasil, foram responsáveis pela difusão dessa corrente anarquista em terras tupiniquins.

Nas pesquisas feitas para este trabalho, encontramos conceituações de anarcossindicalismo no Brasil que o caracterizam como um movimento do período que vai da Proclamação da República e as primeiras imigrações pós escravidão até o Governo Vargas, onde a institucionalização e burocratização das associações de trabalhadores anulou seu caráter verdadeiramente anarquista.

Segundo Lorena Duarte (2007: p.30) em artigo para a Revista Em Debate, publicação eletrônica vinculada ao Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO) da Universidade Federal de Santa Catarina, as primeiras agremiações de caráter trabalhador no Brasil datam ainda do final do século XIX, tendo como principais focos o Sul e o Sudeste do País, onde foi mais maciça a imigração proletária européia. "Eram majoritariamente trabalhadores de

[25] "Na França, na Itália e também nos EUA surgiu uma corrente sindical que se auto-intitulava “revolucionária”. Ela cresceu sob o protesto natural das massas operárias contra a política conciliadora dos partidos socialistas, contra o parlamentarismo reformista e as traições sistemáticas ao proletariado. Os principais teóricos desta corrente foram o sociólogo francês Georges Sorel (1847-1922) e o economista e sindicalista italiano Arturo Labriola. Ambos foram dirigentes dos partidos socialistas de seus países" (Aguena, 2006).

fábrica, com destaque para os setores têxtil e ferroviário que trouxeram os ideais ali efervescentes de resistência e de dignidade nas condições e relações de trabalho".

Essas agremiações (sindicatos) eram organizados horizontalmente, sem a figura de um líder sindical, e as negociações se davam diretamente entre patrão e trabalhador. Os imigrantes anarquistas logo fundavam jornais e periódicos como forma de organizar a luta operária e estabelecer uma comunicação entre os sindicatos. Podemos destacar, por exemplo, “O Operário”, de 1892 e “A questão social”, de 1895. Como explica Claudia Feierabend Leal (2006: p.97), "a imprensa foi constantemente utilizada pelos anarquistas para reforçar a sua atuação e divulgar seus princípios. Os jornais libertários eram impregnados de significado político".

A repressão era tão forte quanto o movimento que se inaugurava, a exemplo da greve geral de 1917 ocorrida em Sorocaba. A greve se iniciou no setor têxtil e alcançou diversos outros setores, conseguindo apoio inclusive dos comerciantes, e na qual foi morto o trabalhador Gimenez Martinez. Os grevistas, além de aumento de salários, exigiam a liberdade de associação, o respeito e colaboração nas negociações, a garantia de permanência dos empregados grevistas e a melhoria das condições materiais do operariado. Mas como reflete Alexandre Ribeiro Samis (2006: p.64),

> é bem verdade que as discriminações pelas quais passaram os anarquistas, ao menos nos primeiros tempos da República, não se devem exclusivamente à natureza de suas reivindicações. Quase sempre a "pecha" de anarquista era a síntese de diversos estereótipos que culminavam na identificação dos libertários como inimigos da ordem pública. O imigrante involuntariamente ocioso, o operário mais radical e até mesmo desempregados em agudas crises de violência podiam ser identificados como anarquistas. O termo tornava-se amplo na mesma proporção dos problemas insolúveis que chegavam às delegacias na época.

Com muita luta as reivindicações do operariado são legalmente atendidas, embora na prática a situação continuasse a mesma. É relevante esclarecer as condições de vida dos trabalhadores, que viviam em cortiços sem saneamento básico, não tinham limite de horas de trabalho e recebiam salários baixíssimos que obrigavam mulheres e filhos a trabalharem

também. O ideal anarquista, de supressão das classes e disparidades, e a autogestão do trabalhador atraiam os operários à doutrina.

Getúlio Vargas é o grande responsável pela burocratização dos sindicatos brasileiros[26]. A consolidação do processo industrial colocou em pauta as questões trabalhistas, e as reivindicações já conquistadas legalmente se efetivaram com a criação do Ministério e da Justiça do Trabalho, na década de 1930. Em 1931, Vargas regulamenta a organização sindical através do decreto 19770, como comenta Lorena Duarte (2007: p.32): "o sindicato passa do contexto de movimento popular de resistência para o quadro administrativo-burocrático estatal, cumprindo funções e requisitos de criação e manutenção listados em lei".

A partir dessa época, o movimento perde seu caráter libertário e revolucionário e as reivindicações dos trabalhadores muitas vezes se limitam a questões salariais, condições e jornada de trabalho. Os/as anarcossindicalistas continuam atuando, mas os sindicatos em si fazem parte do aparelho estatal. Apenas na década de 1980 os sindicalistas ganham novo destaque com a apresentação de uma proposta alternativa de sociedade: a criação do Partido dos Trabalhadores (PT)[27].

---

[26] Após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, instalou-se no mundo ocidental um clima de ódio aos comunistas chamados de o "perigo vermelho". Vargas, com o pretexto de impedir uma revolução comunista no Brasil, aplica um golpe de Estado em 1937 inaugurando o Estado Novo. Uma nova constituição foi outorgada. Apesar da fachada anti-comunista do golpe, Vargas era alinhado ao Partido Comunista soviético, que propunha um modelo de sindicato único e hierarquizado. "A preocupação do novo regime era neutralizar e anular a influência política do operariado, fazendo os trabalhadores ligarem-se aos sindicatos. O princípio norteador dessa política trabalhista foi a concepção corporativa do fascismo, que consistia na negação da luta de classes e na afirmação da colaboração entre elas. Esse princípio não reconhecia, portanto, as diferenças de interesses entre patrões e empregados, colocando acima das contradições de classe o suposto interesse, mais geral, da "nação". Por isso, pela Constituição de 1937, as greves e o lockout foram proibidos, por serem "recursos anti-sociais, nocivos ao trabalho e ao capital, incompatíveis com os superiores interesses nacionais". A autonomia sindical foi finalmente liquidada com a instituição do Imposto Sindical, cobrado compulsória e anualmente de todos os trabalhadores e equivalente a um dia de trabalho. Esse imposto - destinado a remunerar o pessoal encastelado no aparato burocrático sindical - era recolhido pelo Ministério do Trabalho, que então fazia a redistribuição entre os sindicatos. Assim, os sindicatos tornaram-se entidades dependentes do Estado e, portanto, facilmente manipuláveis por ele." http://www.culturabrasil.org/estadonovo.htm - Acesso em 08 de outubro de 2011.

[27] Composto por dirigentes sindicais, intelectuais de esquerda e católicos ligados à Teologia da Libertação, no dia 10 de fevereiro de 1980 no Colégio Sion em São Paulo, foi assinado o manifesto de Lançamento do Partido dos Trabalhadores. O PT foi fundado com um viés socialista democrático, e surge na época das greves da década de 1970 que abriram caminho para uma reorganização dos trabalhadores. Por conta do golpe militar de 1964, a Confederação Geral dos Trabalhadores foi dissolvida e os sindicatos estavam completamente dominados pela burocracia estatal. A pressão pela reabertura do sistema e as greves foram o contexto para a criação de um partido dos trabalhadores. Sobre o partido ver: http://www.pt.org.br -Acesso em 08 de outubro de 2011

As ideias disseminadas pelos trabalhadores anarquistas criaram uma cultura anarquista no Brasil. Em 1933, cerca de vinte anarquistas de São Paulo fundaram o Centro de Cultura Social, que "atravessou décadas com interrupção de suas atividades nos períodos de recrudescimento da repressão, durante os vários governos ditatoriais instalados ao longo da República" (Biondi, 2006: nota 16). O CCS, reaberto em 1985, ainda promove debates, conferências, exposição de materiais, teatro, etc na cidade de São Paulo. E o anarquismo segue ganhando adeptos ainda hoje.

Neste trabalho vale destacar a atuação de Emma Goldman (1869 - 1940), nascida na Rússia e emigrada para os Estados Unidos ainda jovem, uma das primeiras mulheres que "escreveu, amou e combateu pelo anarquismo. Foi uma das maiores defensoras da emancipação e dos direitos da mulher, pioneira na defesa dos anticoncepcionais" (COSTA, 1982: p.63). Emma criticou aqueles que achavam que a emancipação da mulher viria pelo direito ao voto e proclamava que amor e casamento não tinham nada em comum. Participou de várias conferências colaborando para a causa libertária. Outros teóricos anarquistas também pensavam na liberdade da mulher, como Bakunin por exemplo[28].

Mas pode-se dizer que depois da Segunda Guerra Mundial, as questões de gênero e identidade ganharam mais destaque. Maio de 1968 é tido como um marco na história porque fecha uma fase do anarquismo, dentre outras coisas. Com o enfraquecimento da Associação Internacional dos Trabalhadores (devido às guerras mundiais e aos períodos de autoritarismo) e a nova conjuntura política e social propiciada pelos meios de comunicação, o anarquismo deixa de atuar principal e unicamente na esfera do trabalhador e ganha uma atuação mais cultural, preocupada com o meio ambiente, antenada às novas comunidades e identidades. Um

[28] Bakunin coloca que o indivíduo "partiu da escravidão animal, e atravessando a escravidão divina, termo transitório entre sua animalidade e sua humanidade, caminha hoje rumo à conquista e à realização da liberdade humana."A sociedade, a coletividade, neste sentido, não seria um empecilho para a liberdade, mas uma condição de sua própria realização. A liberdade individual, portanto, só pode existir dentro da liberdade coletiva. Essa perspectiva coletiva da liberdade impede que uma pessoa seja livre sozinha: "só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, **homens e mulheres, são igualmente livres**". http://www.anarkismo.net/article/17395 - Acesso em 8 de outubro de 2011

destaque a ser feito é o jornal brasileiro "O Inimigo do Rei", publicado por estudantes em 1977 e que inova a abordagem anarquista com uma linguagem menos formal, mais influenciada pela contracultura[29]. Em 1968 acontece uma greve geral na França de repercussão mundial e ali já se vê um movimento artístico, musical muito forte. O anarcopunk, que seria a junção de ideias punks com anarquistas, surge desse contexto e inaugura uma nova corrente anarquista.

É inegável a importância dada à cultura e à comunicação pelo movimento anarquista. Como explica Carneiro (2002: p.32 apud SILVA, 2006: p.115), "é por meio do discurso oral ou escrito que as ideias circulam, seduzindo, reelaborando valores e gerando novas atitudes". E é a expressão cultural (ou contracultural) retomada a partir da década de 1970 que culmina em novas formas de anarquismo como o anarcopunk, que tratamos mais à frente neste capítulo. Antes é preciso lembrar o surgimento do movimento punk no mundo e no Brasil.

2.2 MOVIMENTO PUNK NO MUNDO E NO BRASIL

Há divergências entre autores quanto ao surgimento do punk. Para uns ele nasce na Inglaterra com os Sex Pistols, para outros nasce nos Estados Unidos com os Ramones. Neste trabalho nos valemos da data defendida pelo historiador Yuriallis Fernandes Bastos: 1965. Em 1965, no estado da Califórnia - Estados Unidos (EUA) - surge a banda Velvet Underground, apadrinhada pelo artista plástico Andy Warhol[30]. O estilo musical da banda foi batizado de

---

[29] Sobre o Jornal Inimigo do Rei ver: PINTO, Leonardo Carvalho. O inimigo do Rei: um jornal anarquista. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.133-146

[30] Andy Warhol foi um empresário, pintor e cineasta norte-americano, bem como uma figura maior do movimento de pop art. Era filho de pais originários da Eslováquia que migraram para os Estados Unidos durante a Primeira Grande Guerra. Warhol formou-se em designer e trabalhou como ilustrador para revistas como Vogue, Harper's Bazaar e The New Yorker, além de fazer anúncios publicitários e displays para vitrines de lojas. Nos anos 1960 passa a se utilizar dos motivos e conceitos da publicidade em suas obras, com o uso de cores fortes e brilhantes e tintas acrílicas. Reinventa a pop art (que surgiu na década de 1950 e ganhou o nome devido ao artista britânico Lawrence Alloway) com a reprodução mecânica e seus múltiplos serigráficos são temas do cotidiano e artigos de consumo, como as reproduções das latas de sopas Campbell e a garrafa de Coca-Cola,

"punk"[31] pelo jornalista Legs Mcneil, ex-editor das revistas "Punk", "Never" e "Spin". O Velvet foi a primeira banda a ser "tachada" oficialmente de punk. Neste mesmo ano foi formada na cidade de Detroit, a banda MC5. O movimento punk começa a se firmar, encampando ideais como a construção de uma nova sociedade quebrando valores sociais e morais através da música, estética e manifestações punk[32].

A banda Velvet Underground, liderada por Lou Reed, contestava a Guerra do Vietnã através da música e visual. "Falavam da cena underground em letras cheias de humor negro e batida experimental", afirma Emma Lavigne (2011)[33]. A partir do Velvet, surgiram também The Stooges, New York Dolls, Ramones. Essas bandas propunham o retorno ao rock básico, influenciados pelo minimalismo, e quebravam o distanciamento entre artista e público numa postura de oposição a bandas mais ricas surgidas com o movimento hippie.

Yuriallis Bastos (2005, p.297) relata que desde 1965 "os integrantes destas bandas do punk americano já usavam jaquetas de couro e as calças jeans rasgadas (como depois também

---

além de rostos de figuras conhecidas como Marilyn Monroe, Liz Taylor, Elvis Presley, Che Guevara e símbolos icônicos da história da arte, como Mona Lisa. Estes temas eram reproduzidos serialmente com variações de cores. Além das serigrafias, Warhol também se utilizava de outras técnicas, como a colagem e o uso de materiais descartáveis, não usuais em obras de arte. Do meio da década de 1960 e mais adiante, a partir da década de 1970, Warhol radicaliza a idéia de artista multimídia em seu tempo e passa a militar em outras áreas que incluem a música e o cinema. Seus filmes undergrounds são hoje clássicos do gênero e, entre eles, se destacam Chelsea Girls, Empire e Blow Job (1964). São filmes conceituais, onde "nada acontece", como uma câmera parada filmando um corpo humano ou um edifício a partir de uma janela e chegam a atingir diversas horas de duração. Também fez experiências retratando pessoas célebres no formato Polaroid. Na música, através do grupo de rock Velvet Underground, já nos anos 1970, participou de performances e ajudou a agitar e difundir a cena do glitter rock originária de Londres. Dessa mesma vertente também participam, tanto em Londres, como em Nova York, David Bowie com seu personagem Ziggy Stardust, Lou Reed , Iggy Pop, T. Rex, Kiss, New York Dolls (no Brasil, Secos e Molhados), em que elementos de androginia e ambigüidade sexual são ressaltados através do uso de cílios postiços, purpurinas, saltos altos, batons, lantejoulas e paetês, e enfatizam a decadência de padrões arraigados de comportamento. http://educacao.uol.com.br/biografias/andy-warhol.jhtm- Acesso em 20 de setembro de 2011.

[31] A palavra punk é uma gíria para podre, madeira ruim, o que não presta. Segundo Bivar (1982), o escritor William Shakespeare cita "punk" em uma de suas obras, com a denotação de algo ruim. Caiafa (1985: p.10) também comenta o significado: "'Madeira apodrecida' nos dicionários, pivete. Ou, entre os negros da gangue de Chicago estudada por Keiser, 'being a punk' é o oposto de 'having heart', é tudo o que de pior se pode fazer".

[32] BASTOS, 2005: p.295. Para título de curiosidade, Yuriallis Bastos afirma ter encontrado essa versão do surgimento punk em 1965 na revista "Coquetel: cobrão ultra" (palavras cruzadas). São Paulo, Ediouro, 1999, nº 96, p.12

[33] Vogue Brasil - Julho de 2011. p.98, 99. Depoimento de Emma Lavigne - curadora francesa do Centre Georges Pompidou, responsável pela montagem da exposição "I'm a cliché - Ecos da Estética Punk" no CCBB do Rio de Janeiro - agosto e setembro de 2011; em reportagem de Beta Germano.

usariam os punks ingleses), alguns ainda conservavam cabelos longos, herança do movimento Hippie que em 65 ainda estava em alta".

Mas, certamente, um dos maiores responsáveis pela propagação do punk pelo mundo foi o empresário Malcolm Maclaren. Em 1973, Maclaren recebeu, em sua loja “Let it rock”, a visita da banda de rock norte-americana New York Dolls. O empresário se encantou pelo visual da banda e viajou para Nova Iorque para pesquisar novos estilos que pudessem ser investidos em sua loja, como relata Antônio Bivar (1982: p.29) em "O que é Punk?". Em Nova Iorque, "Maclaren encontrou a cidade e sobretudo os jovens desta cidade influenciados pelo *minimal*, o *beat* e o existencialismo provido de sua tônica nostálgica. Também por isso o colorido psicodélico proposto pelos hippies tinha se diluído e dado espaço à volta do preto que cobrira nos anos 40 e 50 os existencialistas e os beats"[34].

Como também relata Silvio Essinger, em "Punk, anarquia planetária e a cena brasileira" (1999: p.34):

> Tudo ia tranquilamente para ele (Maclaren) até a histórica viagem com Vivianne (Westwood - estilista e esposa de Malcolm) a Nova Iorque em 1973 e a descoberta dos Dolls, uma espécie de realização de suas ideias rock. O impacto do cenário novaiorquino - badalações com Andy Warhol e tudo o mais - foi enorme para o casal. A estilista começou a partir para criações mais autorais, desenvolvendo um conceito mais ousado de moda, com mais couro preto (dos trajes sadomasoquistas) e slogans provocativos estampados em camisetas - era o início da grife Sex. Entediado, Malcolm por sua vez só pensava na nova música de NY. Ele percebeu enfim que, além de roupas e estilo, poderia vender também um movimento pop materializado em uma banda de rock.

Maclaren retorna a Londres e muda o nome de sua loja (antes especializada em roupas para Teddy Boys[35]) para Sex. Em sua cabeça, a consciência de que músicas com não mais de

---

[34] BIVAR, Antônio. O que é Punk?. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasilliense. São Paulo, 1982. p 42. Quanto ao movimento beat, pode-se dizer que foi o embrião do movimento hippie. Era composto por artistas que levavam uma vida nômade ou viviam em comunidade, providos de um sentimento de desapego as coisas materiais.

[35] Os teddy boys, ou “teds”, originalmente um fenômeno britânico, apareceram em meados dos anos de 1950. Seu estilo inclui penteados elaborados, paletós drapeados (com pregas e dobras), engomados, compridos e gravatas estreitas. Se vestiam elegantemente como forma de se opor a sua realidade de jovens sem instrução e desempregados. Nos anos de 1960, na Grã-Bretanha, o desenvolvimento dos teds originou os rockers, que vestiam jaquetas de couro preto, calças jeans e botas, passavam brilhantina no cabelo e dirigiam motocicletas, bem estilo James Dean. http://guerradestilos.blogspot.com/2008/11/teddy-boys-roy-shuker-os-teddy-boys-ou.html - Acesso em 14 de setembro de 2011.

dois minutos de duração e letras que falassem dos problemas sociais urbanos tinham um futuro; e que valia a pena praticar a política situacionista, de confrontos e controvérsias, assim como produzir eventos e gestos que polarizassem atitudes. (BIVAR, 1982: p.42,43).

Em 1974, de volta a Nova Iorque, passa a empresariar os Dolls, nessa época já destroçados pelo álcool e as drogas. A empreitada não deu certo, um a um os integrantes da banda debandavam por causa de drogas. Antes de retornar novamente a Londres, de acordo com Essinger, Maclaren ainda assiste a um show no CBGB[36] e descobre a figura de Richard Hell[37], "sem a menor cerimônia, o futuro introdutor do punk na Inglaterra se apropriou das roupas rasgadas, do cabelo espetado e de toda ideia da *blank generation* de Hell para criar sua própria banda em Londres: os Sex Pistols" (Essinger, 1999: p.36).

Os Sex Pistols surgiram da banda The Strand, composta por Paul Cook na bateria, Warwick Nightingale na guitarra e Steve Jones no vocal. Os integrantes roubavam equipamentos de várias lojas de Londres e o vocalista chegou até a roubar uma mesa de som e microfones de um show de David Bowie (equipamento de som na época era muito caro). O posto de baixista não era fixo, e depois de convencerem Maclaren a assisti-los tocar em 1974, este lhes sugere a entrada de Glen Matlock (atendente de sua loja) no baixo. Posteriormente, Warwick sai da banda, e entra em seu lugar John Lydon nos vocais, depois batizado de Johnny Rotten (Joãzinho Podre) devido a seus dentes estragados. Surge aí os Sex Pistols.

Essinger (1999: p.40) descreve a primeira apresentação em público da banda:

---

[36] O CBGB é um clube de música estadunidense localizado no bairro de Manhattan, em Nova Iorque. O nome completo é CBGB & OMFUG que significa: "Country, Bluegrass, and Blues and Other Music For Uplifting Gormandizers". No começo do clube o público era realmente Country e Blues assim como as bandas que se apresentavam. Em 1965, Lou Reed, Velvet Underground, New York Dolls e The Stooges, do Iggy Pop, começaram a se apresentar no CBGB e o lugar tornou-se muito conhecido como o berço do punk rock. http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1186783-EI6596,00.html - Acesso em 18 de setembro de 2011.

[37] Richard Hell é um cantor, escritor e compositor norte-americano. Foi baixista da banda "pré-punk" Television entre 1973 e 1975. Criou parte da moda punk usando cabelos espetados, roupas rasgadas e com rebites. Em 1977 compôs a música Blank Generation (Geração Vazia), também o título do disco de seu grupo Richard Hell And The Voidoids. O conceito de geração vazia seria utilizado também para descrever a juventude da época, descrente no futuro. http://www.richardhell.com/- Acesso em 18 de setembro de 2011.

> aqueles tais Pistols pareciam uma gangue, com roupas deliberadamente estranhas, com toda a incompetência que lhes era peculiar, eles tocaram uma espécie de caricatura violenta de rock, sem solos ou demais firulas instrumentais. O vocalista avacalhava com as letras das músicas e cuspia no público. O show durou apenas cinco músicas (...) No fim de tudo, ninguém aplaudiu. Ou seja: não poderia ser mais bem sucedida a estreia dos Sex Pistols. Os shows que se seguiram provocaram quase sempre o mesmo tipo de reação.

Com os Pistols tocando pela Inglaterra, outras bandas surgem e começam a fazer shows formando uma cena punk inglesa, dentre elas The Clash, Smiths, Buzzcocks, Vibrators, Siouxsie & The Banshees etc. Também surgem bandas anti*mainstream*, com uma posição mais política que origina o movimento anarcopunk no mundo, dentre elas CRASS, Discharge, Chaos UK, Chron Gen, Anti-Pasti, Conflict, M.D.C. (sobre este assunto tratamos mais adiante).

Em 1976, os Sex Pistols lançam o *single* e o álbum "Anarchy in the UK", um hino de protesto à Inglaterra economicamente falida e às instituições moralmente deturpadas.

Eu sou um anticristo / Eu sou um anarquista / Não sei o que quero, mas sei onde vou conseguir / Eu quero destruir os passantes / Porque eu quero ser anarquia

O punk ganhava o mundo.

A virada da história dos Sex Pistols foi a saída de Glen Matlock em 1977 e a entrada de Sid Vicious na banda. Sid era um punk "maluco" que assistia aos shows bêbado e drogado, figurinha carimbada em qualquer ambiente punk. Ele mal sabia tocar baixo, mas em compensação fazia performances de tirar o fôlego e enojar qualquer plateia. Suas loucuras motivadas pelo uso intensivo de heroína o tornou a figura mais popular da banda e o decreto de seu fim também[38].

Na mesma época da entrada de Sid, os Pistols lançam "God Save The Queen" no dia do aniversário de 25 anos da coroação da Rainha, e fazem uma exibição em um barco de frente para o palácio Real. A música estourou e ficou em primeiro lugar nas paradas:

---

[38] Sobre a questão das drogas no movimento punk, é preciso deixar claro que enquanto movimento social o punk não apoia o uso de entorpecentes.

Deus salve a Rainha - E o regime fascista / Ele o ornou um imbecil - Bomba H em potencial / Deus salve a Rainha - Ela não é um ser humano / E não há futuro - Nos sonhos da Inglaterra // (...) // Deus salve a Rainha - turistas são dinheiro / Nossa figura principal - não é o que parece ser / Deus salve a História - salve a parada louca / O Senhor tenha piedade - todos os crimes são pagos // quando não há futuro, como pode haver pecado? / Nós somos as flores na lata de lixo / Nós somos o veneno na máquina / Nós somos o romance atrás da tela // Deus salve a Rainha - é sério, cara! / Nós amamos nossa Rainha - Deus salve.

A repressão veio junto do sucesso e os/as punks foram pintados como uma ameaça ao Estado, mas o sentimento de revolta presente na música marcou a juventude da época, convidada a sair da passividade e a fazer algo por ela mesma.

Os Pistols anunciaram seu fim em 1978 devido a divergências internas, Sid Vicious morreu meses depois de overdose de heroína. Era o fim da primeira fase do punk, mas o início de algo bem maior:

> No calor da explosão punk, a Inglaterra começou a gestar um fenômeno que se propagaria com grande repercussão pelas décadas seguintes: a cultura pop alternativa. Selos fonográficos independentes, fanzines, lojas para vender aqueles discos que as *megastores* não ousariam pôr em suas prateleiras, casas de show para bandas com propostas anti-*mainstream*... Tudo isso, que era rascunho de sonho desde a época dos primeiros rockers, teve a sua concretização a partir do punk. (ESSINGER. 1999: p.61)

No Brasil, o punk chega já com o estigma de movimento juvenil ultrapassado, morto, mas com "caráter de movimento urbano, ou melhor, suburbano, negando completamente o que a imprensa acusa: mais um modismo importado" (SOUZA; PEDROSO, 1983: p.6).

Na década de 1970 já havia punks no Brasil, ou pelo menos o ideal punk já era vivenciado, ainda que os jovens não se intitulassem como punks, como retrata o documentário "Botinada - a origem do punk no Brasil" (2006), dirigido por Gastão Moreira.

Silvio Essinger também lista vários artistas que compartilhavam um espírito libertário como o punk. Noel Rosa, que enxergou na música uma maneira de se aproximar da humanidade, boêmio, abandonou a universidade para viver de poesia e samba. Nelson

Cavaquinho, Aracy de Almeida, João Gilberto, Juca Chaves. O samba, assim como o punk, nasceu na periferia. Música de negros o samba retratava o cotidiano e as dores desses descendentes de escravos marginalizados socialmente. Nessa lista de artistas também podemos citar os do Tropicalismo: "Mesmo que alguns punks não reconheçam nos tropicalistas a base da sua revolução na música brasileira, ao menos terão que admitir que o movimento serviu como exemplo libertário"[39] (ESSINGER, 1999: p.87). Os Mutantes e Jards Macalé também são outros nomes a considerar nessa lista de compartilhadores do espírito punk. Mas o primeiro contato dos jovens brasileiros com o punk (como o conhecemos) se dá a partir de 1977 pela imprensa:

> "Depois de toda a solenidade vazia do rock-sinfônico e do elitismo técnico-instrumental do jazz-rock, chegou a vez do bom-humor voltar à música popular anglo-americana", anunciava o arauto Ezequiel Neves, em março de 77, no artigo "A vez do punk, um rock mais grosso. Mas muito gozado.", publicado na revista *Homem*. O termo já era o inglês, mas ele comentava discos do pré-punk americano, que estavam sendo lançados no Brasil: *Ramones*, *The Runaways*, *Radio Ethiopia* (Patti Smith) e *Rock and Roll Heart* (Lou Reed). Aos poucos, chegavam as notícias da Inglaterra. Em texto para a revista *Amiga*, o "mago" Paulo Coelho tentava decifrar o movimento que abalava Londres: "Os jovens desempregados, sem perspectivas, que não tiveram como canalizar a agressão de uma forma produtiva, começaram a fazer música como alternativa para a água com açúcar de Rod Stewart". "Há futuro nos punks?", perguntava por sua vez a revista *IstoÉ*, em novembro de 1977, comentando algumas adesões da classe artística brasileira à onda inglesa. (ESSINGER, 1999: p.91 e 92).

A Revista Pop também lançou uma coletânea intitulada "A Revista Pop Apresenta o Punk Rock"; com esse disco os jovens conheciam o som e tão logo descobriam o punk já começavam a pôr em prática o lema "Do It Yourself" (faça você mesmo). Montavam bandas, faziam shows, utilizavam o visual punk e posteriormente lançaram fanzines[40].

---

[39] O Tropicalismo surge em 1967 com Gilberto Gil e Caetano Veloso, depois de se apresentarem no III Festival de Música Popular da TV Record acompanhados respectivamente d'Os Mutantes e Beat Boys, bandas que utilizavam instrumentos elétricos, como guitarras. Com característica de movimento cultural, também participaram da Tropicalia, Tom Zé, Gal Costa, o poeta Torquato Neto dentre outros. Essinger (1999) cita uma apresentação dos artistas no programa TV Divino, Maravilhoso em 68, onde reproduziram a Santa Ceia cheia de bananas e a apresentação da música "É proibido proibir" no mesmo ano no Festival da Record, a música foi inspirada a partir de um dos slogans pichados nas paredes de Paris pelos estudantes de Maio de 68, e era repleta de ruídos e gemidos.

[40] O primeiro fanzine punk do mundo foi feito em 1976 e se chamava Snifin' Glue (cheirando cola). Ele foi inspirado na canção "I wanna sniff some glue", do primeiro disco dos Ramones. Seu mentor é Mak Perry, um bancário. Escrito à mão e com fotos coladas de qualquer maneira, seu fanzine circulava em cópias xerocadas e destoava completamente da imprensa alternativa de rock dos anos 60, era bem simples. Sua mensagem era

Havia uma identificação dos jovens brasileiros com o punk, muitos tinham problemas familiares, com pais alcoólatras, enfrentavam situações de violência, não tinham espaços e opções de lazer, eram desiludidos quanto ao futuro e sem possibilidades de estudo ou trabalho digno. "O que era comum aos jovens punks estava relacionado à sua própria condição de exclusão social, a falta de perspectivas de futuro e a negação das formas de dominação política, econômica e social vigentes" (OLIVEIRA, 2007: p.37).

É quase unânime a versão que credita a origem do movimento punk no Brasil à cidade de São Paulo, mas há aqueles que defendem que o punk surgiu quase que ao mesmo tempo em vários lugares. No filme Botinada (2006), por exemplo, há uma briga entre São Paulo e Brasília sobre quem teria tido punks primeiro, o fato é que sendo uma metrópole e concentrando uma parte significativa de atividades culturais, artísticas e políticas, São Paulo fez o movimento acontecer no Brasil.

Destacamos duas figuras como difusoras do punk no Brasil, Antônio Carlos Senefonte, mais conhecido como Kid Vinil, e Fábio Sampaio, integrante da Banda Olho Seco, dono da loja Punk Rock Discos.

Kid Vinil tinha um programa de rádio na Excelsior e apresentava os sons novos de rock, incluindo punk. Não era raro os punks gravarem o programa em fitas cassete e logo mais tocarem a fita em algum salão de rock (BOTINADA, 2006). O primeiro show punk realizado na cidade de São Paulo aconteceu com a colaboração de Kid Vinil, que carregou todo o equipamento em seu fusca e emprestou o porão de sua casa para o show. Era dezembro de 1978, tocaram as bandas Restos de Nada e AI-5. Outras bandas paulistas a considerar são Cólera, Olho Seco, Inocentes, Condutores de Cadáver, Ratos de Porão.

óbvia: qualquer um poderia fazer um fanzine, era só ter iniciativa. Já o primeiro fanzine punk brasileiro foi lançado em 1980, por iniciativa do Strombus, da banda Anarkólatras e se chamava Factor Zero. Depois vieram outros: SP Punk, Atentado, Espectro do Caos, Vix-Punk, Alerta Punk, Desordem do Sistema. Todos eram vendidos na loja Punk Rock Discos. Primeiro os fanzines apresentavam somente de bandas e sua letras, depois passaram a discutir temas como anarquismo, guerra nuclear, violência urbana, homofobia, questões ambientais. O Factor Zero existe até hoje, em versão online no formato blog: http://factor-zero.blogspot.com/ - Acesso em 20 de setembro de 2011.

Fábio Sampaio, vocalista da Olho Seco, abriu uma loja na galeria da 24 de Maio, a Punk Rock Discos, e atuava como ponte entre o punk internacional e o Brasil. Depois abriu um selo fonográfico com o mesmo nome e lançou em 1982 o primeiro LP punk brasileiro: "Grito Suburbano", com músicas das bandas Cólera, Olho Seco e Inocentes.

> Além de apresentar àqueles garotos as novas bandas da Inglaterra, Fábio ainda teve a ideia de fazer intercâmbio com os punks do exterior, iniciando um heróico movimento subterrâneo de rock que iria culminar, no fim da década, com os mineiros *trash metal* do Sepultura tornando-se astros mundiais sem nunca terem passado por uma gravadora multinacional. (ESSINGER, 1999: p.105)

O movimento punk se organizava em São Paulo.[41]

Vale ressaltar que no início da década de 1980, várias bandas surgiram revivendo o punk, e foram essas bandas que disseminaram o punk como um movimento de contestação política, com uma comunicação própria (através dos fanzines), realizando shows[42] e ocupações urbanas (squats[43]). Como reflete Essinger, deve-se a essa geração da década de 1980 no mundo, a noção de **movimento** punk.

Bastos (2005: p.382) também comenta essa nova postura de maior contestação dos punks:

> (...) impulsionados pelo fenômeno do *revival*, os punks de vários países passaram a implementar uma série de questionamentos, atitudes e táticas sociais, culturais, comportamentais e ideológicas que imprimiram grandes modificações culturais, intelectuais e de discurso no seio de seu movimento, tendo como objetivo defendê-lo das deturpações que lhe são proferidas pela industria cultural e os meios oficiais de comunicação.

Ainda de acordo com Bastos, no que se refere à música, como forma de se preservar do sistema, o ritmo é cada vez mais acelerado. Na época surgiu o *hardcore*, mais distorcido e

---

[41] Não era só em São Paulo que existia movimento punk. Em 1978, em Salvador, Marcelo Nova apresentava um programa de rádio punk: "Rock Especials". Também tinha uma banda, Camisa de Vênus, com letras bem ao estilo punk. Outras bandas também vingavam em terras baianas. Em Brasília, Aborto Elétrico (pré Legião Urbana e Capital Inicial) era punk. No Rio de Janeiro, os skatistas seguindo os californianos se identificaram com o punk e surgiram bandas como o Coquetel Molotov. No Sul havia os Replicantes. Sobre a cena punk no Brasil ver Essinger, Silvio (1999). Em Minas, mais especificamente Juiz de Fora, podemos citar Patrulha 666, Inimigos do Ritmo, Força Desarmada. Sobre o movimento punk em Juiz de Fora, ver documentário "Aos Berros" (2010) - direção Davi Ferreira.

[42] Na gíria punk, as apresentações das bandas são chamadas de "gigs" em contraposição ao termo show, que na visão dos punks é algo comerciável.

[43] Squats são ocupações urbanas em prédios ou casas abandonadas. Surgiram na década de 1960 em Londres como manifestação política pela falta de moradia.

gritado. Era uma resposta à chamada *new wave*, que nada mais é do que a incorporação do punk pelo mercado, anulando seu caráter de protesto. Dentro da *new wave* surge o *metal* e o *dark*, por exemplo. Também dessa postura mais política surge a noção de anti-música[44], anti-moda[45] e contra-informação[46] do punk.

Como descreve Caiafa (1985: p.10), "punk em qualquer contexto é sempre o que há de mais baixo e vil, por vezes é insulto".

A imprensa brasileira entendeu bem o significado, num misto de curiosidade e espanto, tentava entender o que era o punk e muitas vezes não conseguia.

> A imprensa cumpre o papel de divulgar o movimento, mas distorce e supervaloriza os atos de violência influenciando iniciantes, sendo que os atos de violência punk são consequência, também, desse tipo de informação recebida. A televisão participava nesse movimento com reportagens "todas parciais e facciosas, omitindo a verdadeira ideologia e intenção dos punks". Uma dessas reportagens foi a do programa do Fantástico, da Rede Globo "que é um grande agente do sistema e o maior meio de alienação em massa". Uma repórter hipócrita conseguiu ridicularizar o movimento ao máximo comparando os punks com a água podre que corre pelo chão imundo, dizendo que os punks se identificam com o lixo e o sujo, que não trocavam por nada as suas roupas sujas e rasgadas. (OLIVEIRA, 2006: p.57)[47]

Em sua essência o punk não é um movimento violento, ele utiliza da violência como forma de protesto. Com visual agressivo, cabelos espetados, tatuagens, alfinetes e brincos nos

---

[44] "As diversas expressões que podem ser chamadas de anti-música sempre estiveram calcados na busca por uma sonoridade da náusea, do feio, por uma estética musical fora dos padrões musicais delimitados pelo mercado. A grande busca era criar sonoridades irritantes a tal ponto que afugentasse o grande publico, as rádios e a mídia coorporativa em geral". http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/04/277004.shtml - Acesso em 09 de outubro de 2011.

[45] A anti-moda pode ser caracterizada como a moda de rua, que surge como contestação, algo fora dos padrões vigentes. "Ela não segue os moldes das passarelas, muito pelo contrário, ela serve de inspiração para os estilistas". http://duodeluxo.wordpress.com/2010/03/15/e-agora-o-que-e-antimoda/ - Acesso em 09 de outubro de 2011.

[46] A contra-informação é aquela que não é realizada pelos meios hegemônicos de comunicação, caracterizada como uma outra versão do que foi apresentado pelos meios oficiais, seja um fato, símbolo ou um estereótipo.

[47] Antônio Carlos Oliveira (2006) também cita outras reportagens como "Geração Abandonada", redigida por Luis Fernando Emediato e publicada no jornal O Estado de São Paulo, em que o repórter deu uma visão nada boa sobre os punks. Em compensação a Folha Ilustrada de 24 de julho de 1982 trouxe uma ótima matéria de Lígia Sanches, que buscou informações com os punks mesmo. Também são citadas matérias na IstoÉ ("Cuidado com eles" - 04/08/82), na revista Contigo e a ida ao programa de TV do "Flávio Cavalcanti" em dezembro de 1982. A mídia não descansou: o ator Cássio Gabus Mendes viveu um punk na novela Champagne de 1984, o cartunista Angeli criou o personagem Bob Cuspe, de visual punk que vivia cuspindo nas pessoas, e até Gilberto Gil fez uma música, "Punk da Periferia", muito criticada pelos punks, que enxergavam nela um reflexo da reportagem feita pelo Fantástico: (...) "mais uma jogada de nosso 'astro' da MPB, Gilberto Gil, na música "Punk da Periferia", em letra totalmente fora da realidade, associando os punks ao lixo, esgoto e dizendo que curtem porcaria. Diz também que satisfaz sabermos que entraremos pelo cano, ora se os punks gostassem de entrar pelo cano, para que e por que eles iriam protestar???" - Fanzine Alerta Punk, Set/Out de 1983, p.14 - Anexo A

rostos, roupas rasgadas, correntes e pulseiras de pregos, intentam agredir, chocar, assim como a música, de tão simples, também agressiva. No Brasil o punk surge ainda na ditadura militar. Janice Caiafa, ao conviver com punks no Rio de Janeiro[48], compreende a violência do movimento. O sistema, para os/as punks, era tudo aquilo que produz sofrimento, com suas mentiras e enganos. A maioria deles era operário ou desempregado, como descreve Caiafa (p.53): "existe um cansaço nas peles enrugadas precocemente. Em alguns se advinha muito trabalho. Em outros a inatividade, o ócio (mas o ócio na fome, não o ócio na opulência)". O sistema é a opressão e a violência, e os/as punks nada fazem além de usar o sistema contra ele mesmo.

Souza e Pedroso (1983: p.48) também refletem sobre a violência incorporada pelos punks e a visão da mídia sobre eles:

> A princípio, o punk surge como uma forma de representação da violência que está presente nas relações sociais, tanto a nível de relações das classes sociais e o poder, como da socialização dos indivíduos dentro dessas relações. A violência assumida pelos punks não se resume na devolução da agressão à sociedade, mas significa um mecanismo de rompimento com a ordem e os princípios morais estabelecidos e, também, veem-na como uma maneira de destruir o "poder". Portanto, a identificação com a violência e o lixo se dá como forma de demonstrar que consideram a sociedade toda um lixo e violenta, e por isso, condenando-a. Já a mídia considera o punk como lixo da sociedade e não sua representação crítica, julgando a violência como reflexo social, mas não aceitando-a como manifestação viável politicamente.

Mas a história do punk no Brasil é marcada por episódios de violência física e brigas de gangues. Alguns autores atribuem isso à falta de informação e classificam essa época como o "punk caverna"[49]. Apesar de haver troca de fanzines, algumas informações chegavam distorcidas, dentre elas a questão da violência. Havia um caos ideológico dentro do movimento, a única coisa que era unânime, como bem enfatiza Caiafa, era o desejo de

---

[48] Janice Caiafa conviveu com os punks do Rio de Janeiro por pouco mais de ano, vivenciando com eles as experiências punks, não apenas como observadora, mas se inserindo mesmo na cultura punk. Sua experiência lhe rendeu a dissertação de mestrado lançada como livro em 1985: "Movimento Punk na Cidade, a invasão dos bandos sub" - pela Editora Jorge Zahar.

[49] Essa expressão é utilizada por Sousa (2002) para descrever a fase em que os punks defendiam uma postura mais radical do movimento, não se abrindo a outros movimentos. Na briga de posturas entre ABC x City, os punks do ABC foram se aproximando de posições cada vez mais radicais, como as dos skinheads e se isolando do movimento em São Paulo. Este, por sua vez, ao se abrir para a ideologia anarquista se aproximou de outros movimentos juvenis e sociais, adquirindo um caráter mais de movimento social.

destruir o sistema. Antônio Carlos de Oliveira (2006: p.17), em "Os fanzines contam uma história sobre os punks", falaria que os punks vivem o caos de fato, "caos de uma grande metrópole do Terceiro Mundo como é São Paulo, com desemprego, arrocho, violência, repressão em casa e na rua, tanto física quanto psíquica".

O fato é que sempre houve contradições dentro do movimento punk, eles eram contra o sistema e a opressão, mas majoritariamente formados por homens, brancos, heterossexuais. E existiam muitas brigas de gangues[50]. Estas eram formadas por delimitações territoriais e também por influência do filme "The Warriors" (1979). O filme inteiro é briga de gangues e alguns achavam que aquilo era ser punk. "A gangue era contra tudo, desde o sistema até o cara do outro bairro", comenta Clemente no documentário Botinada (2006). Mas é dentro das gangues que surgem as primeiras bandas, os primeiros fanzines, as camisetas, os discos. Havia os Ostrogodos da Vila de Santa Maria, Funeral Punk da Zona Sul, Carolina da Morte, Os Indecentes, Os Rebeldes de São Caetano, Anjos do ABC, Punkids da Zona Leste, Punk's Carniça do ABC, Minas SP (formada só por mulheres).

Apenas em 1980 as gangues dentro da cidade de São Paulo começam a conviver pacificamente, mas não cessam as brigas com o ABC paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano). Os/as punks do ABC preservam uma posição niilista para o punk e se julgam punks verdadeiros, primeiro pela tradição sindicalista e condição dessas cidades como periferia de São Paulo. Acusam os punks de São Paulo de serem "playboys": no documentário Botinada (2006) é citada a rivalidade entre as duas localidades, só pelo fato de punks do ABC usarem trem e os de São Paulo usarem metrô, estes últimos eram acusados de terem mais poder aquisitivo e por isso não ser verdadeiramente punk, por exemplo. E segundo pelos punks do ABC acreditarem que o punk não deve se deixar influenciar por movimentos

[50] O termo gangue é a versão em português da palavra inglesa gang que significa turma, grupo, patota. Sociologicamente, os três significados evocam a ideia de grupo. Historicamente o termo refere-se tanto a grupos criminosos como grupos de pessoas comuns. Os membros das gangues interagem através de trocas simbólicas ou linguagens multivariadas (corporal, visual, verbal, musical e gestual), cujo o canal principal é a violência. http://www.asateresina.org.br/opinioes.asp?nid=84 - Acesso em 09 de outubro de 2011.

externos. Nesse sentido, suas atitudes preservam a violência e a radicalidade do movimento. Um punk do ABC não podia fazer show em São Paulo que acabava em briga e vice-versa.

Por outro lado, os/as punks de São Paulo, da City (denominação pejorativa conferida pelos punks do ABC), se aproximam de ideais anarquistas frequentando o Centro de Cultura Social, e a assimilação da ideologia anarquista imprime às suas manifestações um caráter mais político. A mudança ocorre gradativamente, sempre discutida entre os punks através dos fanzines, como afirma Sousa (2002). Aliás, não podemos deixar de ressaltar a importância dos fanzines para a consolidação do movimento punk e de suas mudanças:

> Pode-se dizer, então, que os fanzines são os principais responsáveis pela formação de uma "cultura punk", que no decorrer dos anos 80 e 90 marcaria e transformaria profundamente as manifestações do movimento. O fato é que, orientados por uma nova ética, o comportamento desses insubmissos sofre mutações significativas, em que o lado agressivo e violento cede espaço para uma nova postura mais consciente e ideológica. (SOUSA, 2002: p.92)

Os fanzines, com sua linguagem informal era e é de fácil apreensão por qualquer público, dentro do movimento punk ele adquire status de formador de opinião e contribui para a discussão de temas e a ressignificação de determinadas atitudes e símbolos, como o uso da suástica[51], por exemplo. Antes usada como forma de chocar a sociedade, agora é evitada para não dar motivo de associações do punk com o nazismo.

A proximidade do punk com os ideais anarquistas faz surgir o movimento anarcopunk.

2.3 MOVIMENTO ANARCOPUNK

O surgimento do anarcopunk se dá no momento em que os/as punks aderem ideologicamente ao anarquismo. No Brasil, o anarcopunk enquanto movimento se configura

[51] Quanto à utilização da suástica nas primeiras épocas do movimento, vale a reflexão de Janice Caiafa (1985: p.84): "A suástica preserva sua aparição única e irrepetível porque sua propagação é temida e evitada. Ela é anti-moda por excelência. É assim que os punks aproveitam o vazio que imprimem à suástica enquanto puro símbolo do nazismo: usando-a pela carga explosiva que ela já traz só por ser uma suástica". Alguns punks usavam o símbolo com um risco seguido da palavra "destrua", mas mesmo assim ainda gerava confusões quanto aos ideais seguidos pelos punks.

apenas no final da década de 1980 e início da de 1990. Mas o anarcopunk já existia no mundo, e isso lá pelos anos 70.

Em artigo escrito em 2005 por anarcopunks, punks e libertários/as do Rio de Janeiro - RJ (como questionamento à realização do evento “Punk 30 Anos”, organizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB - em 2005 no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília), é citada a formação da banda CRASS. Os punks sempre tiveram um posicionamento crítico quanto à origem oficial do movimento punk. Reconhecem a atuação de figuras como Malcolm McLaren na divulgação do som e visual, mas sem deixar de criticar a comercialização do punk. McLaren sem dúvidas interpretou o punk como algo rentável, mais uma moda. Apesar das letras políticas dos Sex Pistols e sua influência sobre a cena underground inglesa, a banda em si não tinha propostas concretas que o configurassem como anarquistas realmente.

Paralelamente a esse contexto, desenvolveu-se no interior da Inglaterra uma cena punk anárquica em sua essência, como explicam os/as próprios anarcopunks:

> As remotas origens do “PEACE-PUNK” (anarcopunk - essa denominação não tem relação com o arquétipo pacifista propriamente dito, mas sim com uma oposição à Guerra das Malvinas) remetem ao final dos anos 60, quando Penny Rimbaud e Gee Sus, na época envolvidos com o movimento hippie, mudam-se para uma fazenda na cidade de Essex, no interior da Inglaterra, fundando uma casa aberta/comunidade chamada “Dial House”. Desde então o espaço torna-se um centro anarco-pacifista de atividades culturais, artísticas e políticas. Anos mais tarde, em setenta e sete, unem-se com outros indivíduos com as mesmas necessidades de mudança formando o CRASS, mais que uma banda, uma comunidade pronta para subverter a ordem. Inúmeros foram os legados dessa banda/comunidade, muito mais valorosos politicamente do que os “discos de ouro” dos Pistol$. O Crass foi o precursor da idéia de gravadora independente no punk, pois não havia outra forma mais sincera de publicarem seus trabalhos. A artista plástica Gee Sus, com suas montagens e pôsteres dos discos, tornou-se fundamental difusora da arte gráfica punk. Praticavam a ação direta nas ruas londrinas e defendiam a emancipação feminina[52]. (Trecho do texto escrito em 2005 em protesto ao evento “Punk 30 Anos” no Rio de Janeiro) - Anexo B

[52] Um exemplo da luta do CRASS pela emancipação feminina foi o lançamento em 1981 de seu disco "Penis Envy" (inveja do pênis). Composto somente por vocais femininos, os arranjos musicais eram mais complexos e as letras criticavam o casamento e a repressão sexual. A banda chegou a distribuir uma faixa do disco, intitulada "Nosso Casamento", junto de uma revista adolescente chamada "Loving". A empreitada deu certo por causa da intervenção da fictícia organização Creative Recording And Sound Services (pegando-se somente as iniciais forma a palavra CRASS). A brincadeira foi descoberta e censuraram a música, assim como todo o disco do CRASS, que tinha ficado entre o Top 50 da Inglaterra. http://vegantifascista.blogspot.com/2011/05/biografia-do-crass.html - Acesso em 09 de outubro de 2011

Os integrantes do CRASS praticaram sua filosofia de "ação direta" em grafitagens feitas com tinta de *spray* em torno do sistema de metrô de Londres e em cartazes de publicidade, coordenando squats (ocupações urbanas em construções abandonadas) e organizando a ação política. A banda também expressou seus ideais no vestuário: roupas pretas com referências ao militarismo e uso fora de contexto de símbolos religiosos, e através de poesias e improvisação.

Sua filosofia e estética influenciaram inúmeras bandas, também politizadas, como Flux of pink indians, Conflict, Dirt, Zounds, The Mob, Poison Girls, Omega Tribe, Rudimentary Penny, Flowers in the Dubstin, Chumbawamba, para citar algumas, e que formaram uma cena “peace punk” no mundo.

> Essas bandas em geral defendiam causas como a liberação animal, o anarquismo, o ambientalismo, participavam do movimento “squatter” e tinham ligações com grupos organizados de sua época, como o Class War, Animal Liberation Front e o Greenpeace londrino. Declaravam oposições claras ao sexismo e ao machismo (antagonizando-se assim com as bandas *Oi!*, como Exploited, 4Skins e Cockney Rejects, por exemplo), combatiam a homofobia, o nacionalismo e o fascismo (bem diferente da suástica que Sid Vicious estampava freqüentemente em seu peito). A questão aqui não era mais o choque pelo choque, mas sim a ruptura de uma convenção social, romper para transformar. (Trecho do texto escrito em 2005 em protesto ao evento “Punk 30 Anos” no Rio de Janeiro)

No Brasil, de acordo com Yuriallis Bastos (2005: p.379), a eclosão do movimento anarcopunk coincide e até foi propiciada pela abertura política causada pelo fim do regime de ditadura militar, "quando a partir de meados de 1984 e início de 1985 vários grupos anarquistas voltaram às suas atividades de militância tentando implementar um ressurgir do anarquismo".

O Centro de Cultura Social estava fechado desde 1969 por censura do regime militar, e em 1985 volta à ativa plenamente promovendo palestras e atividades libertárias. Nessa época os/as punks de São Paulo passam a frequentar o Centro, como bem explica Rafael Lopes de Sousa (2002: p.107):

> no final dos anos 80, os punks já estavam efetivamente mais próximos das doutrinas e dos ideais anarquistas. Dessa maior familiaridade nasceu, aliás, a ideia de formar o movimento anarcopunk, que acabaria muito rapidamente imprimindo uma nova conduta e uma nova postura estética e moral ao movimento. O movimento

> anarcopunk é, portanto, decorrência direta das diversas incursões que alguns punks vinham fazendo ao CCS para participar de palestras libertárias. Desse contato mais permanente com os anarquistas e da constatação de que o movimento passava por uma crise de identidade surgiu o interesse de criar um espaço mais teórico para refletir sobre a realidade social e, ao mesmo tempo, divulgar e popularizar as ideias anarquistas dentro de suas comunidades.

É nessa época que surge o Movimento Anarcopunk no Brasil enquanto uma organização, que aqui chamamos de MAP. A partir da experiência de São Paulo, outros MAPs vão surgindo no Brasil, a exemplo do MAP de João Pessoa que, diferente de São Paulo, surgiu da aproximação de anarquistas com punks. Neste trabalho nos propomos analisar a comunicação do MAP-SP e perceber sua contribuição para a formação deste enquanto movimento social. No próximo capítulo tratamos os conceitos de comunicação nos movimentos sociais, cidadania e identidades, e mais à frente fazemos um breve histórico sobre o MAP e sua atuação, para então partir para a análise de seu blog.

3 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, IDENTIDADE E CIDADANIA

As relações sociais e a construção do ser social são mediadas pela comunicação. Como reflete Stuart Hall (2006), eu sou eu porque eu não sou o outro. E eu construo a minha identidade a partir do relacionamento com outros indivíduos, relacionamento este apenas possível pela linguagem e a comunicação.

Enric Saperas (1993: p.40 apud CORREIA, 2007: p.58) também realiza reflexão acerca da construção do ser social:

> a linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental na construção da realidade social. Esta só existe na medida em que a comunicação permite que exista um mecanismo de relação (de interação) entre os indivíduos. A linguagem é um elemento-chave, determinante para a realidade quotidiana se impor como uma realidade construída previamente à ação exercida por um indivíduo: na linguagem e na comunicação encontram-se os fundamentos da socialização.

Stuart Hall, em "A identidade cultural na pós-modernidade" (2006), explica que o indivíduo não nasce com uma identidade sólida e constituída, na verdade nós construímos a identidade a partir das experiências vividas e pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. E essa relação se dá pela comunicação, seja ela interpessoal ou mediada pelos media.

Daniela Auad, Lilian Werneck e Cláudia Lahni, no artigo "Direito à comunicação e cidadania das e para as mulheres lésbicas" (2010), colocam a mídia como espaço público onde identidades são configuradas e reconfiguradas. As mediações sociais e o processo de representação se dão a partir dos meios de comunicação, dessa maneira as pessoas e os grupos articulam estratégias de visibilidade identitária.

O acesso às informações também se dá, especialmente, através dos meios de comunicação. Um cidadão é o indivíduo em pleno gozo de seus direitos civis e políticos dentro de um Estado, e se ele não tem acesso à informação sobre determinado direito não exerce plenamente sua cidadania. Os movimentos sociais, populares e contraculturais buscam

realizar sua própria comunicação se apropriando das tecnologias de informação, como por exemplo as rádios, os impressos e a internet, como meio de interferir na realidade social e assim exercer a cidadania.

As comunicações popular, alternativa e comunitária se pautam por transmitirem conteúdos diferentes daqueles que circulam nos meios hegemônicos, ainda que não dispensem o acesso aos meios tradicionais. Como reflete Cicilia Peruzzo (2010: p.2):

> A comunicação popular, comunitária e alternativa, na sua expressão originária e atual, representa uma contra-comunicação ou uma outra comunicação elaborada no âmbito dos movimentos sociais, comunidades e outros grupos sociais orgânicos às classes subalternas com a finalidade de exercitar a liberdade de expressão e oferecer conteúdos na ótica das mesmas. Ao mesmo tempo serve de instrumento de conscientização e mobilização visando a organização popular e a transformação social começando sempre pelas carências e necessidades imediatas dos segmentos em questão.

Peruzzo explica que os movimentos sociais e populares se apropriam publicamente das técnicas de produção jornalística e das tecnologias de comunicação como forma de se fortalecerem e realizarem seus objetivos. Ela diferencia a comunicação popular e alternativa da comunitária, apesar de na prática as fronteiras entre uma delimitação e outra não se mostrarem claras.

Segundo Peruzzo (2006: p.2),

> a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação.

Resumidamente, Peruzzo coloca que a comunicação popular e alternativa "se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do 'povo'" (p.4), mas não necessariamente essa comunicação é exercida ou é iniciada pelo "povo", a exemplo da imprensa alternativa, realizada por jornalistas libertários na época da ditadura e que tinham como foco os problemas sociais. Essa comunicação tem um grande poder de pressão frente aos órgãos públicos e também de mobilização da sociedade.

A época da ditadura militar no Brasil é tida por Peruzzo como o momento de maior explosão da imprensa alternativa, onde foram produzidos cerca de 160 periódicos por jornalistas de esquerda. Há ainda comunicação e mídias alternativas, como os fanzines e boletins punks, e blogs na internet.

Já a comunicação comunitária se diferenciaria por ser realizada pelo povo para o povo:

> A comunicação popular e comunitária pode ser entendida de várias maneiras, mas sempre denota uma comunicação que tem o "povo" (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário, desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária (PERUZZO, 2006: p.9)

Raquel Paiva (1998, p. 20), em seu livro "O espírito comum", também reflete sobre os conceitos de comunicação comunitária e menciona que "a proposta comunitária surge como nova possibilidade de sociabilização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais ampliado".

A comunicação comunitária também seria uma resposta à globalização, uma comunicação que surge da necessidade de resgatar vínculos locais, a vivência comunitária e o sentimento de pertencimento. Uma vez que a mídia tradicional representa as comunidades de maneira genérica ou deturpada, a comunicação feita pelo próprio povo pode fazer frente a essa comunicação hegemônica reforçando a identidade de grupos e dando voz à comunidade, como conclui Paiva (1998, p.58): "os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos a possibilidade que lhes foi negada, de interferir nas decisões do poder público".

Dênis de Moraes (2002: p.4) reflete, por sua vez, a utilização da internet como ferramenta para o ativismo social:

> Sem deixar de considerar o problema da exclusão digital, em grande parte ligada à exclusão social, entendemos que a internet tem permitido experiências de produção e difusão informativa de conteúdos e que, a partir dela, "entra em parafuso a concepção de reservar a exposição pública a nomes sacramentados pelo mercado, pela mídia ou pelas instâncias acadêmicas".

Partindo dessa percepção da utilização da internet como veículo para a comunicação popular e alternativa dos movimentos sociais é que neste capítulo refletimos a questão da identidade e cidadania e citamos exemplos da comunicação dos movimentos sociais feita pela internet, uma vez que o objeto de estudo deste trabalho é o blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo, o qual analisamos mais à frente.

3.1 IDENTIDADE E CIDADANIA

A identidade não é algo unificado e estável, ao contrário, o indivíduo é composto por variadas identidades definidas culturalmente. Essa é a proposta defendida por Stuart Hall (2006) em "A identidade cultural na pós-modernidade".

Hall (2006: p.38) explica que o conceito de identidade única está em declínio, dando lugar ao conceito do sujeito fragmentado. Ele teoriza que a identidade permanece sempre incompleta, em construção. "Em vez de falar de identidade, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento."

A globalização alterou as estruturas e as organizações de diversas sociedades possibilitando o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno.

Há um descentramento do sujeito abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

> Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2006: p.9)

Para entender a mudança no conceito da identidade, Stuart Hall expõe três concepções diferentes de indivíduo: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado na concepção da pessoa com uma identidade unificada, centrada. Era um indivíduo dotado de consciência e ação "cujo 'centro' consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo". (Hall, 2006: p.11).

Já o sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito (identidade) era formado a partir das relações sociais, importantes na constituição de valores, sentidos e significações culturais. "O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem". (Hall, 2006: p.11)

O que muda na concepção do sujeito pós-moderno é o argumento de que não há uma identidade unificada (núcleo interior real), mas várias identidades, o que é resultado das modificações estruturais alavancadas pela globalização.

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2006: p.13)

Um exemplo dado por Hall foi a questão da indicação do juiz negro Clarence Thomas à Suprema Corte Americana em 1991, durante o governo Bush. Thomas tinha visões políticas conservadoras e durante o processo de indicação foi acusado de assediar sexualmente a funcionária negra Anita Hill. A opinião pública se dividiu. Alguns negros apoiaram Thomas pela questão racial, outros se opuseram devido a questão sexual. As mulheres negras se dividiram dependendo da identidade que prevalecia, de mulher ou negra. Outros homens negros também ficaram divididos quanto a questão política. Mulheres brancas conservadoras

apoiavam Thomas, mulheres brancas liberais se opunham. E ainda tinha a questão da classe social, o juiz era de classe abastada, a funcionária era subalterna.

O exemplo evidencia as diferentes identidades que assumimos em determinados momentos. E isso não acontece apenas no campo individual, cada movimento social e cultural também assume uma identidade própria.

Hall evidencia cinco fatores que contribuíram para o descentramento do indivíduo e a construção de novas identidades. Primeiro fala da releitura do pensamento de Marx quanto à atuação do sujeito na sociedade. Marx postulou que as pessoas fazem a história, mas sob as condições que lhe são dadas. No século XX seus novos intérpretes colocaram a questão das relações sociais como o centro da teoria de Marx e não mais o indivíduo. Dessa maneira, entraram em xeque as concepções da essência universal do ser humano.

Outro fator evidenciado por Hall foi a teoria de Freud de que nossas identidades, sexualidade e nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente com uma lógica diferente da razão. As leituras de seu pensamento sugerem que a imagem do "eu" unificado é aprendida gradualmente pela criança e desenvolvida a partir da relação com os outros. A criança se vê no olhar dos outros e constrói assim uma visão de "eu" inteiro. Na verdade, a identidade está sempre em construção, esperando por ser preenchida. Nesse sentido os meios de comunicação contribuem para a construção de identidades, pois mediam as relações sociais.

O terceiro fator para o descentramento do indivíduo está associado ao trabalho de Saussure sobre a linguagem. O linguista afirma que a língua é um sistema social e que o significado das palavras não é fixo. Nesse ponto possui a mesma lógica da construção de identidades.

O quarto descentramento apontado por Stuart Hall (2006: p.43) diz respeito ao trabalho do filósofo Michael Foucalt, que destaca o "poder disciplinar", poder este que regula

as atividades humanas, mas ao mesmo tempo contribui para a individualização do sujeito: "quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual".

Por fim, o último descentramento é o impacto do feminismo enquanto movimento social e crítico do sistema. Hall trata o momento histórico em si, que diz respeito às revoltas estudantis, movimentos sociais e contraculturais da década de 1970 (associados a 1968). Esses movimentos criticavam politicamente tanto o capitalismo ocidental quanto o socialismo do leste europeu, refletiam a fragmentação política em variados movimentos. A partir disso, Hall aponta o feminismo como um movimento que abriu para a contestação dos valores familiares, morais e a contestação de que homens e mulheres participavam da mesma humanidade, ou seja, abriu a questão da diferença sexual[53].

Guy Debord foi o escritor que influenciou os jovens dessa geração (incluindo os punks) com seu livro "A Sociedade do Espetáculo", lançado em 1967. Como já descrito neste trabalho, sua obra critica a sociedade moderna, que prefere a imagem ao real: "o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real"[54]. Debord conclui que para destruir a sociedade do espetáculo é preciso exercer a crítica ao espetáculo e a prática da negação na sociedade. Os anarcopunks agem dessa maneira ao criticar o sistema com a sua contra-comunicação (visual, música, zines etc) e ao negar práticas capitalistas aderindo ao vegetarianismo, boicotando empresas não ecológicas ou com posturas racistas, homofóbicas e xenófobas, por exemplo; e também atuando junto a movimentos sociais e populares.

---

[53] Sobre feminismo, ler Auad, Daniela. Feminismo: que história é essa? Rio de Janeiro:DP&A, 2003.

[54] DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2011. (p.138)

Hall também trabalha o conceito das culturas nacionais que, ao produzirem sentidos sobre a nação, constroem identidades. Esses sentidos estão presentes nas histórias e memórias que conectam o passado e o presente (2006: p.51). Hall propõe que pensemos as culturas nacionais como um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.

Com a globalização três possibilidades são apresentadas: a) as culturas nacionais tornarem-se homogêneas e desaparecerem; b) o reforço de culturas locais c) a formação de novas identidades culturais híbridas. Para Hall (2006, p. 62), as nações modernas são híbridos culturais.

Como salienta Ana Paula Nascimento (2010: p.25 e 26) em "Movimento Hip Hop em Juiz de Fora: Raps que comunicam educação", as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes:

> Há um novo interesse pelo “local” no contexto do impacto “global” e, ao mesmo tempo, se articulam já que um não substitui o outro. Um exemplo de fortalecimento de identidades locais são as identidades defensivas em resposta à experiência de racismo e de exclusão manifestada contra comunidades que procuram se re-identificar com as culturas de origem. E em relação à produção de novas identidades há o exemplo do significante *black* que oferece uma identificação das comunidades afro-caribenhas e asiáticas no território britânico.

Denise Cogo (2004) explica que as mídias, além de seu caráter técnico, potencializam a produção de sentido, pois são matrizes configuradoras das identidades culturais, atribuem visibilidade às ações e propõem modos próprios de existência e estruturação da realidade.

Como reflete João Carlos Correia (2007), a fragmentação cultural e a emergência de novas identidades não conduzem a um processo de democracia emancipatória, mas repercutem em novas formas de expressão, na segmentação das audiências e em novos modelos de discussão de temáticas referentes à sociedade. O movimento anarcopunk se encaixa nessa realidade ao propor o debate sobre o sistema e a liberdade (emancipação) do indivíduo, atuando em conjunto com outros movimentos sociais e interferindo, assim, na realidade social.

A comunicação e a linguagem desempenham papel fundamental na construção da realidade social, pois permitem a interação entre os indivíduos. Quando se trata dos meios de comunicação hegemônicos, estes dão visibilidade às ações dos movimentos, ao mesmo tempo em que contribuem para a exclusão de uma grande parcela da população que não se enquadra no perfil padrão divulgado pela mídia: homem branco, heterossexual, de classe social elevada.

É importante ressaltar que a conquista da plena cidadania também passa pelo campo da comunicação. Cabe então aos movimentos sociais e contraculturais desenvolver sua própria comunicação e estratégias de visibilidade midiática, como explica Cicilia Peruzzo (2004: p.1):

> Durante seu processo de constituição, os movimentos sociais populares descobriram que havia a necessidade de apropriação pública de técnicas (de produção jornalística, radiofônica, estratégias de relacionamento público etc) e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos etc) para poderem se fortalecer e realizar os objetivos propostos.

Neste trabalho partimos do conceito de movimento anarcopunk enquanto movimento social e, antes de seguirmos em frente tratando a temática da cidadania, cabe aqui uma conceituação de movimento social.

Segundo Eduardo Vizer (2007: p.46) em seu artigo "Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias", os movimentos sociais surgiram nos fins do século XIX, como manifestação de setores urbanos que cobravam condições de vida mais igualitárias. É, portanto, uma forma de ação social que pretende transformar as condições objetivas de seu ambiente. Como características fundamentais: desenvolvem práticas de ação com o fim de transformar as relações de poder instituídas (como o governo e o sistema) por meio da mobilização e apropriando-se de tempos e espaços públicos (mídia, empresas privadas, por exemplo), motivados para cultivar vínculos de agrupamento e inspirados criativamente - através da cultura, arte e comunicação.

Uma vez que a mídia regula as relações sociais e contribui para a construção da realidade, se apropriar dos meios de comunicação e da produção de conteúdos permite o exercício da cidadania.

De acordo com Maria de Lourdes Manzini Covre (1995: p.10) em seu livro "O que é cidadania", ser cidadão significa ter direitos e deveres. Direitos civis (que dizem respeito ao domínio do próprio corpo: locomoção, segurança etc), direitos sociais (atendimento às necessidades de sobrevivência: trabalho, alimentação, moradia, lazer, educação) e direitos políticos (que dizem respeito à deliberação e escolha dos representantes, ao direito de também ser representante, e ao esclarecimento e acesso aos outros direitos). Como deveres, há o zelo pela coletividade, participando direta ou indiretamente das tomadas de decisão pública. "Só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão. Neste sentido, a prática da cidadania pode ser a estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor".

Para se exercer a cidadania, o acesso a informação é essencial, pois tem a capacidade de gerar no indivíduo a dúvida, permitindo a ele o questionamento e possibilitando sua escolha diante dos fatos ao redor, como teoriza Lígia Dumont e Marina Cajaíba (2005: p.6): "partindo-se do princípio de que cidadão é aquele que age em seu meio social, pode-se afirmar que aquele que tem acesso à informação têm maior possibilidade de transformar o cotidiano social e interagir com o meio".

Opinião compartilhada por Ana Maria Vieira Monteiro e Cláudia Lahni, no artigo "Revolução das palavras: um estudo de rádios zapatistas" (2011: p.103):

> A pessoa apenas vai exercer um direito se tiver informação sobre ele. Por outro lado, sabemos do papel fundamental da comunicação para a mobilização em prol de reivindicação de direitos, no caso do desrespeito a esses. Tal situação ganha dimensões ainda maiores hoje, dada a centralidade da comunicação na sociedade atual, percebida na praça pública representada pelos meios, em especial os massivos, e pela atuação dos alternativos, potencializados pelas novas tecnologias.

Como conclui Alexandre Barbalho (2005: p.37 apud AUAD; LAHNI; WERNECK,2010: p.3), "a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria".

Peruzzo (2002: p.14) reflete que a comunicação coloca-se no espaço da educação informal, que ocorre da interação do indivíduo com a sociedade e com as manifestações culturais e informativas que o cercam.

> Expressiva porção de conteúdos assimilados pelas pessoas é absorvida através dos meios de comunicação de massa. Com o crescimento do aparato tecnológico no cotidiano das grandes cidades, observa-se uma presença cada vez mais intensa da comunicação na vida das pessoas. Em especial, as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam frequentemente por influenciar mais profundamente a juventude do que a educação desenvolvida na escola.

Nessa perspectiva, a participação na comunicação facilita a ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que, segundo Peruzzo (2002: p.15), resulta num processo educativo. "A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura".

O Movimento Anarcopunk de São Paulo tem sua própria comunicação, feita através dos fanzines, informativos, do blog que é o objeto de análise deste trabalho, mas também de suas manifestações e visual. Uma vez ativos na produção de conteúdos, conquistam o direito à palavra e interferem na realidade social.

Antes de analisar o blog do MAP-SP, abordamos o uso da internet como ferramenta de comunicação dos movimentos sociais e exemplificamos as utilizações bem sucedidas desta.

3.2 COMUNICAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Covre (1995: p.49), ao escrever sobre cidadania, refletiu a relação desta com a técnica: a tecnologia domina, mas também liberta. Segundo ela, hoje os trabalhadores tem mais conhecimentos, pois a evolução intensiva da tecnologia exige uma maior especialização do trabalhador, uma vez que a produção torna-se complexa. Tendo o trabalhador consciência de seu conhecimento, pode negociar: "a cidadania tem sua força no grande espaço criado para reivindicações; cabe aos trabalhadores se apropriar dele". Dentro desse contexto, a internet se abre como um espaço de reivindicações.

Dênis de Moraes (2002: p.2), em seu artigo "Ciberespaço e mutações comunicacionais", aponta a web como descentralizadora do processo de comunicação, pois permite aos usuários tornarem-se atores comunicantes, além de possibilitar a diversificação dos polos de enunciação, produzindo assim "uma redistribuição de dados menos condicionados pelo peso histórico da imprensa e das indústrias culturais".

Como ele mesmo coloca, em outras palavras:

> a singularidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades e expressões de vida, sem submetê-las a hierarquias de juízos e idiossincrasias, gera outro fenômeno sociocultural. Aprofundam-se na internet as experiências de defesa da cidadania e dos direitos humanos, de promoção de valores éticos e de revalorização da sociedade civil como espaço político. (MORAES, 2002: p.8)

Para Maya Mitre (2002: p.4 apud DUMONT; SILVA, 2005: p.9) a internet é tida como uma ferramenta alternativa com um potencial de interação bem maior, se comparado a outros veículos de comunicação tradicionais, e pela interatividade cria novas oportunidades de participação política, permitindo também interferir na tomada de decisões pública.

Lígia Dumont e Marina Cajaíba da Silva (2005: p.9) também defendem a utilização da internet como ferramenta de pressão social, pois ela permite

> a liberdade de expressão, onde as pessoas podem emitir opiniões livres de qualquer censura e localização geográfica por meio de chats, newsgroups, reclamações, denúncias, listas de abaixo-assinados e adesão online a grupos políticos-ideológicos, principalmente no que tange a questão dessa natureza. É a partir dessas iniciativas que muitas políticas públicas podem ser aceitas ou rechaçadas, da mesma maneira que podem ocasionar grupos de pressão mobilizando uma rede muito mais ampla que a já estabelecida localmente, para juntos exigirem ações benéficas para seu meio social.

A internet possibilita um intercâmbio de informações em rede, e os indivíduos tornam-se ao mesmo tempo emissores e receptores. Dênis Moraes (2002: p.10) coloca que o ciberespaço dinamiza os esforços de intervenção de movimentos sociais e organizações não-governamentais (ONGs) na cena pública.

> A Internet oferece ao ativismo social novas ferramentas de intervenção, como as campanhas virtuais, o correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, salas de conversação, boletins, manifestos online, murais, anéis de sites e árvores de links. É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembléias, passeatas, atos públicos e panfletos. Um exemplo dessa junção de possibilidades: algumas ONGs reproduzem em seus sites as matérias de seus jornais impressos, às vezes com traduções em um ou dois idiomas. O veículo convencional continua válido e necessário; o que se pretende é ampliar a circulação junto a entidades correlatas do mundo inteiro, a custo baixo – algo impensável em qualquer outro veículo, pelas despesas astronômicas.

Como bem explicado por Moraes, o uso da internet não dispensa outros veículos tradicionais de comunicação, como os jornais e boletins impressos. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), por exemplo, faz ótimo uso da web através de seu site www.mst.org.br. O site reúne num único espaço notícias sobre a organização, artigos referentes ao movimento, vídeos, fotos, uma biblioteca com obras relacionadas à temática da questão agrária, assim como a história do MST. Pelo site também é possível entrar em contato com o movimento e ter acesso ao jornal impresso da entidade.

Apesar desse canal amplo de comunicação, o MST ainda imprime mensalmente milhares de exemplares de seu jornal "Sem Terra", que é distribuído nos acampamentos e ocupações do movimento, nos meios sindicais, políticos e estudantis. Dênis Moraes (2002: p.12) cita o depoimento de Neuri Rosseto, coordenador do MST, em seu artigo:

> Neuri Rosseto argumenta: “Uma coisa é ler uma notícia sobre a política de privatizações em um meio controlado ou influenciado pelo governo, que tem todo o interesse em promovê-las. Outra é ler essa mesma notícia sob a ótica de quem se opõe a tal política. Uma *homepage* feita pelas forças progressistas possibilita, e muito, a divulgação de seus pontos de vista. Os meios de comunicação massiva funcionam como uma espécie de filtro entre o que deve ser noticiado, destacado, deturpado ou ocultado. A Internet rompe com essa intermediação. Através dela, podemos divulgar os acontecimentos junto à sociedade.”

De acordo com Moraes, na época de seu artigo (2002), o site do MST recebia de 300 a 400 visitas por dia. Passado alguns anos e com a maior acessibilidade a computadores e internet, acreditamos que esse número seja bem mais elevado hoje em dia.

Outro exemplo de utilização bem sucedida da internet é feito pela organização não governamental feminista Católicas pelo Direito de Decidir (CDD/BR). A organização trabalha na promoção da cidadania e dos direitos humanos (sexuais e reprodutivos) das mulheres, assim como luta pela igualdade nas relações de gênero, tanto na sociedade como no interior da Igreja Católica e de outras religiões, além de divulgar o pensamento religioso progressista em favor da autonomia das mulheres, reconhecendo sua autoridade moral e sua capacidade ética de tomar decisões sobre todos os campos de suas vidas[55]. No Brasil existe desde 1993.

A CDD/BR mantém o site catolicasonline.org.br, onde disponibilizam artigos e notícias relacionadas à emancipação feminina. Há seções para publicações, biblioteca, TV e rádio online da organização, agenda de atividades e demais links ligados à cidadania e feminismo[56].

Apesar do maior acesso a internet, a desigualdade social no mundo digital ainda é grande. Segundo o Ibope, o Brasil tem 78 milhões de internautas (a partir dos 16 anos), e o principal acesso é de *lan houses* (31%), seguido da própria casa (27%) e da casa de parentes e de amigos, com 25%. Nosso país é o 5º com o maior número de conexões à internet.[57]

Entre os 10% mais pobres, apenas 0,6% tem acesso à internet; entre os 10% mais ricos esse número é de 56,3%. Somente 13,3% dos negros usam a internet, mais de duas vezes menos que os de raça branca (28,3%). Os índices de acesso à internet das Regiões Sul (25,6%) e Sudeste (26,6%) contrastam com os das Regiões Norte (12%) e Nordeste (11,9%).

---

[55] Descrição da organização presente no site: http://catolicasonline.org.br/

[56] Existem vários sites do Movimento de Mulheres, aqui citamos outros dois cuja atuação é destacada na rede: Sempreviva Organização Feminista - http://www.sof.org.br/; e Associação Lésbica de Minas - http://alem.org.br/

[57] Dados contidos no site: http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

Mesmo com esses índices, a internet tende a se firmar "como um dos principais meios para a construção de uma cultura de solidariedade social, baseada em uma ética de reciprocidades entre os sujeitos comunicantes" (Moraes, 2002: p.20). Claro que a ação virtual não dispensa ações no território físico, este sim socialmente reconhecido e vivenciado.

Bruno Fuser (2011: p.18), no artigo "Sociedade em rede, inclusão digital e cidadania cultural", reflete a questão da exclusão social potencializada pela exclusão digital. Para Fuser, não basta a internet ser potencialmente um espaço de debate, ela deve ser de fato um ambiente de deliberação e troca de experiências e informações para a construção de um saber político. Porém isso não acontece efetivamente, a exemplo de chats e listas de discussão onde as pessoas expõe suas opiniões, mas não ocorre um debate propriamente dito.

Outro ponto destacado por Fuser é a concentração de conteúdos na web. É fato que a internet permite a publicação de variados materiais, mas as grandes empresas de comunicação mantém sua hegemonia também na rede. Os sites de notícias mais acessado são os portais de organizações já tradicionais da mídia. Há concentração de conteúdo também desigual em regiões metropolitanas, em detrimento a outras. Tudo isso aponta para a reflexão das alternativas de inclusão digital.

Bruno Fuser (p.20) menciona que a inclusão digital não passa apenas pela oferta de equipamentos de informática e acesso à internet ou conhecimentos básicos para utilizá-los, mas pela capacitação de atores sociais, pelo aprendizado tecnológico aliado à produção de conteúdos e conhecimentos dentro da realidade onde aqueles indivíduos estão inseridos. Resumindo a ideia da construção na perspectiva cidadã do acesso às tecnologias digitais, Fuser (p.22) cita a Carta de São Bernardo, produzida em 2005 num encontro de pesquisadores e ativistas: "Na sociedade midiática, a cidadania inclui não só o acesso à informação, mas a sua compreensão, assumindo também o protagonismo como agente nos processos de comunicação".

Como alternativa de inclusão digital é apresentada a fomentação de telecentros, que são espaços em que as pessoas sem recursos financeiros para uso de equipamentos de informática próprios acessam tecnologias da comunicação e da informação "num contexto de desenvolvimento social, econômico, educacional e pessoal" (GOMES, 2002: p.7 apud FUSER, 2011).

Fuser (2011: p.33) menciona um projeto desenvolvido no bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora:

> O projeto busca interagir com os moradores das microáreas urbanas do Dom Bosco e Alto Dom Bosco, que, segundo o Atlas Social de Juiz de Fora, de 2006, possuem condição socioeconômica baixa e muito baixa (...) O projeto se desenvolve com a parceria institucional do Grupo Espírita Semente, associação espírita localizada no bairro, que realiza há mais de 20 anos trabalho assistencial, em especial com atividades socioeducativas junto a cerca de 60 famílias de baixo poder aquisitivo.

Dentre as atividades desenvolvidas há destaque para a oficina de audiovisual realizada com oito garotas jovens do bairro entre 13 e 16 anos. Ao longo do projeto, foi explicado o funcionamento básico dos equipamentos de fotografia e vídeo, assim como a edição do material produzido, e a realização de fotos e vídeos produzidos a partir da realidade do bairro.

Fuser chama a atenção para as fotos de caráter narcisista produzidas pelas garotas. Fotos de perfil, junto a carros e motos estacionados na rua, e algumas fotos de cunho erótico, mais ou menos explícito, destacando pernas, peito, bunda, boca e língua. "Este comportamento pôde ser interpretado como uma busca permanente por autoafirmação. Seja como menina-mulher sexualmente atraente - admirada, desejada e disputada - seja, por outro lado, através do fetiche pela mercadoria" (p.35).

Mas também foram realizadas fotos que retratassem o dia-a-dia do bairro, mostrando um forte sentimento de pertencimento à comunidade. As jovens também participaram da escolha dos temas e promoveram reflexão crítica ao captar a realidade do local onde moram e discutir sobre o assunto.

> Na medida em que forneceu equipamento e outros elementos para que as jovens produzissem fotografias e vídeos, com temas que tiveram participação ou mesmo foram definidos por elas próprias, vejo essa experiência como prática de cidadania

> cultural (...) Foi atividade de produção cultural atravessada pelos padrões de mercado - e não poderia ser de outra forma - mas que representou uma possibilidade de expressão daquele grupo de jovens, como forma de comunicação, de produção e troca de experiências marcadas pelo exercício do direito à cultura (FUSER, 2011: p.40)

A capacitação permanente é o caminho para a conquista da autonomia desses jovens, como conclui Fuser. Autonomia para produzirem conteúdos e se apropriarem das tecnologias de informação e comunicação (como a internet) como forma de também exercerem a cidadania.

Uma reflexão interessante acerca da democratização da comunicação é feita por Luciene de Oliveira Dias (2010) em seu artigo "Além de uma simples onda: Recepção, Cidadania e rádio-poste no Quilombo Barra de Aroeira". Luciene Dias analisa a recepção dos moradores do Quilombo à colocação de uma rádio-poste na localidade em 2008. O Quilombo tem 145 anos de existência e a rádio se apresentou aos moradores como "uma alternativa para o fortalecimento das possibilidades de informação eficaz e comunicação local" (Dias, 2010: p.261).

A rádio-poste faz parte do Projeto Gestão da Comunicação para o Desenvolvimento do Artesanato e da Tecnologia em Barra de Aroeira, desenvolvido pela Universidade Federal de Tocantins (UFT), e é conduzida por um morador treinado pelos representantes do projeto. A programação foi discutida em reunião com membros da Associação Comunitária dos Quilombos Barra de Aroeira, sem participação efetiva dos moradores do Quilombo: "os relatos dos moradores dão conta de que o estilo, volume e qualidade das músicas não obedecem a uma demanda local ou tampouco a uma imposição externa diretamente pensada. De modo que não são poucos os que expressam a não-participação na proposta" (Dias, 2010: p.262).

Os moradores do Quilombo reconhecem a utilização da rádio como uma ferramenta boa de comunicação no que se refere a avisos e convocações para reuniões e missa, mas também discordam da rádio por ela relevar interesses individuais. Apesar de pensar o

Quilombo enquanto uma comunidade, um coletivo de pessoas, para Dias, não se deve desconsiderar as individualidades dos moradores. A autora coloca a questão de desenvolver projetos de comunicação envolvendo a comunidade, ouvindo os moradores e construindo em conjunto a eles a comunicação da localidade.

Dias (p. 258) reflete ainda que " a discussão da comunicação no Brasil, para o bem ou para o mal, caminhou para o campo da tecnologia. Dessa forma, democratizar a comunicação se transformou em um quase sinônimo de democratizar a tecnologia da comunicação". Mas como a autora mesmo explica (p.256): "as relações dos grupos sociais com a comunicação são criadas e alimentadas no fazer cotidiano, na construção das teias de significados ou culturas locais e não na apreensão de determinada tecnologia e seu uso para a construção da informação".

Uma outra reflexão relacionada à comunicação e movimentos sociais é feita por Rozinaldo Antonio Miani e Lorène Monique Lairé (2010) no artigo "A comunicação como estratégia de organização e atuação política: o caso da Central de Movimentos Populares (CMP) Regional Londrina". Miani e Lairé veem na comunicação uma estratégia política para ocupar e manter o poder, visto a necessidade cada vez maior de visibilidade e promoção de projetos e instituições que se queiram hegemônicas. Para os autores, uma política de comunicação se faz necessária, que seria

> um conjunto de diretrizes políticas, de natureza permanente e orgânica, sobre a comunicação de uma determinada organização social, invariavelmente materializada por práticas e produções comunicativas planejadas e executadas de forma participativa e dentro de parâmetros de eficiência e eficácia, desempenhando papel formativo e informativo no processo de educação popular, com vistas à conscientização, dos sujeitos envolvidos direta e indiretamente pelos objetivos estratégicos da organização (MIANI; FREGONESI, 2008: p.60 e 61 apud MIANI; LAIRÉ, 2010: p.307).

No caso da CMP Regional Londrina, a proposta era articular e mobilizar os movimentos populares para a construção de um projeto popular alternativo, rumo ao socialismo. Primeiramente, Miani e Lairé definem movimentos populares como "aqueles que teriam nas classes sociais subalternas, ou seja, nos setores explorados, dominados e oprimidos

da sociedade, seu sujeito e sua base de cosntituição" (p.302) e constatam que dos mais de 300 núcleos de organização social de Londrina, apenas alguns conhecem a Central de Movimentos Populares: "estabelecemos contatos com aproximadamente 100 organizações, prioritariamente aquelas que acreditávamos poder compor a base de representação da Central de Movimentos Populares. Dessas organizações, apenas nove afirmaram conhecer a CMP" (p.304).

Foi constatado também que a comunicação não era assumida como prioridade por essas organizações sociais, apesar de reconhecerem a importância da comunicação. Os dados foram apresentados a CMP que percebeu a necessidade de rever o papel que a entidade representa na conjuntura atual dos movimentos sociais visto a sua falta de representatividade frente a esses movimentos; e desse modo uma política de comunicação foi proposta a CMP.

Voltando à questão da internet e movimentos sociais, um exemplo de utilização bem sucedida da internet e que vale a pena ressaltar é dos zapatistas. Ana Maria Vieira Monteiro e Cláudia Lahni (2011) exploram esse tema no artigo "Revolução das palavras: um estudo de rádios zapatistas".

Segundo Monteiro e Lahni, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) surgiu na década de 1990 da união de povos indígenas da Selva Lacandona com um pequeno grupo político urbano de orientação marxista-leninista, com o objetivo de se fazer escutar as reivindicações e luta pela democracia e divisão justa da terra no México. O EZLN se inspira nas atitudes de Emiliano Zapata, líder de revoltas camponesas no início do século XX.

O EZLN se propôs a ser uma organização descentralizada e sem hierarquias. A figura do subcomandante Marcos (porta-voz do movimento) é bem recorrente, como os zapatistas atuam encapuzados, isso dá a entender que qualquer pessoa militante do movimento pode ser o subcomandante, reforçando a ideia de horizontalidade da organização. Em 1996, foi criada a Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN), dissociada da EZLN em 2005. A FZLN atuou como uma organização paralela e desarmada, divulgando o movimento Zapatista.

> A internet e o diálogo se tornaram o suporte e as armas do EZLN, permitindo o acesso à informação e à troca de informações, principalmente com a comunidade internacional. O site do EZLN (www.ezln.org.mx) se divide em dois outros sites, o EnlaceZapatista e o ZextaInternacional. Ambos divulgam notícias independentes e eventos relacionados à atuação zapatista em movimentos da sociedade civil, principalmente àqueles ligados à causa indígena. (MONTEIRO e LAHNI, 2011: p.110)

No artigo de Monteiro e Lahni há destaque para as rádios comunitárias zapatistas na internet, que dão voz às causas indígenas e funcionam como mediadoras da parcela mais pobre da população ao conciliar suas tradições às novas tecnologias, fazendo-as encontrar seu papel social nesse mundo em desenvolvimento. As rádios também funcionam como ligação entre as pessoas que saíram de suas comunidades de origem e sua cultura, resgatando conceitos de identidade: "o Movimento encontrou no espaço digital, ou ciberespaço, uma ferramenta de disseminação, ataque e defesa, até então impossíveis através de outros meios" (2011: p.113)

> O Movimento Zapatista é essencialmente de âmbito internacional, uma vez que o princípio do grupo é a informação independente de fronteiras, através do ativismo online. Os zapatistas de fora do México são grupos que atuam em rede, conseguindo e organizando o apoio da sociedade civil para a causa mexicana, que em vários sentidos se configura como uma causa pelos direitos humanos associados às minorias como indígenas e os campesinos. (MONTEIRO e LAHNI, 2011: p.115)

A internet acaba por fortalecer o Movimento Zapatista, pois espalha a causa e atinge pessoas de qualquer parte do mundo que tenham acesso a computador e internet, e estes são militantes em potencial com capacidade também de criarem conteúdos online e contribuir ainda mais para o Movimento.

Uma apropriação interessante da internet é a utilização das redes sociais como forma de mobilização. Recentemente, campanhas virtuais ganharam as ruas em diversas localidades, a exemplo do Egito, que teve o presidente Hosni Mubarak, no poder há 30 anos, deposto depois de uma revolta popular iniciada na internet:

> Em 6 de abril de 2008, os trabalhadores egípcios ensaiaram uma greve geral reclamando dos aumentos excessivos dos preços dos alimentos. Greves são ilegais por lá. O movimento teve sucesso apenas parcial e a polícia foi em peso para as ruas. Os protestos foram parcos. Mas, provocados pelo tema, um grupo de jovens começou a debatê-lo no Facebook. É ali que tudo começou. O diplomata Mohamed ElBaradei foi um dos primeiros a descobrir esse movimento incipiente. Gastou

> tempo para dominar as mídias sociais e ouvir o que seus jovens compatriotas diziam. E é por isso que terminou apontado como um dos líderes de consenso possíveis para a revolução. Líderes mesmo, no entanto, são pessoas como a blogueira Nawara Negm, 37 anos. No dia a dia, ela trabalha como tradutora na TV estatal egípcia. Mas, na internet, onde é mais conhecida, o seu é um dos blogs mais lidos do país. E ela é uma das que mais se empenhou na revolta em curso (DORIA, 2011)[58].

Pela internet, os ativistas debateram a situação política de seu país e conclamaram o povo a ir às ruas. Mensagens enviadas por emails em massa explicando a causa, os objetivos e as ações são ferramentas de mobilização. Redes sociais como facebook e twitter facilitam a comunicação e permitem que as notícias se espelhem rapidamente chamando mais pessoas a participarem no campo real. Mas a divulgação de atos na rede também faz aumentar a vigilância, controle e cerceamento da liberdade de expressão, como o Egito tentou fazer cortando o acesso à internet ou o bloqueio de sites como o twitter na China.

Outros exemplos de mobilização na rede estão aí, como as manifestações em São Paulo, divulgadas na internet, contra a violência policial, aumento das tarifas de ônibus e o "churrasco da gente diferenciada". Este último faz referência à construção de uma estação de metrô na região de Higienópolis. O bairro é de elite e um grupo de moradores se demonstrou contra a construção da estação porque ela atrairia mendigos, drogados, uma "gente diferenciada". A expressão resultou num protesto de mais de 600 pessoas em maio desse ano, em frente a um shopping no bairro, criticando a posição desse grupo e do governo de São Paulo que anunciara a mudança do local da estação. O protesto virtual, por sua vez, teve adesão de mais de 50 mil pessoas[59].

No próximo capítulo abordamos a história do Movimento Anarcopunk de São Paulo, sua comunicação e analisamos o blog do movimento, partindo da premissa de que a

---

[58]Artigo escrito pelo jornalista Pedro Doria em junho de 2011, presente no link: http://blogs.estadao.com.br/pedro-doria/2011/02/06/a-revolucao-no-egito-depende-necessariamente-da-internet/ - Acesso: 25 de outubro de 2011

[59]http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/churrasco+de+gente+diferenciada+reune+centenas+de+pessoas+em+sp/n1596952519276.html - Acesso em 25 de outubro de 2011

comunicação (no nosso foco, feita pela internet) contribui para a construção do MAP-SP enquanto movimento social.

4 MAP-SP E SUA COMUNICAÇÃO

No presente capítulo mencionamos a história do MAP-SP através de depoimentos de ex-integrantes, boletins informativos da época e referências bibliográficas que tratam do surgimento do anarcopunk no Brasil. Terminada essa etapa, descrevemos a comunicação do MAP-SP destacando a utilização da internet como ferramenta de comunicação. Por último, analisamos o blog da associação procurando responder ao questionamento do trabalho de como a comunicação contribui para a construção do Movimento Anarcopunk de São Paulo enquanto movimento social.

4.1 HISTÓRIA DO MAP-SP

O Movimento Anarcopunk em São Paulo surgiu da aproximação dos punks com o Centro de Cultura Social (CCS), espaço onde são realizadas atividades com o objetivo de estimular e promover debates e gerar conhecimento entre as classes populares sobre a realidade que os cercam. De acordo com Valdir da Silva Oliveira (2007), em sua dissertação "O anarquismo no movimento punk: cidade de São Paulo, 1980-1990", a aproximação dos punks de São Paulo com os anarquistas se deve à atuação de punks como Antônio Carlos de Oliveira[60], que participavam do CCS; há destaque também ao próprio projeto do Centro de Cultura que pretendia aglutinar e atrair os jovens para o ideal anarquista.

Valdir Oliveira cita uma reportagem publicada pelo “Jornal do Brasil” em sete de dezembro de 1987, escrita pelo jornalista Fernando Granato e intitulada “Anarquistas e ‘punks’ reúnem-se contra imperialismo em São Paulo – de gerações diferentes, velhos anarquistas e jovens punks encontram afinidades”:

[60] Antônio Carlos de Oliveira é ex-participante do movimento punk, autor de fanzines e pesquisador do movimento. É autor do livro "Os fanzines contam uma história sobre punks", São Paulo: Achiamé, 2006.

> Aparentemente de gerações tão distintas, Carlo Aldegheri, 85 anos, sapateiro aposentado e anarquista convicto, e Marcos Falcão, 23, estudante de história da USP (Universidade de São Paulo) e participante do movimento punk (uma legião de jovens da periferia de São Paulo), têm um interesse em comum: ambos se dizem "contra o imperialismo burguês". Essa afinidade foi suficiente para que arrastassem grupos de adeptos para lotar, no fim de semana, o pequeno auditório do Centro de Cultura Social (CCS) – uma associação cultural anarquista localizada no bairro do Brás, onde no início do século se concentravam os militantes do anarquismo de São Paulo. "Temos a cabeça erguida contra o sistema capitalista", afirmou Carlo, que revelou ter lutado pessoalmente "contra o imperialismo, em 1936, na guerra civil espanhola", do lado republicano contra as tropas de Francisco Franco. Sentados a uma mesa diante de uma parede onde se destacava os símbolos punk e a conhecida frase em espanhol "hay gobierno soy contra", os velhos anarquistas herdeiros do movimento e os jovens punks dos anos 80 produziram cinco horas de debates para atentas 50 pessoas. (Jornal do Brasil, 1987 apud OLIVEIRA, 2007: p.110)

Segundo Oliveira (2007), o contato com militantes anarquistas de outras gerações foi fundamental para o aprofundamento de reflexões dentro do movimento punk e a percepção das contradições existentes dentro deste. O posicionamento comum contra o capitalismo e o Estado permitiu a aproximação e o convívio dos punks jovens com os velhos anarquistas e propiciou uma troca de experiências. Carlo Aldeghieri e Jaime Cubero são alguns anarquistas do Centro de Cultura importantes nessa época para o punk. O CCS realizava atividades culturais para divulgar os ideais anarquistas e promovia debates com temáticas relacionadas ao movimento punk e à contracultura. Mas ainda assim ocorreu um choque de gerações.

Jovens punks, no auge de seus vinte anos de idade, não tinham ainda amadurecidas ideias sobre o anarquismo, um exemplo é uma palestra no CCS, também em dezembro de 1987, onde Antônio Carlos de Oliveira, discursando sobre o movimento punk, ficou sem resposta diante da indagação do anarquista Carlo Aldeghieri do que fazer depois de destruir o sistema:

> “Tem uma palestra ali que uma vez em..., acho que foi a primeira vez que eu falei no Centro de Cultura, eu falei para o público, me convidaram, esse cara, o Gurgel me indicou para fazer parte de uma mesa para discutir o movimento punk e anarquismo, aí eu pô, vinte anos de idade, no auge de minha ignorância, da minha arrogância, eu chego no Centro de Cultura, sento, aí chega um velhinho todo curvado, cara, era o Aldegheri, senta do meu lado, tava bem cedo e ele pergunta assim: ‘é, mas o que vocês querem?!’ Há, a gente quer destruir o sistema. ‘Há, ta bom, destruir o sistema é fácil, e o que vocês vão fazer depois que vocês destruírem o sistema?!’ Acabou, meu amigo, acabou, acabou, não tem resposta nenhuma pra dar, você começa a gaguejar, falar um monte de abobrinha, mas consistência nenhuma, nenhuma, falando de 1985, e essa época eu já tinha escrito acho que dois ou três exemplares do fanzine chamado ‘Anti-Sistema’, então eu não era uma pessoa tão sem informação assim, recebia correspondência de vários lugares do Brasil, de vários lugares do

> mundo, então eu não era uma pessoa tão desinformada" (depoimento de Antônio Carlos de Oliveira - 2006 - apud Valdir Oliveira, 2007: p.105).

Parece que somado às ideias pouco maduras dos/as punks, seu visual e atitudes chocavam os velhos anarquistas, que não entendiam a proposta da estética punk. O resultado foi seu afastamento do CCS. Paralelamente, alguns/as punks mantinham relações com a Confederação Operária Brasileira (COB). A COB, na década de 1980, tentava reestruturar suas bases de luta sindical e operária em São Paulo, como analisa Valdir Oliveira; e tecia críticas à postura do CCS de atrair novos adeptos ao anarquismo. O afastamento dos/as punks com as duas entidades teve início numa assembleia, em 1986, entre punks, estudantes e representantes da COB e do CCS. Muitos punks não estudavam ou trabalhavam e não se sentiam representados pelas instituições, de caráter operário.

Ivan Ribeiro participou da construção do movimento anarcopunk em São Paulo e menciona que, na época, mantinha contato tanto com anarquistas quanto com punks ganguistas. Ele também relata o princípio da organização do MAP-SP:

> Na verdade não foi desde o comecinho que eu participei no MAP, o MAP não estava nem em projeto. Existia na época punks anarquistas ou punks libertários, que assim como eu até conheciam os diversos grupos e gangues punks da cidade e do subúrbio. Porém pelo fato de não "andar" com nenhuma delas nem integrar nenhuma delas, ficava numa situação delicada de ao dar role, ser confundido por gangue tal, como integrante de gangue "inimiga" e passar alguns aperreios por conta disso. Na época já me assumia punk anarquista, e passei a atuar junto ao CCS e na sequência na COB, tudo isso ao mesmo tempo de ir mantendo e ampliando o contato com os punks seja da cidade seja do subúrbio... Tanto o CCS quanto a COB tinham reticências quanto ao trabalho com os punks. O CCS não entendia o viés cultural de nossa estética de resistência, a COB, após um tempo, analisava que nossa presença nos manifestos iria espantar os trabalhadores, isso no auge de nossa articulação com os punks. Num congresso da COB foi votado a continuidade ou não do contato com os punks, fui voto vencido e a COB afastou-se dos punks e eu me afastei da COB. Isso em 1988/89. Dai começamos a trabalhar dentro do movimento punk um aprofundamento das questões anarquistas, que tinham que deixar de ser sobre chavões, pets, e tatoos... e começamos a sistematizar o anarquismo dentro da cena. Coisa que simultaneamente estava também acontecendo em Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador, João Pessoa.... (RIBEIRO, 2011)[61]

Ivan comenta que em 1988, ainda na COB, receberam a visita do franco-lusitano Jean Gabriel, que atuava na CNT (Confederação Nacional dos Trabalhadores) francesa. Segundo

[61] Depoimento de Ivan Ribeiro concedido por email, em 13 de outubro de 2011, a esta acadêmica, para o presente trabalho. Ivan não nos forneceu idade e profissão.

Ivan, Jean possuía ideias e atitudes anarcopunks e através dele punks de São Paulo tiveram contato com iniciativas europeias nessa linha. Nessa mesma época, entraram em contato com o pessoal da gangue SPPunk, que também se reivindicava anarquista. Dentro do SPPunk havia um coletivo chamado Ação e Anarquia, que posteriormente aderiu à COB.

Os dois grupos participaram juntos de um congresso anarcossindicalista em Brasília, mas o SPPunk não levou a parceria adiante devido a variadas circunstâncias, como o não entendimento com punks do subúrbio. Segundo Ivan, dentro ainda do SPPunk havia outro coletivo denominado SP-OI, com inclinações nazifascistas.

Em 1989, através da COB, o grupo punk realizou o evento "Revolte-se pela vida", no Parque da Luz, com som de bandas, e na ocasião chegou-se ao consenso de que somente quem tivesse participado das reuniões na COB teria direito a uso do microfone. Ivan relata que havia o Coletivo Libertário que já agitava a cena punk há alguns anos, mas segundo ele, sem coerência em suas atitudes, mantendo contato com skinheads[62].

Outro coletivo que coexistiu com a fundação do MAP-SP foi a Juventude Libertária. Fábio "Nenê" Altro, ex-integrante da banda Personal Choice e anarcopunk em São Paulo, relata em depoimento para o projeto "Hardcore 90 - Uma história oral"[63], que a Juventude Libertária surgiu como um coletivo jovem dentro da COB, ligada à União Geral dos

---

[62] Os skinheads se originaram na década de 1960, no Reino Unido, constituído em sua maioria por brancos e negros (imigrantes jamaicanos), reunidos pela música (ska, reggae, rude boys, etc). A cultura skinhead da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol e por alguns skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros. A “segunda geração” de skinheads surgiu no final da década de 1970, essa mesclou a cultura do “espírito de 69” à cultura punk, mas na década de 1980, a cultura skinhead sofreu grandes mudanças, a principal delas foi a fragmentação da cultura em diversos submovimentos, pois nesse período, com a infiltração da política dentro da cultura skin, integrantes do movimento passaram a promover o racismo, a xenofobia, a homofobia e a cultivar as ideologias neonazistas. www.brasilescola.com/sociologia/skinheads - Acesso em 25 de outubro de 2011.

[63] Projeto desenvolvido por Marcelo Fonseca, iniciado em 2009, e que intenta realizar um documentário a partir do depoimento de participantes da cena hardcore de São Paulo. http://hardcore-memoria.blogspot.com/ - Acesso em 25 de outubro de 2011.

Trabalhadores e à Associação Internacional dos Trabalhadores; e que na década de 1990 se dissociou das instituições sendo somente Juventude Libertária.

Frederico Freitas, também em depoimento para "Hardcore 90 - Uma história oral", explica que punks da Juventude Libertária e os/as anarcopunks começaram a construir a cena anarco em São Paulo juntos, mas com o passar do tempo foram se diferenciando cada vez mais. Uma parte da Juventude Libertária foi influenciada pelas ideias straight-edges, um modo de vida associado ao som punk/hardcore, que defende abstinência de drogas lícitas e ilícitas e a prática do vegetarianismo. Outra parcela se aproximou das ideias anarcopunks[64], construindo posteriormente o MAP-SP. Segundo Freitas, os dois grupos construíam sua identidade negando a identidade do outro, parece que ser anarcopunk, na época, era não ser straight-edge e vice-versa.

Ainda sobre a construção do MAP-SP, Ivan Ribeiro comenta que a cena anarcopunk se firmava em várias regiões do Brasil ao mesmo tempo. Ele cita a visita de uma alemã, Anne[65], que estava passando um tempo no Rio de Janeiro (em 1989, na ocasião do evento "Revolte-se pela vida"). Ivan a colocou em contato com a cena punk carioca e logo depois, Anne e punks cariocas estavam criando o coletivo Movimento Entulho Anarcopunk (MEAP), já apontado na direção anarquista.

Ivan também menciona a proposta que fez para punks amigos integrantes da COB de criar o MAP-SP, isso em 1988: "fui rechaçado sob argumento de que não deveríamos criar mais uma designação pro punk em São Paulo" (Ribeiro, 2011).

---

[64] Como ideais anarcopunks podemos citar a prática do anarquismo através de ações contraculturais como a música e a estética punk. O movimento punk em geral se aproxima do anarquismo pela contestação ao sistema, mas o anarcopunk se utiliza da política e formas de organização do anarquismo, ou seja, se caracteriza como uma nova vertente do movimento anarquista. Sobre o anarquismo, como já citado anteriormente, é a defesa de uma sociedade sem classes e a supressão total da autoridade e do Estado, prezando por um mundo onde os indivíduos se autogestionem (autogovernem).

[65] Ivan não nos forneceu o sobrenome e a profissão de Anne.

Sobre o contato cada vez maior com punks do subúrbio paulista e a aproximação com práticas anarquistas, Ivan relata um protesto de 7 de Setembro de 1987:

> O Redson (recém-falecido) tinha um programa na 89 FM, às sextas-feiras, chamado Independência ou Morte, e na ocasião, o Moésio, de Cubatão, divulgou o manifesto antimilitar de 7 de Setembro informando aos militares que seria um protesto pacífico. Isso dois anos depois da dita abertura política e tendo um filhote da Arena, no caso Sarney, no poder... Nós da COB íamos participar juntos, porém analisamos que seria contraproducente após aquela divulgação. Fizemos o protesto sem visual [punk] e conseguimos entrar até as arquibancadas com faixa de protesto, em frente ao palanque principal. Depois fomos reprimidos e a faixa tomada. Porém isso foi fichinha, os punks do subúrbio foram presos em diversas localidades próximas à Luz, um caminhão catava todos os punks que chegavam ao protesto. Uma marcha que saia do Centro também foi reprimida, os punks encurralados e amarrados pelo pescoço com uma corda, alguns tiveram o moicano cortado com faca pelos policiais. Um dos "líderes" dos punks, o Revolta, ficou preso três dias e ninguém achava ele. Daí fomos, enquanto COB, procurar aquele pessoal e propor parceria. Disso, na sequência, gerou o contato que fundiu-nos com os punks do subúrbio e gerou um protesto em frente a Folha de São Paulo, que acompanhou [o protesto de 7 de Setembro] e omitiu-se face a repressão. Engatamos semanas seguintes protestos na Praça Ramos, pregando o voto nulo. Afloravam pra praça nos sábados 100, 200, 300, 400 punks. Como pode perceber, várias iniciativas apontaram vínculos mais orgânicos entre punks e anarquismo. O Coletivo Libertário misturava as coisas com carecas, não vingou. O SPPunk Ação e Anarquia, como gangue, tinha muitos resquícios em função disso e a anarquia deles era pouco mais que a do Sex Pistols. Via COB, que depois renegou este contato, conseguimos fazer vingar e surgir o Anarcopunk. Me afastei da COB e debrucei-me em fortalecer aquele emergente coletivo, ou movimento, que vinculava efetivamente ideias anarquistas e posturas punks (RIBEIRO, 2011).

O MAP-SP surgiu (oficialmente) em primeiro de Maio de 1990, numa reunião onde os anarcopunks presentes decidiram que a partir daquele dia estariam organizados em unidade, desenvolvendo trabalhos anarcopunks numa espécie de associação. O termo "anarcopunk" veio do intuito de se diferenciar em relação a outros grupos punks que existiam com "posições nada libertárias".[66]

Desde seu surgimento, o MAP-SP foi marcado por contradições. Lendo alguns boletins informativos da década de 1990, percebemos já em 1994 a dissolução do MAP-SP enquanto associação:

> Bem, estamos trabalhando na reestruturação do nosso grupo e trazemos, neste que será nosso boletim informativo, alguns toques e "retoques". Primeiramente, mudamos nosso nome, pois hoje existem muitos grupos Anarco-Punks, e nos intitular como Movimento Anarco-Punk em São Paulo, pode soar como vanguarda, o que com certeza não somos e nem pretendemos. Hoje somos o K.R.A.P. (Koletivo de Resistência Anarco-Punk). E felizmente, o movimento Anarco-Punk, pelo menos

[66] Informativo do MAP - Movimento Anarcopunk de São Paulo - Ano I, n°I. Junho de 2003 - Anexo C

> por aqui, são vários grupos, como: Coletivo Altruista, MAP-Jundiaí, MAP-Campinas, CAPA, C.Anarquista, UL, ULBS, mais grupos anarquistas que não são necessariamente Anarco-Punks, mas, porém, contam com Punks em atividade, como é o caso do CAF (Coletivo Anarco-Feminista), um grupo que vem desenvolvendo e participando conosco em diversos trabalhos. Essa é a realidade do ex-MAP em São Paulo, e estamos contentes com essa realidade, apesar de muitos problemas organizativos. (ICONOCLASTA, Dez.1994 - n°1)[67]

Somente nos anos 2000 surge a proposta de reestruturar o MAP-SP novamente como uma associação, que organiza e aglutina as diversas iniciativas de indivíduos e grupos anarcopunks em São Paulo.

Marina Knup é integrante do MAP-SP atual e participou de sua refundação. Ela relata que já andava entre os/as punks há algum tempo e, em meio a uma explosão de novas gangues em São Paulo, buscou grupos punks com ações e propostas mais coerentes e libertárias.

> Em São Paulo estava acontecendo muita coisa naquele momento, as manifestações antiglobalização, contra a Alca, contra a OMC, G8, etc., existiam muitos grupos - punks e anarquistas em geral. Foi uma das épocas que mais aconteciam coisas nos últimos tempos. E em meio a tudo isso eu comecei a conhecer outros grupos. Na época estava começando a União do Movimento Punk (UMP), que eram reuniões que rolavam de 15 a 15 dias no Centro e aparecia punk de tudo quanto era canto, não só anarcopunks. E meu contato com anarcopunks se ampliou nessa época. (KNUP, 2011) [68]

Marina menciona que, nesse meio tempo, ela e amigos criaram o Coletivo Resistência Libertária, e faziam fanzines, organizavam manifestações e eventos em conjunto com outros grupos como o Germinal e a ORGAP (Organização Anarcopunk). Nessa época ela (com idade entre 15 e 16 anos) também participava dos encontros regionais de anarcopunks em São Paulo. Apesar do MAP-SP ter se dissolvido em meados dos anos 90, a movimentação anarcopunk não se findou. Ao contrário, havia muitos coletivos e indivíduos ativos em São Paulo.

---

[67] Fanzine do Koletivo de Resistência Anarco Punk (K.R.A.P.) - Anexo D

[68] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 23 de setembro de 2011, em São Paulo - SP, para o presente trabalho. Marina tem 27 anos, é graduada em Ciências Sociais e trabalha como tatuadora. Knup não é seu sobrenome real, mas é o nome que assina em publicações anarcopunks. Não foi permitida, pela fonte, a publicação integral da entrevista neste trabalho.

Os encontros regionais aconteciam (e ainda acontecem) de seis em seis meses, e aglutinam os/as anarcopunks para discutir temas pertinentes à época do encontro, como a questão do antifascismo, a inserção de anarcopunks nos movimentos sociais etc. Segundo Marina, no segundo encontro que ela participou, em 2002, foi colocada a proposta de reativação do MAP:

> Embora o nome MAP não fosse utilizado naquele momento, existiam coletivos anarcopunks bem ativos na época, como o Marãna-Eté, a ORGAP, Germinal, entre outros. Então existiam vários coletivos atuantes, embora não reunidos em uma associação única. E em um desses encontros regionais, o pessoal propôs a reativação do MAP enquanto associação, e as pessoas que estavam presentes concordaram. (KNUP, 2011)

O MAP-SP atual, enquanto associação, é filiado à IAP (Internacional Anarcopunk), uma federação anarcopunk de nível internacional, que realiza encontros periódicos desde 1998 - cada vez em um país diferente[69]. Nem todos os coletivos e indivíduos anarcopunks de São Paulo são aderidos ao MAP-SP. Os grupos que compõe o MAP são grupos anarcopunks, entretanto existe também a participação direta de grupos ligados ao hip hop e outros grupos libertários. Dos grupos que fazem parte da Associação podemos citar: o Coletivo Popyatã, Comuna Goulai Polé, Núcleo de atividades O Regicídio Está Por Vir, Coletivo Afro-punk Ovelha Negra, Imprensa Marginal, Distro Resistência di Favela, Cooperativa Artilharia Negra, e as bandas Revolta Popular, Ruído Subversivo, Regicidas, entre outras.[70]

Quanto às atividades do MAP-SP, há atuação conjunta a outros grupos do movimento social. De acordo com Marina Knup, essa prática foi influenciada pela atuação do grupo Anarquistas Contra o Racismo (ACR) que existia na década de 90, composto por anarcopunks, mas não exclusivamente. A proposta principal do grupo era discutir a questão

---

[69] Como já discutido anteriormente, anarquia não é sinônimo de caos, mas, etimologicamente, "sem governo". O anarquismo luta pela supressão da autoridade e por uma sociedade sem classes, e para tal se organizam regional, nacional e internacionalmente. Um exemplo é a AIT, Associação Internacional dos Trabalhadores, do qual participaram anarquistas renomados, como Bakunin. O anarcopunk, sendo uma vertente do anarquismo, também se organiza da mesma maneira. Em São Paulo há encontros regionais de anarcopunks, articulação com outros grupos anarcopunks do Brasil e também do mundo.

[70] Grupos citados na Carta Pró-Sede do Movimento Anarcopunk de São Paulo - www.anarcopunk.org/mapsp

do antifascismo e combate ao racismo ampliando a atuação ao contexto dos movimentos sociais. A partir daí, os anarcopunks passaram a atuar junto dos movimentos sociais sempre que possível, como o Movimento Negro, LGBT, Movimento Feminista, MST e tantos outros[71]. Como reflete Marina:

> A gente sabe que cada um desses movimentos têm as suas especificidades e propostas, e que muitas vezes as práticas deles são completamente diferentes das nossas, por vezes muito mais ligadas a obtenção de direitos dentro da legislação, diálogo com o Estado, e etc. Mas mesmo assim a questão é estar, quando possível, junto desses movimentos, que tem caráter popular, ampliando e fortificando algumas de nossas lutas - como é a questão do anti-fascismo, por exemplo. Não adianta a gente se fechar num mundinho anarcopunk e achar que a gente sozinho vai conseguir criar uma mobilização fudida, porque a gente não vai. Acaba sendo uma questão de união de esforços em causas comuns, partindo-se do respeito a estas peculiaridades e levando em conta ainda a existência de coerência nestas relações. (KNUP, 2011)

O MAP-SP transmite suas ideias por meio de fanzines, os boletins informativos, pelo visual, som, as intervenções urbanas (grafite, por exemplo), performances teatrais e também pela internet, mantendo contatos por emails, com o blog. Como resume Johnny, integrante do MAP-SP e da banda Revolta Popular:

> tem várias coisas que fazem parte da cultura punk em geral e o zine é uma das coisas que fazem parte da nossa cultura. Um acaba fazendo um fanzine, o outro dá ideia sobre a questão, textos, desenhos, tem as bandas também que fazem seu som, suas performances e tal, tem os grupos, os coletivos que fazem parte da associação - o Movimento Anarcopunk é uma associação - tem o pessoal do teatro né, então aí são as várias expressões de cada indivíduo, que não tem limite. Tem as comunidades, tem os espaços onde o pessoal mora junto, para colocar em prática o que a gente fala, de uma sociedade sem classes, sem dominadores e tal. São esses os espaços que a gente utiliza pra colocar em prática essa coisa que a gente propõe. Então tem as bibliotecas, tudo isso aí faz parte da nossa cultura e faz parte também do que o movimento anarcopunk propõe, que é fazer uma junção do punk e o anarquismo militante. Daí a gente estar envolvido em várias frentes. Tem a frente do movimento das mulheres, do movimento gay, movimento indígena, movimento negro, o pessoal da cultura de rua também, o rap, o pessoal do samba, aí das quebradas. A gente tá junto do pessoal chamado "os diferenciados"[72]. Então a cultura punk ela vem pra

---

[71] A atuação em conjunto a outros movimentos sociais se dá a partir de manifestações de interesse comum, como Jornadas Antifascistas, Grito dos Excluídos, movimentações contra racismo, homofobia, criminalização dos movimentos sociais, etc; assim como atividades organizadas em conjunto, como semana de palestras, shows e intervenções artísticas, ocupações de espaços urbanos e outros.

[72] Johnny faz referência ao “churrasco da gente diferenciada”, episódio que ocorreu em maio desse ano em protesto à construção de uma estação de metrô na região de Higienópolis, em São Paulo. O bairro é de elite e um grupo de moradores se mostrou contra a construção da estação porque ela atrairia mendigos, drogados, uma "gente diferenciada". A expressão resultou num protesto de mais de 600 pessoas, em frente a um shopping no bairro, que criticaram a posição desse grupo e o governo de São Paulo que anunciara a mudança do local da estação. O protesto virtual, por sua vez, teve adesão de mais de 50 mil pessoas.

> criar uma alternativa a todo o lixo cultural que é passado pra gente. Através disso aí a gente passa nossas informações, pra levar ideia, propostas pros debates. O punk é muito conhecido por isso né, por fomentar o debate, fomentar a revolta de uma forma organizada. (JOHNNY, 2011)[73]

A seguir descrevemos a comunicação do MAP-SP, relatando o uso da internet como ferramenta de comunicação, mais a frente analisamos o blog da associação.

4.2 A COMUNICAÇÃO DO MAP-SP

O Movimento Anarcopunk de São Paulo utiliza como principais meios de comunicação os boletins informativos impressos. Vale ressaltar que durante a história do Movimento Anarcopunk em São Paulo existiram vários boletins, com diversas caras e periodicidades. Um que merece destaque é o Boletim Unificado do Movimento Anarcopunk no Brasil[74], que foi uma tentativa de reunir publicações de variados grupos anarcopunks brasileiros em um único periódico. Cada edição era de responsabilidade de um grupo, que tinha a função de reunir os materiais e selecionar o que entrava ou não no boletim.

O boletim atual do MAP-SP tem a proposta de ser publicado trimestralmente, apesar que, de junho de 2003 até novembro de 2011, foram publicados 10 boletins ao todo. Nos boletins há o repasse das atividades ocorridas durante o período que se passou entre um boletim e outro, assim como cartas de apoio, de repúdio, informes, divulgação de outros eventos a acontecer, indicações de leituras e bandas, e também reflexões de temática de interesse anarcopunk, como movimentação contra violência contra a mulher, antifascismo, movimentos anticárcere, contra o racismo, contra a homofobia etc. A publicação é feita em

---

http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/churrasco+de+gente+diferenciada+reune+centenas+de+pessoas+em+sp/n1596952519276.html - Acesso em 25 de outubro de 2011

[73] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011, em Diadema - SP, para o presente trabalho. O anarcopunk Johnny não forneceu sobrenome, idade e profissão nesta entrevista, como disse, por questões de segurança. É importante lembrar que diversas pesquisas não revelam o nome completo de suas fontes, optando muitas vezes apenas pelo uso de apelidos ou mesmo iniciais, isso dependendo da opinião do sujeito da pesquisa ou mesmo de questões éticas que possam envolver o tema.

[74] Em anexo, o Boletim Unificado edição n1, 1992. Anexo E

folha A4, impressa em offset e diagramada no computador. As edições variam entre oito e doze páginas, são em preto e branco e possuem fotos e ilustrações.

Quanto ao conteúdo, é aberto a todos a contribuição para a edição do boletim, seja enviando textos, desenhos, charges, poesias... Segundo Johnny, são poucas as pessoas que enviam conteúdo, mas há uma comissão responsável pela publicação do Informativo.

Em relação aos zines, Marina Knup explica:

> Essa questão dos zines é complicada. Se você for pegar, por exemplo, os anos 90, cada pessoa fazia as vezes três zines - um de poesia, um de questões políticas, um de não se o quê... eram bilhões de fanzines circulando de mão em mão e via carta, e isso era geral, não só no movimento punk, mas no meio fanzineiro como um todo. Com a entrada da internet, muita gente começou a fazer blogs, zines virtuais, ou fazer cópia em pdf e difundir. É um meio mais barato, e muita gente parava de fazer zines porque não tinha mais grana pra fazer cópia, mandar por carta para outro estado, etc. É uma grana que você coloca e não tem volta, e exceto raras exceções ninguém cobrava pelo zine. E até hoje muita gente não cobra pela cópia do zine, dá na mão e pronto. Então do final dos anos 90 pra cá, diminuiu pra caralho a quantidade de zines produzidos, embora até 2005 mais ou menos ainda existissem muitos zines circulando - no meio anarcopunk também. Cada pessoa fazia uns dois zines diferentes no mínimo, eu fiz zine pra caralho, outras várias pessoas também. Algumas delas inclusive continuam fazendo. Hoje em dia ainda existem zines circulando, mas numa quantidade muito menor. (KNUP, 2011)[75].

A internet é tema de debate frequente no MAP-SP e há opiniões diversas. O consenso geral é de que a internet facilita sim a comunicação, é um meio mais rápido de fazer contato, assim como barateia a produção de conteúdo. Sem contar o alcance que a internet tem, possibilitando intercâmbio maior entre pessoas de localidades diferentes. Ao mesmo tempo em que reconhecem os benefícios da rede, os/as anarcopunks veem sua utilização com ressalvas.

Pesa na reflexão a questão do controle policial na internet. Os anarcopunks tem claro que tudo o que é postado na rede é passível de controle por parte do Estado e de mecanismos de repressão, como a polícia. E essa preocupação com o controle de informação não é de agora, nas correspondências por carta há o cuidado em não endereçar ao Movimento Anarcopunk e sim utilizar um pseudônimo para evitar extravio de correspondência, como na

[75] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 23 de setembro de 2011, em São Paulo - SP, para o presente trabalho.

figura abaixo, extraída do Boletim Anarcopunk-SP de janeiro de 2001, publicado pela ORGAP[76].

BOLETIM ANARCOPUNK-SP
Cx Postal: 3297
Cep 01060-970 – SP/SP
(Escreva "ANA ARCHOS" no destinatario, p/ evitar problemas de envio).

Também sobre a internet, há o questionamento pelo fato de algumas pessoas se limitarem a agir apenas virtualmente, ou se bastarem com conteúdos superficiais sobre o punk em geral sem ver necessidade de procurar a fonte. O anarcopunk Aristeu analisa:

> Eu não sei nos outros lugares, mas o movimento punk era mais treta de conseguir saber o que eram as coisas, precisava ter acesso aos punks para buscar isso. Primeiro eles te perguntava umas 300 coisas, de onde você é, onde nasceu, ano. Caso não tivesse a ver com eles, já era, você não tinha o material e ainda apanhava. Tipo, a internet facilitou isso, mas qual foi o preço que o punk pagou por isso, tá ligado? O que se tornou agora ser punk? Na minha concepção, as pessoas estão perdidas sem saber o que é ser punk (ARISTEU, 2011)[77].

O anarcopunk Thiago, na mesma discussão reflete:

> Começaram a surgir diversos textos que resumiam o que é o punk, nossas ideologias, o que é anarquismo. Então de certa forma isso afasta as pessoas de fontes confiáveis. Tipo, de onde aquela pessoa que fez o texto tirou aqueles conceitos que ela colocou no texto minimizado da internet? Então tem esse lado ruim, e o positivo é essa parte da comunicação que facilita, economiza tempo né. Porém, também elimina uma outra característica que a gente tinha que era das pessoas se comunicarem por cartas. A pessoa ia lá e fazia, escrevia uma carta uma pra outra (THIAGO, 2011)[78].

Marina Lima, também anarcopunk e companheira de Johnny conclui:

> Assim, a gente tem sempre que se esforçar com a boa informação né, você conseguiu chegar até a gente através do site anarcopunk.org, que é também uma forma da gente contrapor essa merda toda que seria a "internet" né. E querendo ou não a gente tem que tá [na internet], a gente não vive fora do sistema, isso é

[76] Boletim em anexo. Anexo F

[77] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP, para o presente trabalho. O anarcopunk Aristeu não forneceu sobrenome, idade e profissão nesta entrevista por questões de segurança.

[78] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP, para o presente trabalho. O anarcopunk Thiago não forneceu sobrenome, idade e profissão nesta entrevista por questões de segurança. Quanto às cartas, com o advento da internet e o maior acesso à rede e aos computadores, as cartas estão dando lugar à troca de emails.

> impossível. A gente tem que tá lá para poder instruir, oferecer uma alternativa a essa merda toda aí que tem aí fora (LIMA, 2011)[79]

O site anarcopunk.org, que a Marina Lima faz referência, surge por volta do ano 2000, por iniciativa da ORGAP (Organização Anarcopunk - grupo que existia na época). A intenção era divulgar as atividades anarcopunks em São Paulo. Em 2005, o grupo se desfaz, e nessa época Marina Knup se envolve com o portal, tentando mantê-lo atualizado.

> O site teve várias caras diferentes nesse meio tempo. Em uma época foi mais um site apenas de notícias, depois começou a ter outras coisas junto, como material para fazer download e sessões específicas. Depois, em 2009 mais ou menos, a gente teve essa ideia de criar um portal que pudesse dar espaço para outros grupos colocarem conteúdo, divulgarem o que faziam etc. Disso surgiu essa proposta de juntar as várias atividades que o anarcopunk faz nos vários lugares e ter ali aquele espaço para isso. O blog do MAP surgiu mais ou menos nessa época também. (KNUP, 2011)

O portal não é exclusivamente do MAP-SP, mas este utiliza o portal para a sua comunicação. O anarcopunk.org reúne blogs e sites de diversos coletivos (citando apenas alguns):

Coletivo feminista Ação Anti-Sexista - Coletivo de Porto Alegre/RS

MAP-SP - blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo/SP

Imprensa Marginal - Editora e Distribuidora de São Paulo/SP

Ação Direta em Quadrinhos - Zine de quadrinhos libertários de São Paulo/SP

ORGAP-LIMA - Organização Anarcopunk de Lima/Peru

O portal dá acesso a textos e vídeos com temática anarquista, assim como dá acesso a links de rádios e outros coletivos e iniciativas libertárias. Há uma seção específica para notícias sobre o movimento anarcopunk em São Paulo, assim como no Brasil e no mundo em geral, e uma outra seção específica de eventos anarcopunks divulgadas pelos coletivos que compõem o portal. Segundo Marina Knup, o valor da hospedagem e a atualização de

[79] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP, para o presente trabalho. A anarcopunk Marina Lima não forneceu idade e profissão nesta entrevista por questões de segurança.

conteúdos são de responsabilidade dos integrantes desses coletivos, mas não há uma regra fixa quanto a isso:

> Em geral eu acabo atualizando quase que o portal inteiro. Tem mais duas pessoas que também ajudam a postar informação, enviam filmagens de manifestações para postar na sessão de notícias, etc. Tem gente que ajuda contribuindo com grana para pagar a hospedagem, um pessoal de Porto Alegre que também ajuda quando pode. Quanto ao blog do MAP, acaba sendo eu que também tenho atualizado, embora a proposta seja que mais pessoas se envolvam. A idéia é sair dessa coisa de simplesmente colocar o cartaz de divulgação dos próximos eventos, e também de colocar textos das pessoas do MAP, criar mais material e conteúdo para postar ali, e de forma mais contínua e frequente também. Não faria sentido colocar no blog do MAP coisas que já são postadas em outras seções do site, por isso que acaba não sendo tão atualizado assim. O uso geral tem sido para divulgação das atividades que o MAP vai organizar, notas específicas e outros informes pontuais - por exemplo, quando teve a agressão dos skinheads no Fevereiro Antifascista contra integrantes do MAP, a gente usou o blog também para divulgação do fato e de notas de repúdio. (KNUP, 2011).

Marina explica que o blog do MAP, dentro do portal anarcopunk.org, acaba funcionando como um boletim informativo virtual, onde são postados conteúdos mais específicos.

O anarcopunk Jake[80] comenta:

> Eu acho que o portal é bem utilizado, a página que a gente tem lá [blog] é bem utilizada. O objetivo dele é cumprido, porque a ideia é divulgar as atividades que vão rolar, as atividades que aconteceram e algumas ideias que a gente acha importante veicular na internet: carta aberta, dossiê. Então, pra esse tipo de informação tem sido utilizado, ajudado e é bacana (JAKE, 2011).

Mais recentemente, estão sendo disponibilizados no blog os boletins impressos em versão digitalizada (pdf) para download.

Constatamos que, para sua organização e comunicação, o MAP-SP realiza:

- Reunião presencial de quinze em quinze dias, onde são passados os informes e há organização de tarefas e atividades. O local das reuniões varia de acordo com a disponibilidade dos integrantes. Uma vez que a

[80] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema-SP, para o presente trabalho. O anarcopunk Jake não forneceu sobrenome, idade e profissão nesta entrevista por questões de segurança.

associação não tem sede própria, as reuniões se dão em espaços públicos ou nas casas dos integrantes[81]

- Repasse de atividades e discussão por lista de email
- Divulgação de eventos, cartas de apoio e repúdio, documentos e artigos através do blog do MAP: anarcopunk.org/mapsp
- Portal anarcopunk.org
- Boletins impressos
- Fanzines
- Manifestações em datas específicas como em fevereiro (Jornada Antifascista[82]) 7 de setembro, 15 de novembro etc. E outras de acordo com fatos ocorridos durante o ano, como por exemplo, protestos a assassinatos de punks e a repressão policial.

Resgatada em parte a história do MAP-SP, partimos agora para a análise do blog da associação, procurando estabelecer a relação da comunicação para com o MAP enquanto movimento social.

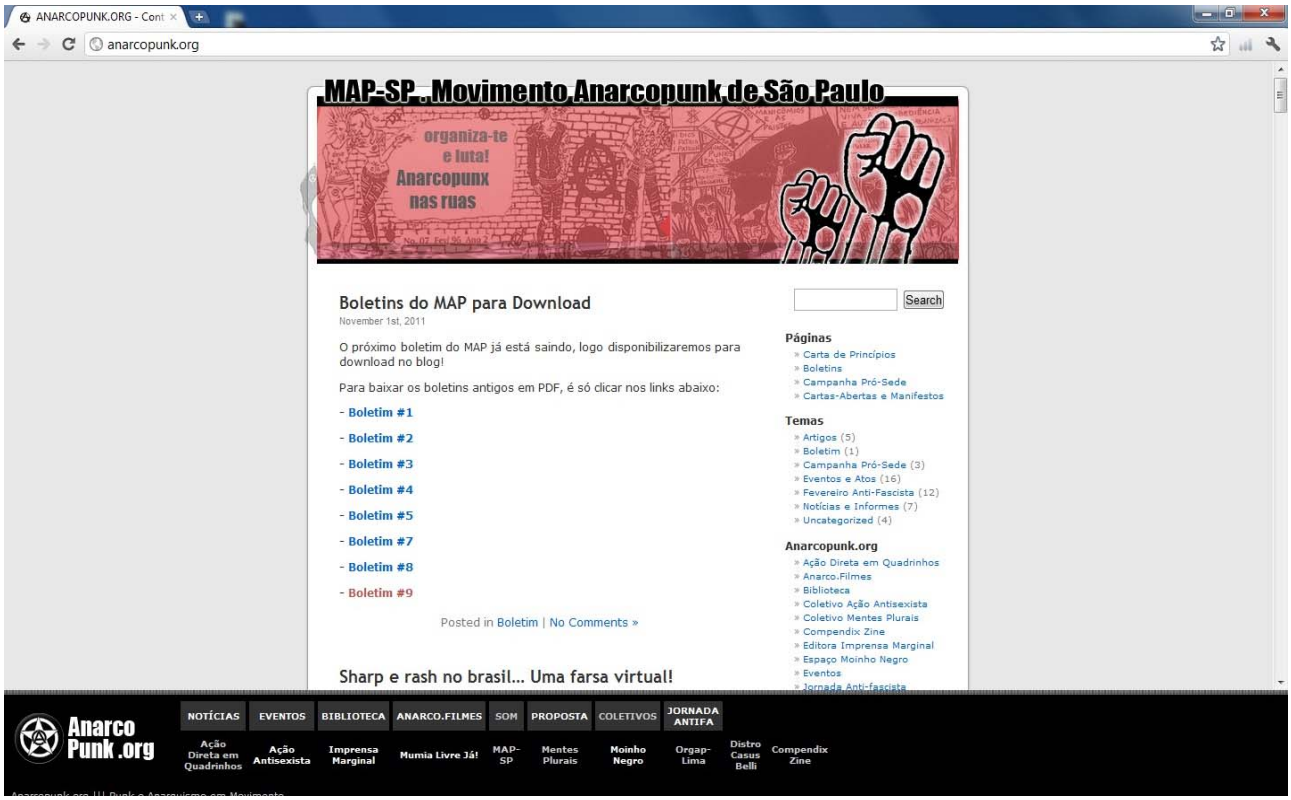
4.3 ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO DO MAP-SP

[81] Esta acadêmica participou de uma reunião presencial do MAP-SP no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema-SP.

[82] A Jornada Anti-Fascista é um ato político-cultural organizado pelo Movimento Anarco Punk de São Paulo há 11 anos, que surgiu da indignação ante ao assassinato do adestrador de cães Edson Neris em fevereiro de 2000, espancado até a morte por um grupo de mais de 20 skinheads com chutes e golpes de soco inglês, por ser homossexual e estar de mãos dadas com outro homem. Nestes onze anos foram organizadas durante o mês de fevereiro uma série de atividades envolvendo atos públicos, panfletagens, debates, palestras, exposições, apresentação de bandas, exibições de vídeos e sobretudo a denúncia das ações intolerantes praticadas por grupos nazi-fascistas e skinheads. Todas essas atividades sempre foram organizadas em conjunto com a participação de diversas entidades da Sociedade Civil, como ONGs, movimentos sociais, grupos culturais e etc. Nas diversas localidades em que foram organizadas estas atividades, em regiões centrais e periféricas, a proposta presente foi o combate ao racismo, a homofobia, a xenofobia e toda forma de intolerância. Carta aberta do MAP-SP publicada em 3 de março de 2011, presente no blog anarcopunk.org/mapsp - Acesso em 25 de outubro de 2011.

Para este trabalho nos detivemos na análise de conteúdo do blog do Movimento Anarcopunk de São Paulo, hospedado no portal anarcopunk.org. A primeira postagem do blog data de 28 de janeiro de 2009, ano em que o portal foi reestruturado, como já citado anteriormente.

O blog tem um visual limpo (sem uso excessivo de fios, marca e cor), fundo branco com as postagens em letra na cor preta. No topo há uma imagem com duas mãos em punho para o alto, simbolizando luta. As imagens utilizadas na composição contém partes do antigo cabeçalho usado no boletim Iconoclasta e também de outras capas de fanzines anarcopunks.



Página inicial do blog

O blog se divide em quatro páginas além das postagens comuns. São elas a "Carta de Princípios do MAP", "Boletins", "Campanha Pró-Sede", e "Cartas Abertas e Manifestos". A Carta de Princípios, como o nome sugere, contém os princípios da associação, seus objetivos e ideais pelo qual luta. A seguir um trecho da Carta:

Carta de Princípios

APÓS O VI ENCONTRO ANARCO PUNK DA CIDADE DE $ÃO PAULO AS PESSOAS ENTÃO ENVOLVIDAS NA ORGANIZAÇÃO DO MESMO SENTIRAM A NECESSIDADE DE ESTAREM RECONSTRUINDO O M.A.P./$.P.
"O M.A.P. É UMA FEDERAÇÃO DOS TRABALHOS COLETIVOS E INDIVIDUAIS. É A SOMA DE NOSSAS AÇÕES, A UNIÃO DE NOSSA FORÇA. É UMA INSTANCIA ONDE ESTÃO UNIDOS OS DIVERSOS TRABALHOS ANARCO PUNK'S DA CIDADE DE $ÃO PAULO. O M.A.P. É TOTALMENTE ABERTO A TOD@S @S MILITANTES DO UNIVERSO ANARCO PUNK, DESDE QUE SE CUMPRA OS ACORDOS CRIADOS EM PLENO E COMUM ACORDO POR TOD@S DO M.A.P.

O MOVIMENTO ANARCO PUNK É UMA ORGANIZAÇÃO QUE EXISTE HÁ 18 ANOS NA CIDADE DE $ÃO PAULO, CONSEGUINDO COM ISSO MUITA CREDIBILIDADE DENTRO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS, DA JUVENTUDE, MOVIMENTOS NEGROS E INDIGENAS E MUITOS ETC...
NÃO COMPREENDEMOS O MOVIMENTO ANARCO PUNK COMO UMA ESPÉCIE DE COLETIVO, MAS SIM COMO UMA IDÉIA MAIOR, OU SEJA, O QUE SOMOS, UMA UNIÃO DE FORÇAS, E É MAIS QUE NECESSÁRIO QUE ABRANJA TODOS OU QUASE TODOS OS TRABALHOS NO DETERMINADO LOCAL, E PROCURE SEMPRE ESTAR CONVIDANDO A TOD@S COMPROMETID@S COM NOSSA LUTA E CULTURA."

Search

Páginas
- Carta de Princípios
- Boletins
- Campanha Pró-Sede
- Cartas-Abertas e Manifestos

Temas
- Artigos (5)
- Boletim (1)
- Campanha Pró-Sede (3)
- Eventos e Atos (16)
- Fevereiro Anti-Fascista (12)
- Notícias e Informes (7)
- Uncategorized (4)

Anarcopunk.org
- Ação Direta em Quadrinhos
- Anarco.Filmes
- Biblioteca
- Coletivo Ação Antisexista
- Coletivo Mentes Plurais

Trecho da carta de princípios do MAP-SP

O princípio da associação é aglutinar os indivíduos anarcopunks na construção de um movimento anarcopunk forte, onde o coletivo se sobressaia ao individualismo. A sua atuação se dá através da ação direta, sem ligação com partidos políticos, sindicatos ou outras organizações capitalistas. Acredita-se na solidariedade e apoio mutuo para a construção de uma nova sociedade, e a luta se dá ao lado dos excluídos do sistema.

A utilização do símbolo arroba (@) é uma maneira de conferir neutralidade linguística e gramatical aos gêneros das palavras. Essa é uma vertente recente das demandas por maior igualdade entre homens e mulheres. Já o uso do cifrão pode ser relacionar ao sistema capitalista representado pelo estado, tanto que todas as vezes em que aparece a palavra "São Paulo" ou "SP" ele é utilizado. Abaixo, mais alguns trechos da Carta de Princípios:

A NOSSA LUTA SE DÁ LADO COM AS PESSOAS EXCLUÍDAS POR ESSE MALDITO $ISTEMA CAPITALISTA MILITARIZADO OPRESSOR FALIDO, É AÍ QUE NOS ENCONTRAMOS E NÃO ARREDAMOS O PÉ, NÃO DAREMOS NENHUM PASSO ATRÁS; POIS ESSA É A NOSSA ESSÊNCIA, É O QUE NOS COMPÔE: SOMOS MENDIG@S SOMOS GAROT@S DE PROGRAMA, SOMOS PRESIDIÁRI@S, SOMOS LOUC@S, SOMOS HOMOSESSUAIS, SOMOS SOROPOSITIVOS, SOMOS VICIAD@S, SOMOS NEGR@S, SOMOS INDÍGENAS, SOMOS MESTIÇ@S, SOMOS LATIN@S, SOMOS MULHERES, SOMOS MIGRANTES E IMIGRANTES, SOMOS DESEMPREGAD@S, SOMOS TRABALHADORES/AS FORMAIS E INFORMAIS, SOMOS POBRES, SOMOS RAPPERS, SOMOS PUNK'S, SOMOS ANARQUISTAS, VIEMOS E SOMOS PARTE DE UMA CONTRA CULTURA DE RUA QUE ATRAVÉS DAS INÚMERAS DIFICULDADES RESISTE E PERSISTE, ASSIM COMO A LUTA DE NOSSO POVO... VIVEMOS NAS PERIFERIAS COM A NOSSA IDENTIDADE ÉTNICA-ECONÔMICA-CULTURAL, TEMOS PLENA CONSCIENCIA QUE AS VERDADEIRAS E REAIS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS VIRÃO DE BAIXO PRA CIMA ATRAVÉS DO POVO POBRE DISCRIMINADO E MARGINALIZADO, TEMOS PLENA CONSCIENCIA QUE A NOSA ORGANIZAÇÃO SE DÁ NUMA TERRA PATENTEADA COMO BRASIL E QUE A RESISTENCIA DO NOSSO POVO POR AQUI COMEÇOU HÁ 508 ANOS ATRÁS, QUANDO A PRIMEIRA CARAVELA GENOCIDA POR AQUI CHEGOU...
NOS SUSTENTAMOS EM NOSSAS RAÍZES ÉTNICAS-CULTURAIS E HISTÓRICAS, FORTALECENDO NOSSA IDENTIDADE COMO POBRES, EXCLUID@S E MARGINALIZAD@S E FORTALECENDO NOSSO CARÁTER MULTICULTURAL DE RESPEITO AS DIFERENÇAS, COMO ANARCO PUNK'S QUE SOMOS.

Trecho da carta de princípios do MAP-SP

Concluindo a carta:

NÃO LUTAMOS POR UM MUNDO ANARQUISTA OU PUNK, MAS POR UM MUNDO ONDE CAIBAM TODAS AS EXPRESSÕES LIVRES. MAS SEMPRE COMBATEREMOS AS EXPRESSÕES DO $ISTEMA QUE BUSQUE DESIGUALDADES E OS PRIVILÉGIOS. LUTAMOS POR UM MUNDO SEM CLASSES SOCIAIS. E PARA ISSO LUTAMOS CONTRA OS QUE SE BENEFICIAM DESSAS DIVISÕES, DOS QUE ESTÃO EM CIMA, VIVENDO AS CUSTAS DO TRABALHO ALHEIO E DO SUOR ALHEIO. NÃO ACREDITAMOS EM POSIÇÕES EXTREMAS, FANÁTICAS. DEFENDEMOS O QUE APRENDEMOS COM NOSSA PRÓPRIA NATUREZA (DA QUAL SOMOS PARTE), DEFENDEMOS A HARMONIA.O EQUILIBRIO DAS COISAS.NOS CONTRAPONDO ASSIM AS DESIGUALDADES. NEGAMOS TODOS OS CONTROLES SOCIAIS, ACREDITAMOS NA AUTONOMIA DAS PESSOAS E DAS COMUNIDADES.
ACREDITAMOS NA CULTURA PUNK E ANARQUISTA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO E AUTO LIBERTAÇÃO. COMO MEIO DE AUTONOMIA E EXPRESSÃO DE GRUPOS SOCIAIS. NEGANDO ASSIM TAMBÉM TODA INDUSTRIA CULTURAL QUE BUSCA ENLATAR AS CULTURAS NO CAPITALISMO MATANDO ASSIM SUA VERDADEIRA RAIZ.AS MOLDANDO E AS CONSUMINDO.
NEGAMOS TAMBÉM QUE O ANARQUISMO POSSA ESTAR JUNTO A QUALQUER MEIO QUE GERE DESIGUALDADES, PRIVILÉGIOS E PRECONCEITOS. O ANARQUISMO É UM "INSTRUMENTO" DE LIBERTAÇÃO D@S OPRIMID@S COMO UM TODO.
DO FUNDO DOS NOSSOS CORAÇÕES ACREDITAMOS N@ PUNK, ACREDITAMOS NO ANARQUISMO E NO NOSSO POVO POBRE, ACREDITAMOS NA HUMANIDADE, HÁ FUTURO!!
ACREDITAMOS NA REVOLUÇÃO SOCIAL E PARA ISSO NOS ORGANIZAMOS, BUSCAMOS CONTATOS COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS AOS QUAIS TEMOS AFINIDADES E SABEMOS HISTÓRICAMENTE DA IMPORTANCIA DESSES CONTATOS, POIS CERTAMENTE NÃO ESTAMOS SOZINH@S NA LUTA!

VIVA A ORGANIZAÇÃO PUNK LIBERTÁRIA!

PELO RESPEITO ÀS DIFERENÇAS!!

VIVA A LIBERDADE E VIVA A ANARQUIA!!

* * *

Trecho da carta de princípios do MAP-SP

A página "Boletins" está em construção, apesar de haver uma postagem recente na página inicial do blog disponibilizando os boletins do MAP (desde sua reestruturação nos anos 2000) digitalizados.

A página da "Campanha Pró-Sede" contém a carta da Campanha em português e espanhol. Na carta há um breve histórico sobre a formação do MAP-SP e a explicação da Campanha que visa arrecadar fundos para a obtenção de uma sede para a associação:

> A proposta de uma sede para o Movimento Anarco Punk já tem sido discutida há alguns anos: um espaço que nos possibilite a realização de inúmeros projetos e atividades, e que abrigue nossas propostas e aspirações, com autonomia, respeito e liberdade. Visto que nossa realidade está totalmente ligada aos bairros pobres da periferia, massacrados pela imensa desigualdade social deste país, temos a intenção de montar a sede em um bairro pobre, abrindo ainda mais esta luta que é de todo o povo oprimido, e que nesta terra tem suas raízes nos povos nativos, com uma enorme tradição de luta e de liberdade. Apesar de há anos tentarmos realizar este projeto com nossos próprios esforços, a condição econômica dos/as militantes não se faz suficiente. Resolvemos assim buscar na solidariedade internacional o apoio para que consigamos finalmente nossa própria sede. Entramos em contato com todos/as vocês para que juntos conquistemos mais este espaço anarquista para o mundo. (Trecho da Carta da Campanha Pró-Sede do MAP-SP - www.anarcopunk.org/mapsp).

A Carta da Campanha também foi publicada em uma postagem do blog em 22 de abril de 2009. Seguem outras duas postagens, uma também de 22 de abril de 2009 e outra de 19 de março de 2010, com os materiais vendidos na Campanha: camisetas, botons, CDs, fanzines etc.

A página "Cartas-Abertas e Manifestos" contém três documentos: um dossiê anti-skinhead, produzido no início do ano de 2010 pelo MAP-SP; uma carta sobre o MAP-Manaus e sua luta antifascista difundida pelo Movimento de São Paulo em março de 2009 (também publicada como postagem no blog); e uma carta escrita pelo MAP-SP em 2007 como resposta à mídia pela vinculação do movimento punk à violência[83]. Nos três documentos percebe-se os princípios e ideais do movimento anarcopunk presentes ao longo do texto: a luta contra o fascismo e em favor da liberdade de se viver a diferença, por exemplo.

O dossiê anti-skinhead possui vinte e cinco páginas onde são relatadas a origem desse grupo no Brasil, assim como a origem do punk. Diferente da Europa, no Brasil o movimento punk surgiu primeiro que o movimento skinhead. De acordo com o dossiê, os skinheads brasileiros se originaram da gangue "Carecas do Subúrbio", que, por sua vez, eram punks. No capítulo sobre o Movimento Punk e Anarquismo deste trabalho, procuramos diferenciar os grupos punks que existiam na década de 1980. Da briga entres os punks de São Paulo e do ABC surgiram os anarcopunks atuais de um lado e os punks niilistas, de posicionamento mais radical, de outro. Estes últimos originaram os "Carecas" e outras gangues com orientações fascistas. No dossiê escrito pelo MAP, associa-se os "carecas" com a ideologia skinhead de outros países:

> *Carecas do Subúrbio* foi o nome dado inicialmente, no final dos anos 70, quando ainda era uma gangue *punk*. Depois de um tempo, do boom dos *skins* ingleses, principalmente das brigas, estes conheceram os *Skinheads* e a partir da identificação, e de algumas adaptações, os *Carecas do Subúrbio* tornaram-se uma gangue unicamente de skins, em 82. Algum tempo depois o movimento chega à Baixada Fluminense, também dissidente de *punks*, surge então o *Movimento Carecas do Brasil*, nome dado pelos “SKINS” do RJ. Mais além o nome passou a ser utilizado por bancas de “SKINS” de outras cidades, que desejavam participar dos Carecas. Estes então deixaram de ser gangue e tornavam-se um movimento. Esta diferença

[83] No ano de 2007 uma série de casos de violência envolvendo pessoas ditas punks foram divulgadas pela mídia, dentre eles, citamos o espancamento do adolescente Guilherme Witiuk Ferreira de Carvalho, de 17 anos, agredido por cerca de 20 punks na Avenida Tiradentes, no Centro de São Paulo no dia 21 de outubro de 2007. "Desde o começo do ano, outras quatro pessoas foram mortas a facadas por pessoas que se identificaram como punks. O francês Grégor Erwan Landouar, 35, foi assassinado em junho após sair de um restaurante com colegas que participaram da Parada Gay. No mesmo mês, um garçom também foi morto em um bar nos Jardins (zona oeste) porque teria se recusado a emprestar um isqueiro. Em março, dois jovens foram mortos a facadas após uma briga entre punks na Penha (zona leste)". http://www.midiaindependente.org/pt/red/2007/10/399612.shtml - Acesso em 14 de novembro de 2011.

> entre "*Carecas do Subúrbio*" é que esta denominação ficou apenas aos pioneiros do movimento no Brasil, ou seja os "*SKINHEADS*" de São Paulo. E para complementar *"CARECA"* tornou-se o termo específico pro *SKINHEAD* brasileiro já que estas bancas evitam ser chamados de "*Skinheads*", visto que se são nacionalistas e existe uma forma aportuguesada do termo então é o mais coerente utilizá-la. (Dossiê Anti-Skinhead: p.2)

O dossiê segue trazendo informações sobre grupos White Powers, RASHs e SHARPs no Brasil, compondo o texto com depoimentos e artigos sobre os casos de violência cometidos por indivíduos autodenominados skinheads.

O objetivo do dossiê é esclarecer o movimento punk a respeito da atuação desses grupos e justificar o combate aos skins no Brasil. O documento foi escrito pelo MAP-SP, mas pertence a todo o movimento punk e está em aberto para atualizações de conteúdo.

Apesar do MAP-SP afirmar, através do dossiê, que gangues como "Carecas do Subúrbio", por exemplo, são a mesma coisa que skinheads, há grupos que discordam. O coletivo Rash-SP é um deles. No blog do coletivo há também um histórico do surgimento dos skinheads. Segundo eles, a origem do movimento skinhead foi resultado da fusão entre *rude boys* e *mods*, na década de 1960 na Inglaterra.

> Os rude boys eram jovens de famílias jamaicanas, discriminados por sua origem étnica, amantes do ska, do reggae e do soul. Os mods eram jovens de famílias operárias, discriminados por sua origem social, que ouviam bandas de rock'n'roll, mas também ska, reggae e principalmente o soul. Os mods vestiam-se de maneira elegante, com ternos, gravatas e sapatos cuidadosamente lustrados. A afinidade musical e estética fez com que rude boys e mods compartilhassem os mesmos ambientes e sentimentos de resistência a uma sociedade que os discriminava. Ao logo da década de 60, enquanto parte dos mods vinha se distanciando do universo operário e negro, sendo domado pela indústria cultural inglesa, o restante deles, fiéis às suas origens, passaram a se definir como hard mods, acentuando suas características estéticas operárias e de integração com os rude boys. Ganham força os suspensórios, os jeans e as cabeças levemente raspadas. Surgem os skinheads e seu visual clássico. Os skinheads não eram todos brancos. Muitos rude boys adotaram a nova estética e tornaram-se skins. A música do novo movimento continuava sendo o ska, o reggae e o soul. Bandas e músicos negros ganharam notoriedade dedicando parte de suas composições ao público multirracial do movimento, como por exemplo, a banda de ska Symarip e suas canções Skinhead Moonstomp, Skinhead Girl e Skinhead Jamboree. O auge do movimento foi o ano de 1969, após o qual este entra em refluxo, com muitos skinheads literalmente pendurando as botinas e deixando para trás uma história de integração racial e social entre explorados e confusões por motivos como o bairrismo, o ganguismo, rivalidades futebolísticas e a aversão a autoridades, mas nunca o racismo, o fascismo ou o autoritarismo. (Trecho da página "Quem somos" do blog do Rash-SP - www.rash-sp.blogspot.com).

Com a explosão do punk na década de 1970, os skinheads voltam à cena, resgatando o visual e o espírito da década anterior e passam a ser chamados de skins tradicionais. Como princípios são antirracistas e antifascistas, e contra o atrelamento a partidos e entidades políticas. Porém, ainda nos anos 70 e na década de 1980, os partidos National Front e o British Movement, dois dos maiores partidos racistas e de extrema direita ingleses, começaram a incentivar seus membros mais jovens a adotarem o visual skinhead, e atraíam novos skins aflitos pelo desemprego com o argumento que os imigrantes lhes roubavam trabalho. "Surge assim, um novo grupo de skinheads: os de direita, nacionalistas extremados, racistas e fascistas, também chamados de boneheads ("cabeças-de-osso", sujeitos desprovidos de cérebro) ou WP (de White Power, poder branco, skins que defendem a superioridade racial dos brancos)" (Trecho da página "Quem somos" do blog do Rash-SP - www.rash-sp.blogspot.com).

Para se contrapor aos skins fascistas surge no final da década de 1980 o S.H.A.R.P., sigla em inglês para Skinheads Against the Racial Prejudice (em português, Skinheads Contra o Preconceito Racial). O SHARP defende ainda um não atrelamento a ideologias ou partidos políticos e, por isso, dentro do SHARP surge, na década de 1990, uma outra corrente skinhead: o RASH, sigla em inglês para Red and Anarchist Skinheads (em português, Skinheads Anarquistas e Comunistas).

Para o coletivo Rash-SP, "carecas" e skinheads não são a mesma coisa:

> Por aqui, mídia e público em geral confundem os carecas com skinheads. Carecas não são skinheads, apesar da estética relativamente semelhante, sobretudo aos olhos dos leigos. Encontram-se eles divididos em três grupos fundamentais: carecas do subúrbio, carecas do ABC e carecas do Brasil. De caráter fortemente ganguista e devido aos seus posicionamentos e atitudes, os carecas são um fenômeno bastante diferente dos skinheads tradicionais, dos SHARP e dos RASH. A maioria dos carecas desconhece as origens e história do movimento skinhead. Os poucos que conhecem, agem como se desconhecessem ou afirmam mesmo que não são skinheads, mas carecas. Saídos ainda dos carecas, existem no Brasil grupos de boneheads [White Powers], sobretudo nos estados do Sul do país e no interior do estado de São Paulo. (Trecho da página "Quem somos" do blog do Rash-SP - www.rash-sp.blogspot.com).

Mesmo alguns grupos skins procurando se diferenciarem de grupos nazifascistas, para os integrantes do Movimento Anarcopunk de São Paulo, todos os skinheads (incluindo grupos tradicionais, RASH e SHARP) tem inclinação fascista. A postagem no blog do MAP-SP de 5 de outubro de 2011, por exemplo, traz um artigo do anarcopunk Aristeu sobre a atuação de grupos RASH e SHARP, que para ele, tem posicionamento antifascista apenas virtualmente, na prática acabam apoiando atitudes fascistas. Segue um trecho do artigo:

> a divergência entre essas ideias "sharp", ou seja, skinheads contra o preconceito racial, e as ideias dos punks sempre foram incompatíveis e continuam sendo até hoje, veja os conflitos que rola a décadas nas ruas. Trazendo para a atualidade a nova onda de skinheads contra o preconceito racial vem travestida com uma roupagem nova da gringa, baseada em ideias norte americanas e europeias que vão totalmente contra a realidade que vivemos aqui, a raiz skin não é pura e bela como colocam!!! Vide a historia do paki-bashing na gringa e a história de sangue dos carecas do subúrbio, carecas do abc e White powers aqui no Brasil, pois esses são os skinheads brasileiros, bom… com o passar dos anos, o fim da década de 90, inclusão digital e o acesso da playboyzada às ideias europeias, muitos "novos" carecas passaram ler um monte de conto de internet sobre os skins europeus e um cotidiano totalmente adverso a realidade daki, de onde vivemos, isso deu brecha para que aproveitadores enxergassem o terreno fértil e se infiltrassem no meio dos punks com uma variedade enorme de falácias, baseadas em lendas europeias de internet, por que os próprios punks da Europa contam uma outra historia sobre a realidade de lá, muito diferente da bela e fofa historia skin da internet… Veja e analise, não é bem engraçado, para não dizer proposital, que um dos principais agentes de divulgação dessas "nova" roupagem da sharp aqui no Brasil seja um cara que foi espirrado da banca dos careca do subúrbio??? Isso mesmo, espirrado dos CS, mais pera ai… os carecas do subúrbio sempre defenderam essa ideia de sharp – skinhead contra o preconceito racial?!?! Afinal, eles assumem essa postura, eles são skinheads e se dizem contra o preconceito racial!!! Entendeu a ligação? Deu para ver como na verdade é a mesma coisa? (Trecho do artigo "Sharp e rash no brasil… Uma farsa virtual!" - Aristeu, 2011 - www.anarcopunk.org/mapsp).

Marina Knup também reforça a ideia de combate aos grupos skinheads:

> A prática da RASH-SP e de outros grupos de skinheads de RE-contar sua história como se no início se tratasse meramente de grupos apolíticos que se juntavam para ouvir ska e reggae não passa de **revisionismo histórico**. Bom lembrar que ainda em fins da década de 60 e início dos anos 70 os skinheads se juntavam para espancar imigrantes paquistaneses (prática que eles chamavam de **"paki-bashing"**), e logo depois homossexuais ("fag-bashing"). Estes espancamentos eram frequentes, existia inclusive um grupo de skinheads organizados que se chamava **Anti-Paki League** (Liga Anti Paquistaneses), e no Paquistão chegaram a acontecer manifestações em frente a embaixada contra os espancamentos, o que mostra a proporção que o fato tinha para a comunidade paquistanesa. Para além disso é importante lembrar que, em um momento histórico marcado pelo surgimento das contra-culturas, de Maio de 68, e de vários movimentos sociais, os skinheads eram um grupo com ideais nacionalistas e profundamente conservadores, isso sem falar na prática do hooliganismo que também é essência no skinhead. Basta reunir os dados históricos pra constatar que desde o início o skinhead é uma cultura essencialmente ligada ao conservadorismo e aos ideais de direita, e que por isso foi tão fácil que eles

> fossem cooptados pela extrema-direita nazi-fascista pouco tempo depois... (KNUP, 2011)[84].

Voltando à página "Cartas Abertas e Manifestos", a carta sobre o MAP de Manaus relata os confrontos entre os integrantes do movimento anarcopunk daquela localidade com skinheads, que resultaram em episódios de enfrentamento físico. Em um deles, uma garota anarcopunk incendiou um "careca" em auto-defesa[85].

Já a carta direcionada à mídia surgiu da necessidade de se posicionar diante da veiculação de diversas notícias de casos de violência envolvendo pessoas ditas punks na cidade de São Paulo em 2007[86], o MAP-SP deixa claro na carta que essas ações não têm relação

> com a cultura, política e filosofia de vida proposta pelo Punk. As idéias e ações punks sempre estiveram diretamente ligadas a mudança radical do sistema social no qual vivemos, através da música, estética, meios alternativos de difusão da informação, e das diversas formas de manifestação cultural e política do Punk através dos tempos. O movimento Punk tem uma origem de luta e resistência contra o sistema, uma quebra de valores sociais e morais; é inegável também a militância e reconhecimento de punks dentro de diversos movimentos sociais, não como supostos “baderneiros”, mas como aliados dentro dos interesses revolucionários. Vide por exemplo a atuação de indivíduos punks junto ao movimento negro, homossexual, de luta por moradia, indígena, entre outros. Logo, não podemos aceitar que estes acontecimentos sejam generalizados e veiculados como verdade absoluta no que concerne ao movimento Punk como um todo. Nossa

---

[84] Depoimento concedido por email em 23 de novembro de 2011. Este trabalho não tem intenção de defender ou apoiar grupos skinheds. Foram apresentadas as duas visões sobre esses grupos apenas para esclarecimento do leitor. Para saber mais sobre a origem de grupos, como os Carecas no Brasil, ver: COSTA, Márcia Regina da. Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno. Petrópolis: Vozes, 1993.

[85] "No dia 09/01/09, 16 carecas foram até a praça onde havia alguns punx. Estavam dispostos ao confronto e em maior número. Havia um vidro de gasolina utilizado em malabares com uma garota que estava com os punks. Um dos carecas deu uma gravata nela e outros 2 a agrediram. Em defesa própria, ela jogou a gasolina nos 3 e conseguiu acender um isqueiro incendiando um dos carecas, que para o seu azar caiu em cima de uma garrafa que tinha o resto da gasolina, piorando tudo. O careca foi socorrido por um vendedor ambulante que jogou água nele". (trecho da carta em apoio a luta antifascista do MAP-Manaus - www.anarcopunk.org/mapsp).

[86] Seguem quatro links de matérias publicadas sobre punks e violência em 2007:

23/06/2007 - Jovem morre durante ataque de supostos punks em área nobre de SP: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u306668.shtml

22/10/2007-Agressões de punks mataram ao menos cinco pessoas em 2007: http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,agressoes-de-punks-mataram-ao-menos-cinco-pessoas-em-2007,68630,0.htm

22/10/2007 - Punks são presos por espancar jovem em SP: http://www.cremerj.org.br/clippings/mostraClipping.php?idClipping=23240

28/10/2007-Matéria do Fantástico sobre os punks em São Paulo: http://www.youtube.com/watch?v=HY3JGW4dx6s

> história fala por ela mesma. Nossa luta é contra o sistema, e não contra o povo! (trecho da Carta Resposta a Mídia, escrita em 2007 pelo MAP-SP)

Ao longo do segundo semestre de 2011, visitamos frequentemente tanto o portal anarcopunk.org quanto o blog do MAP-SP, e entre os dias 06 e 13 de novembro, semana escolhida aleatoriamente, acompanhamos o blog todos os dias. Nessa semana não houve nenhuma postagem nova, a mais recente data de 1º de novembro de 2011, em que foram postados os boletins do MAP-SP em pdf para download.

Os temas das postagens giram em torno do antifascismo. Há um total de 39 postagens entre artigos, cartas abertas e divulgação de eventos, o que dá uma média de uma postagem por mês. 23 postagens são referentes a eventos organizados pelo MAP-SP ou relacionados às causas que defendem. Uma dessas postagens é um artigo com foto, publicado em 30 de setembro de 2011, relatando o ato de 28 de setembro em frente ao Fórum de Mogi das Cruzes. O ato é referente ao julgamento de um skinhead que obrigou dois garotos a se jogarem de um trem em movimento[87]. Já a postagem de 27 de setembro de 2011 é um vídeo do ato do dia 20 de setembro em que famílias protestaram contra os despejos e remoções que estão ocorrendo nas favelas e áreas onde serão construídas obras na cidade de São Paulo. As outras postagens são cartazes ou textos divulgando eventos. Abaixo algumas imagens retiradas do blog.

[87]O analista de sistemas Vinícius Parizatto foi condenado a 31 anos, 9 meses e 3 dias de reclusão em regime fechado por obrigar dois rapazes a pular de um trem em movimento na Grande São Paulo em 2003. Uma das vítimas morreu e a outra perdeu o braço. Apesar da condenação, ele segue em liberdade porque foi beneficiado por um habeas corpus no Supremo Tribunal Federal (STF). Ao contrário do que afirmou o Ministério Público, Vinicius negou ser "skinhead". http://www.brasil247.com.br/pt/247/brasil/16793/Skinhead-é-condenado-a-mais-de-31-anos-de-prisao-em-SP.htm Acesso em 14 de novembro de 2011

[28 de setembro] Ato em frente ao Fórum de Mogi das Cruzes

September 30th, 2011

Na última quarta-feira, dia 28 de setembro, o skinhead Vinicius Parizzato, mais conhecido como Capeta, foi julgado no Fórum de Mogi das Cruzes por ter obrigado dois jovens a pularem de um trem em movimento em 2003.

Integrantes do Movimento Anarcopunk de São Paulo e do Coletivo Anarcopunk Diversidade estiveram mais uma vez presentes em frente ao Fórum para se manifestar em solidariedade às vítimas e em repúdio às ações destes grupos nazi-fascistas, que vem crescendo cada vez mais nos últimos tempos.

ANARCOPUNK.ORG - Cont

anarcopunk.org

7 de setembro contra o militarismo

September 4th, 2011

Posted in Eventos e Atos | No Comments »

[SP] 20 de Maio às 12hs: Ato público em frente ao Fórum de Mogi das Cruzes

May 18th, 2011

No ano de 2003 em Mogi das Cruzes, região metropolitana de São Paulo, dois adolescentes foram obrigados a saltar de um trem em movimento sob ameaças de um grupo de skinheads. Cleiton da Silva Leite morreu, em decorrência de traumatismo craniano, e Flávio Augusto do Nascimento, na época com 16 anos, teve um dos braços amputado.

Após inúmeros adiamentos, irá a juri popular nesta sexta-feira, 20 de maio, um dos três skinheads acusados: Juliano Aparecido de Freitas, o Dumbão. Os outros dois skinheads acusados, Vinícius Parizatto e Danilo Gimenez Ramos, aguardam ainda em liberdade pelo julgamento.

As ações violentas destes grupos de skinheads e de extrema-direita tem se tornado cada vez mais frequentes, fazendo inúmeras vítimas e deixando um longo e gritante histórico de intolerância e violência nazi-fascista mundo afora. São homossexuais, negros/as, judeus/ias, nordestinos/as, imigrantes, moradores/as de rua, punks, e tantos outros grupos, vítimas desta violência.

É de extrema importância a união dos movimentos sociais e de toda a sociedade no combate a estas práticas, e assim convocamos todos/as aqueles/as que lutam pelo respeito à diversidade, pela liberdade, e contra toda forma de preconceito racial, étnico, de gênero, nacionalidade ou orientação sexual para um ato público em frente ao Fórum de Mogi das Cruzes.

PELA LIBERDADE, RESPEITO E DIVERSIDADE!
CONTRA O RACISMO, A HOMOFOBIA, A XENOFOBIA e a INTOLERÂNCIA!
EM REPÚDIO À VIOLÊNCIA NAZI-FASCISTA DESTES GRUPOS SKINHEADS!

ATO PÚBLICO
20 de maio de 2011 - 12h00
Fórum de Mogi das Cruzes - AV. CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA SOUZA, 159

> Coletivo Diversidade
> Anarquistas Contra o Racismo - ACR-CRICIUMA
> Movimento Anarcopunk de São Paulo

informações: diversidade@anarcopunk.org

Fevereiro Anti-Fascista> Ato no centro de SP

February 16th, 2011

Posted in Eventos e Atos, Fevereiro Anti-Fascista | No Comments »

SP - 07/set: GRITO PUNK ANTI-MILITARISTA

August 25th, 2010

Festa de fim de ano - Núcleo AnarcoRap

December 8th, 2009

DIA 20 DE DEZEMBRO APARTIR DAS 10:00H

TEREMOS A FESTA DE FIM DE ANO DO NUCLEO ANARCO RAP $ÃO PAULO COM GRAFFITE

DISCOTECAGEM

RODA DE B.BOYS E B.GIRLS

LANÇAMENTO DO DOCUMENTARIO

SOBRE A CENA ANARCO RAP PAULISTA

E SOM COM OS GRUPOS DO NUCLEO

LOCAL: RUA XAVIER DA SILVA FERRÃO S/Nº

EMEF MORRO GRANDE

ORGANIZAÇÃO

NUCLEO DE ATIVIDADES O REGICIDIO ESTA POR VIR

E

EMEF. MORRO GRANDE

COMO CHEGAR:

DA BARRA FUNDA PEGAR O BUSÃO JR.CARUMBÉ
DESCER NA ESCOLA SOLIMEO
PERGUNTAR ONDE FICA A ESCOLA
EMEF MORRO GRANDE

CONTATOS:
67997143/62537538

Posted in Uncategorized | No Comments »

[São Paulo] Jornadas de Solidariedade e Ação ao Preso Político Mumia Abu-Jamal: dias 10, 11 e 12 de dezembro de 2010.

Wednesday, December 8th, 2010

A **Rede informal de apoio e solidariedade ao preso político afro-americano Mumia Abu-Jamal** com apoio do **MAP-Movimento Anarco Punk** e o **Espaço Ay Carmela!** realizará nos **dias 10, 11 e 12 de dezembro de 2010** uma jornada de Solidariedade e Ação ao Preso Político Mumia Abu-Jamal.

Mumia Abu-Jamal é um dos presos políticos mais conhecidos do mundo. Forças que vão de todo o tipo de pessoas individuais ao Parlamento Europeu e à Anistia Internacional têm protestado contra a sua injusta condenação. Ele está há 27 anos em isolamento no corredor da morte, depois de ter sido vítima de uma trama num julgamento manifestamente falsificado. Em 2001, um tribunal federal recusou-se a conceder a Mumia um novo julgamento, mas alterou-lhe a sua pena de morte. Mumia continuou a lutar contra a sua condenação e o Estado da Pensilvânia tem tentado que os tribunais restabeleçam a pena de morte. Recentemente houve nova audição numa tentativa de restabelecer a pena de morte de Mumia. Desde que o pedido de Mumia para que o Supremo Tribunal dos EUA anulasse a sua condenação foi rejeitado, o Estado da Pensilvânia tem estado ferozmente decidido a executar Mumia.

Ainda relacionado a eventos, mas fora das 23 postagens citadas, há duas notas e duas cartas em repúdio a manifestações ou agressões nazifascistas. A nota publicada em 3 de março de 2011 foi escrita pela Frente Paulista Contra a Homofobia, em repúdio à agressão de nazifascistas durante os eventos da Jornada Antifascista (evento organizado pelo MAP há onze anos). A carta aberta publicada na mesma data, escrita pelo MAP-SP, se refere também às agressões de grupos nazifascistas:

> **Em repúdio às atrocidades cometidas por skinheads e neonazistas** Por meio desta carta, dirigida aos movimentos sociais, imprensa e sociedade civil como um todo, buscamos expressar nosso repúdio ao ataque organizado por um grupo de cerca de 10 neonazistas contra o evento **"Jornadas Anti-Fascistas"** no último sábado (26 de fevereiro de 2011), nas proximidades do espaço autônomo Ay Carmela. Este acontecimento lamentável só frisa mais uma vez a necessidade urgente de que as discussões sobre esta problemática sejam ampliadas, e de que medidas concretas sejam tomadas (trecho da carta publicada em 3 de março de 2011- www.anarcopunk.org/mapsp).

Uma outra carta, assinada pelo Movimento Passe Livre de São Paulo, Coletivo Gestor do Espaço Autônomo “Ay Carmela!” e Bloco ANEL às Ruas! foi publicada no blog em 10 de março de 2011. Esta carta também se refere ao episódio de 26 de fevereiro da Jornada Antifascista[88].

Por último, no dia 9 de abril de 2011 foi publicada uma nota de repúdio à manifestação em apoio ao deputado federal Jair Bolsonaro. O deputado lançou campanhas contra o kit anti-homofobia nas escolas alegando que este incentivava a homossexualidade.

Sobre os artigos, há um de autoria do anarcopunk Aristeu (citado anteriormente) sobre a atuação de grupos Sharp e Rash no Brasil. O texto foi retirado da edição nº 5 do zine Eutanásia, como uma pré-divulgação da nova edição.

As publicações do MAP-SP não têm autoria de indivíduos específicos. Quando há assinatura, é o Movimento Anarcopunk de São Paulo quem a faz, o que pode dar a entender, por um lado, que qualquer pessoa é o grupo, assim como ocorre no Movimento Zapatista. Os zapatistas enviam suas mensagens mascarados e se passando pelo subcomandante Marcos, porta-voz do movimento. Dessa maneira, evitam serem identificados e perseguidos e fortalecem o grupo. Há uma perseguição aos anarcopunks por parte de grupos nazifascistas, uma não identificação ou uma identificação apenas parcial de integrantes do MAP-SP permite sua proteção. Para este trabalho, por exemplo, não foi permitido a publicação de sobrenomes dos/as integrantes.

---

[88] "Um grupo de skinheads portando uma espingarda de chumbinho, munição, dois facões, uma faca com inscrições nazistas, três canivetes, um soco inglês e uma machadinha (segundo a Polícia Militar) agrediram participantes do evento, incluindo um jovem negro e deficiente físico, que foi agredido com tacos de beisebol (baseball). Quatro jovens foram feridos com facadas no braço, barriga e cabeça; um deles sofreu perfuração no crânio e dois foram submetidos a cirurgia. Um dos agressores, quando terminou, ainda disse que havia pego mais um “macaco”. Foram detidos pela polícia apenas 5 dos agressores e segundo a polícia dois deles já possuem antecedentes criminais. Há algumas semanas atrás skinheads nazistas também haviam pixado uma suástica em frente ao mesmo Espaço Cultural onde ocorreu o evento". (trecho da carta escrita pelo MPL, Ay Carmela e Bloco Anel às Ruas).

Por outro lado, sabemos que a atualização do blog fica a cargo da anarcopunk Marina Knup, mas o conteúdo que é postado tanto no blog do MAP quanto nas outras sessões do site são de autorias e fontes diversas.

Apesar da autoria enquanto grupo, um outro artigo aparece assinado no blog. A postagem é do dia 30 de agosto de 2011 e é assinada pela anarcopunk Kika. O texto é sobre os despejos de moradores por causa de enchentes em São Paulo. O artigo foi retirado da edição nº10 do boletim impresso do MAP. Um outro texto retirado do boletim reflete a história do movimento indígena na América, e também foi publicado em 30 de agosto de 2011.

No blog há espaço para comentários, mas apenas duas postagens tem comentários. Uma é a postagem do dia 3 de março de 2010, "Manifesto Antifascista". O artigo comenta a falsa ação antifascista de grupos RASH e SHARP:

> A fala destes grupos que durante muito tempo mantiveram suas “atividades” restritas à internet – enquanto antifascistas – não está de acordo com sua prática, pois quando estão nas ruas “de rolê”, se juntam aos seus companheiros fascistas que partilham a cultura skinhead, uma cultura que nasceu da opressão ao povo paquistanês. Essa cultura skinhead no decorrer da história sempre se mostrou machista, homofóbica e xenofóbica, opressora das minorias, ressaltando o caráter viril dos homens operários. Quando se dizem antifascistas não pensam no lugar da mulher, do homossexual e dos imigrantes. O preconceito não se aplica só em termos de raça, não ser skinhead nazista não é ser antifascista. (trecho do artigo "Manifesto Antifascista - 3 de março de 2010 - www.anarcopunk.org/mapsp).

Há três comentários sobre essa postagem, todos publicados em 7 de abril de 2010, criticando a postura do MAP-SP em generalizar os grupos skinheads e de agirem preconceituosamente em relação a essa questão.

A outra postagem com comentário é do dia 2 de abril de 2009, em que foi publicado o depoimento da jovem em Manaus envolvida em agressão a um skinhead. O comentário data de 8 de agosto de 2009, apoiando a causa. O episódio é tema para o manifesto em apoio à luta antifascista do MAP-Manaus.

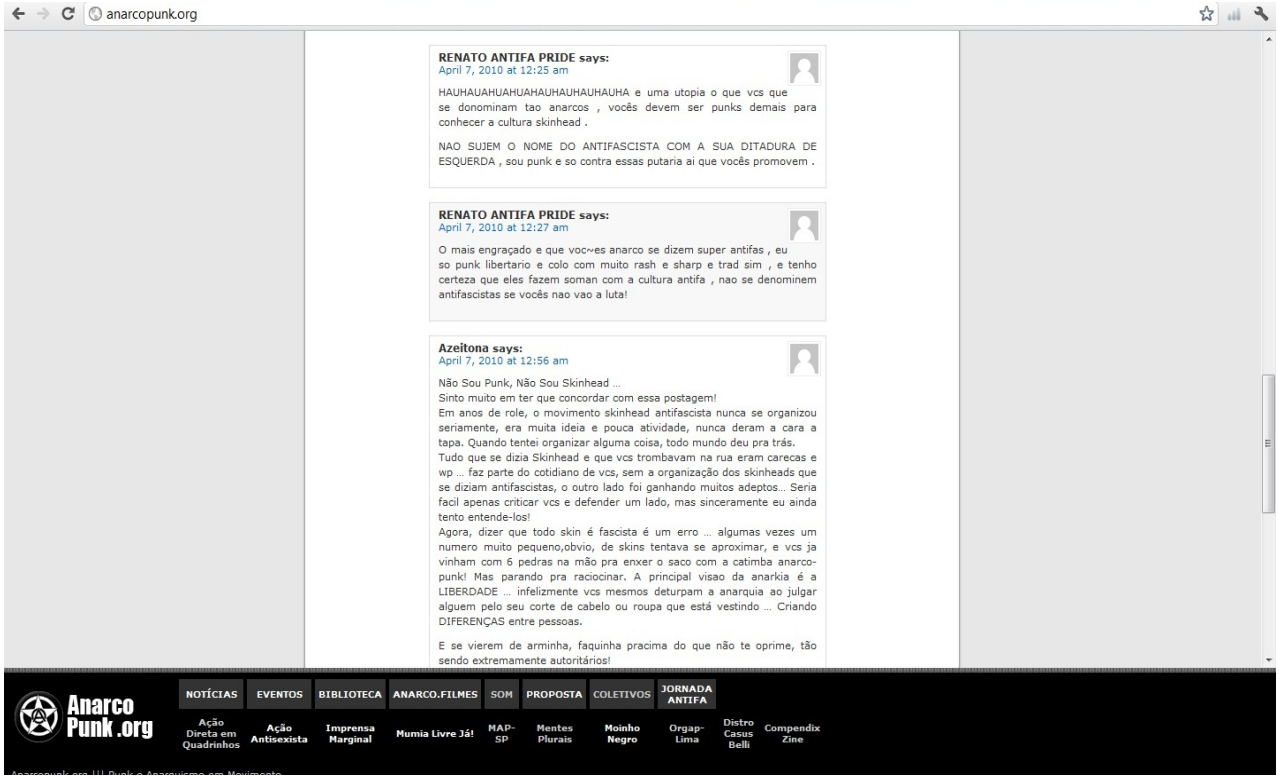


Imagem dos comentários à postagem "Manifesto Antifascista"

As publicações do MAP-SP em seu blog procuram deixar claros os posicionamentos da associação e seus ideais de luta. Há postagens que remetem à história da associação e do movimento punk como um todo e que reforçam os princípios do MAP-SP, o que pode significar o reforço também da identidade da organização.

Uma postagem interessante é a carta resposta à mídia pelos acontecimentos do ano de 2007. Parece-nos que os meios de comunicação tradicionais impuseram uma visão dos/as punks construída a partir de suposições e generalizações que remetiam à violência. Os/as anarcopunks, em resposta, difundiram uma carta afirmando seus ideais e princípios e repudiando a visão construída pela mídia. Como diz Cicília Peruzzo, os movimentos sociais e populares percebem a necessidade de "apropriação pública de técnicas (de produção jornalística, radiofônica, estratégias de relacionamento público etc) e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos etc) para poderem se fortalecer e realizar os objetivos propostos" (PERUZZO, 2004: p.1).

Dênis de Moraes (2002) reflete a dessacralização da comunicação proporcionada pela internet. Usuários se tornam atores comunicantes, disponibilizam conteúdo sem hierarquias de juízo ou o peso histórico da imprensa e indústrias culturais. Embora nem sempre o que se publica na rede tenha visibilidade, há a construção da cidadania e novas perspectivas se abrem frente ao discurso veiculado pelas mídias tradicionais. A linguagem dos textos publicados no blog é informal, com utilização de gírias e expressões anarcopunks. Até mesmo o dossiê anti-skinhead, elaborado a partir de depoimentos e publicações a respeito de grupos nazifascistas, não segue a linha acadêmica, a linguagem é mais solta e opinativa. Por este lado, a internet como veículo de comunicação é apropriada pelo MAP-SP para a divulgação de seus conteúdos.

Lígia Dumont e Marina Cajaíba da Silva (2005) refletem, por sua vez, a utilização da internet como forma de pressão social, pois permite uma liberdade de expressão onde as pessoas podem emitir suas opiniões, reclamações e denúncias, criando uma discussão que pode render uma pressão maior pelo cumprimento de leis e deveres pelo Estado, e ações benéficas ao seu meio social. O MAP-SP utiliza a rede como pressão social contra atitudes nazifascitas, praticamente todas as postagens do blog são referentes a ações antifascistas promovidas ou apoiadas pela associação, e há denúncias de práticas fascistas também.

O uso da internet não dispensa a utilização de meios impressos e interpessoais de comunicação, como já observado no capítulo sobre comunicação alternativa, identidade e cidadania, e com as colocações dos próprios integrantes do MAP-SP, ainda neste capítulo, de críticas às ações meramente virtuais de alguns grupos.

A internet como um todo é vista com ressalvas pelo MAP. Acredita-se no seu potencial de comunicação, que pode alcançar um vasto público de maneira rápida e barata, mas há críticas à falta de democratização da internet, muitos não têm acesso a rede ou computadores ou, quando o tem, falta capacitação para um melhor aproveitamento de suas

ferramentas e conteúdos. Também há a preocupação do controle policial e do Estado sobre os conteúdos publicados, explicando em parte a assinatura dos textos por parte do MAP-SP e não de indivíduos específicos. Percebe-se a utilização da internet como uma ferramenta complementar à comunicação da associação, mas não a principal nem a única.

Em suma, percebemos no blog, que em um total de 39 postagens, a maioria diz respeito a ações e manifestos antifascistas, e o MAP-SP enquanto associação assina as postagens.

Os/as integrantes do MAP-SP reconhecem a importância da comunicação para o movimento, como bem expresso no depoimento do anarcopunk Jake:

> a comunicação é a chave para a construção de ideias, pra trocar experiências... A comunicação é a chave da existência humana, para a interação. A gente acha isso importante. O movimento anarcopunk tem um histórico legal de divulgar bastante coisa, desde quando ele surgiu tem essa questão de fazer muitos contatos. Essa coisa de valorizar a comunicação, eu acho que um dos principais pontos, é porque a gente é anarquista, o anarquismo tem essa ideia de propaganda anarquista, é importante propagandear um ideal diferente, uma alternativa, porque só assim que torna mais concreto as propostas que a gente tem. A comunicação é importante, seja pela internet, verbal, visual... (JAKE, 2011)[89]

Como também reflete o anarcopunk Aristeu, "tudo está baseado na ideia de comunicação, a estética punk inteira é baseada na comunicação, tudo. É a propaganda da nossa forma de pensar" (Aristeu, 2011)[90].

Mas mesmo ciente da importância da comunicação, o MAP-SP não possui uma política de comunicação.

Como Miani e Lairé (2010) concluíram em relação à Central de Movimentos Populares Regional Londrina, citado no capítulo anterior, uma política de comunicação é um conjunto de diretrizes políticas materializado em produções comunicativas planejadas e executadas de forma participativa dentro de uma organização, e que permite tecer estratégias

---

[89] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema-SP, para o presente trabalho.

[90] Entrevista concedida pessoalmente a esta acadêmica, em 25 de setembro de 2011 em Diadema-SP, para o presente trabalho.

de visibilidade e conscientização dos sujeitos, desempenhando assim um papel de formação no processo de educação popular.

Em três anos de blog há poucas publicações, uma média de uma postagem por mês. E uma boa parte delas são cartazes e propagandas de eventos, outros artigos e manifestos parecem ser retirados de publicações impressas, ou seja, nos parece que não há um conteúdo produzido exclusivamente para o blog. Também o boletim impresso, que (teoricamente) tem publicação trimestral, teve 10 edições em quase 10 anos. Podemos inferir então que, como em Londrina, "as práticas comunicativas até existem, mas não chegam a conformar uma política de comunicação; são práticas esparsas, pouco articuladas e sequer chegam a desempenhar o seu papel informativo e formativo, quanto mais reconhecer-se como instrumento estratégico de disputa de hegemonia" (MIANI; LAIRÉ, 2010: p.308).

Ao nosso entender com essa pesquisa, os/as anarcopunks disputam espaço na sociedade, procuram se fazer visíveis às classes populares para transmitirem seus ideais e contribuir para uma nova sociedade sem classes e anarquista. E nessa linha atuam conjuntamente a outros movimentos sociais participando de eventos, festas, seminários, congressos, ocupações urbanas, manifestações etc. A comunicação se apresenta como uma estratégia de visibilidade, mas ainda não bem aproveitada pelo MAP-SP. A tecnologia é também de certa forma subaproveitada pela associação. As novas tecnologias poderiam ser melhor empregadas, quebrando a resistência de integrantes do MAP-SP à utilização da internet, por exemplo, sem deixar de lado a visão crítica sobre essa ferramenta de comunicação. Por fim, percebemos que a comunicação interpessoal parece ser a principal para o grupo.

5 CONCLUSÃO

A perspectiva da comunicação alternativa, dos movimentos populares e de uma comunicação para a cidadania é tema de interesse da autora desde sua inserção no movimento estudantil da Universidade e sua aproximação aos coletivos e movimentos sociais de Juiz de Fora através do trabalho com o Comitê Central Popular, uma organização que procura articular as lutas sociais na cidade. Além disso, a proximidade aos realizadores do documentário "Aos Berros - Movimento Punk em Juiz de Fora" (2010) abriu caminho para a escolha do objeto de pesquisa. O desejo era estudar o punk numa visão não somente cultural, mas política e social. E o MAP-SP se apresentou como a opção ideal.

Escolhemos o MAP-SP por ser uma organização já tradicional em São Paulo, com mais de 20 anos de existência. Ao iniciarmos este trabalho, partimos do pressuposto que a comunicação contribui para a construção do Movimento Anarcopunk de São Paulo enquanto movimento social.

Desse modo, primeiro contextualizamos o surgimento do anarcopunk no mundo e no Brasil refletindo as teorias e os rumos do movimento anarquista nos últimos tempos. Percebemos uma tendência a uma atuação mais cultural e menos centrada unicamente na esfera do trabalhador. O anarcopunk surge desse contexto como uma nova corrente anarquista. Dos autores utilizados citamos Caio Túlio Costa e George Woodcock.

Mencionamos o surgimento do movimento punk, entendendo o anarcopunk também como uma subcultura dentro do punk. Vimos que havia uma conjuntura política, social e cultural que permitiu o florescimento do punk, um movimento que surge nos Estados Unidos e ganha repercussão com sua absorção na Inglaterra. No Brasil, chega um pouco mais tarde, na chamada segunda onda do punk, mais político e social. Pensamos a partir do referencial de

autores como Silvio Essinger, Janice Caiafa, Antônio Carlos Oliveira, Rafael Lopes de Souza e Valdir de Oliveira para tal.

Em segundo lugar, refletimos sobre a comunicação alternativa, identidade e cidadania. A comunicação alternativa é contra-hegemônica, expressão das lutas populares por melhores condições de vida e participação efetiva do povo na tomada de decisões, na conquista da plena cidadania. Cidadania aqui entendida como acesso e informação aos direitos e deveres do indivíduo na sociedade, que incluem direitos civis, sociais e políticos, assim como os deveres de zelo ao coletivo e a participação direta ou indireta às decisões públicas. E só há cidadania com a prática da reivindicação e ocupações de espaços que façam valer os direitos do cidadão. Os trabalhos de Maria de Lourdes Manzini Covre, Cicilia Peruzzo, Denise Cogo, Eduardo Vizer foram de grande importância para essa compreensão.

Sobre a questão da identidade, nos valemos das reflexões de Stuart Hall acerca do indivíduo fragmentado, das identidades definidas culturalmente nos tempos pós-modernos.

Seguimos o trabalho refletindo a comunicação e movimentos sociais, principalmente a utilização da internet como ferramenta de comunicação. Dênis de Moraes, Bruno Fuser, Cláudia Lahni e Ana Maria Monteiro são algumas de nossas bases. A internet é tida como uma ferramenta alternativa com grande potencial de interação e participação política. Lígia Dumont e Marina Cajaíba contribuem colocando que a internet também funciona como ferramenta de pressão social. Mencionamos as questões referentes à democratização da comunicação e a tendência a considerar que a democratização das tecnologias da informação são suficientes para o exercício de uma comunicação popular.

Depois, no capítulo "MAP-SP e sua comunicação", citamos o surgimento do MAP-SP fazendo um breve histórico da associação por meio de depoimentos de integrantes e referências dos boletins informativos impressos do MAP e o trabalho de Valdir de Oliveira, que analisou a aproximação do punk aos ideais anarquistas em São Paulo.

Mencionamos a comunicação do MAP-SP e vimos que a associação se organiza por meio de reuniões presenciais quinzenais, onde são passados os informes e há organização de tarefas e atividades; repasse de atividades e discussão por lista de email; divulgação de eventos, cartas de apoio e repúdio, documentos e artigos através do blog do MAP; publicações no portal anarcopunk.org, boletins impressos e fanzines, além de manifestações em datas específicas e outras de acordo com fatos ocorridos durante o ano.

Enfim analisamos o blog da associação percebendo que a comunicação é utilizada para se construir enquanto movimento social, uma vez que o MAP-SP atua na sociedade buscando construir uma alternativa de acordo com seus princípios e ideais tanto anarquistas quanto punks. E essa atuação é expressa nos conteúdos do blog e eventos divulgados por este.

O Movimento Anarcopunk de São Paulo realiza uma comunicação popular alternativa, de contra-informação[91] e mobilização para a ação social, enquanto movimento social. Já pensando o MAP-SP como uma comunidade, ou seja, uma construção sociológica, em que os indivíduos interagem (não necessariamente no mesmo espaço físico) e partilham de expectativas, valores, crenças e significados, a associação realiza uma comunicação comunitária, também pautada pela contra-informação, que procura se contrapor à comunicação hegemônica reforçando a identidade de grupo.

Percebemos que o MAP-SP considera a comunicação importante, embora não haja uma política de comunicação por parte da associação. Isso se comprova pelo número reduzido de postagens, 39 em 3 anos, uma média de uma postagem por mês, e por parecer que o conteúdo publicado não é produzido especificamente para o blog, e sim retirado de outras publicações impressas. Mesmo as publicações impressas são em número reduzido, o boletim informativo, por exemplo, teve apenas 10 edições em quase 10 anos.

[91] A contra-informação é aquela que não é realizada pelos meios hegemônicos de comunicação, caracterizada como uma outra versão do que foi apresentado pelos meios oficiais, seja um fato, símbolo ou um estereótipo.

Desse modo, inferimos que o blog é um meio complementar às outras práticas comunicacionais da associação e que a comunicação interpessoal parece se apresentar como mais relevante do que outras práticas.

Esperamos ter contribuído para a compreensão acerca do movimento anarcopunk e para as reflexões sobre comunicação alternativa, cidadania e identidade, bem como das possibilidades da utilização da internet como praça pública para reivindicações, práticas políticas e a construção da cidadania.

6 REFERÊNCIAS

AGUENA, Paulo. **O sindicalismo revolucionário e o anarcosindicalismo.** Jornal Opinião Socialista. Edição n 252. De 23 a 29 de março de 2006. Disponível em: http://www.pstu.org.br/jornal_materia.asp?id=4935&ida=0 - Acesso em 20 de setembro de 2011.

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro:DP&A, 2003

BAHIA, José Aloise. **Revendo Debord: A sociedade do espetáculo.** Publicado em 25 janeiro 2005. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-sociedade-do-espetaculo. Acesso em 20 setembro 2011.

BASTOS, Yuriallis. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura**: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarcopunk. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais - UFPB. n9 - Setembro 2005 - p.284-433

BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges (org); REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.159-180

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, 76).

CAIAFA, Janice. **O movimento punk na cidade:** a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (org) **Vozes cidadãs**: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angelara, 2004, p. 41-56.

CORREIA, João Carlos. Novos movimentos sociais e transformações no modelo de análise das mídias. In: FERREIRA, Jairo (org); VIZER, Eduardo (org). **Mídia e Movimentos Sociais**: Linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007, p.53-86.

COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos)

COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio**: Caminhos de um Nomadismo Moderno. Petrópolis: Vozes, 1993

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. 1 ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2011.

DIAS, Luciene de Oliveira. Além de uma simples onda: Recepção, Cidadania e rádio-poste no Quilombo Barra de Aroeira. In: BARBALHO, Alexandre (org); FUSER, Bruno (org); COGO, Denise (org). **Comunicação para a cidadania: temas e aportes teórico-metodológicos**. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2010. v.5, p.253-270.

DORIA, Pedro. **A revolução no Egito depende necessariamente da internet.** Fevereiro 2011. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/pedro-doria/2011/02/06/a-revolucao-no-egito-depende-necessariamente-da-internet/ - Acesso em: 25 outubro 2011

DUARTE, Lorena Paula José. **Sindicalismo brasileiro: do anarcossindicalismo à ditadura militar, histórico e resgate.** Revista eletrônica Em Debate - Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO) da Universidade Federal de Santa Catarina. n3, 2007. Disponível em: http://www.incubadora.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/369/409 Acesso em: 20 setembro 2011.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SILVA, Marina Cajaíba da. Comunicação, informação e cidadania: a inclusão digital como alternativa à desigualdade social no Brasil. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1082-1.pdf Acesso em 20 agosto 2011

ELLUS, Jacques. **Anarchie et Christianisme**. Lyon, France: Atelier de creation libertarie, 1988. Obra em português disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAABK7kAI/anarquia-cristianismo-jacques-ellul - Acesso em 08 de outubro de 2011

ESSINGER, Silvio. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

FERREIRA, Zoraia Nunes Dutra. **Movimentos sociais na rede: garantia de comunicação alternativa?**.2010. ComTempo - Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. Volume nº 2, Ano 2 - Dezembro 2010.

FUSER, Bruno. Sociedade em rede, inclusão digital e cidadania cultural. In: OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de (org); NUNES, Márcia Vidal(org). **Cidadania e cultura digital:** apropriações populares da internet. Rio de Janeiro: E-papers, 2011, p.13-43

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAHNI, Cláudia; AUAD, Daniela; WERNECK, Lilian. Direito à comunicação e cidadania das e para as mulheres lésbicas: uma primeira mirada de gênro sobre L WORD. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 8, 2010, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2010. 8 CD-ROM.

LAHNI, Cláudia ; MONTEIRO, Ana Maria Vieira. Revolução das palavras: um estudo de rádios zapatistas. In: OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de (org); NUNES, Márcia Vidal (org). **Cidadania e cultura digital:** apropriações populares da internet. Rio de Janeiro: E-papers, 2011, p.103-125

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. Anarquismo em prosa e verso: literatura e propaganda na imprensa libertária de São Paulo durante a Primeira República. In: DEMINICIS, Rafael Borges (org); REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.95-112

MIANI, Rozinaldo; LAIRÉ, Lorène Monique. A comunicação como estratégia de organização e atuação política: o caso da Central de Movimentos Populares (CMP) Regional Londrina. In: BARBALHO, Alexandre (org); FUSER, Bruno (org); COGO, Denise (org). **Comunicação para a cidadania: temas e aportes teórico-metodológicos**. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2010. v.5, p.295-312.

MORAES, Dênis de. **Ciberespaço e Mutações Comunicacionais.** 2002. Disponível em: http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1596.html Acesso em: 20 agosto 2011

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo**. vol. I Neurose. Ed. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

NASCIMENTO, Ana Paula. **Movimento Hip Hop em Juiz de Fora**: Raps que comunicam educação. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

NEGRI, Ana Camilla. Quarenta anos de fanzine no Brasil: o pioneirismo de Edson Rontani. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0469-1.pdf. Acesso em: 20 agosto 2011.

OLIVEIRA, Antonio Carlos. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. **O anarquismo no movimento punk:** Cidade de São Paulo, 1980-1990. 2007. Dissertação de Mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEDROSO, Elenrose da Silva; SOUZA, Heder Augusto de. **Absurdo da realidade**: o movimento punk. Cadernos IFCH Unicamp - n. 6, jun.1983.

PERUZZO, Cicilia. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania.** 2002. PCLA - Revista Científica Digital publicada pela Cátedra UNESCO de Comunicação da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo. Vol 4 - n1: outubro / novembro / dezembro 2002 Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm. Acesso em 20 agosto 2011

_____. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: INTERCOM, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UNB, 2006. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0094-1.pdf Acesso em: 20 agosto 2011

_____. Desafios da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na Cibercultur@: Aproximação à Proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. In: INTERCOM, 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3359-1.pdf. Acesso em: 20 agosto 2011

PINHEIRO, Marta de Araújo. Como pensar a cidadania na Internet: a questão do acesso e da socialização do conhecimento. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0094-1.pdf. Acesso em: 20 agosto 2011.

PINTO, Leonardo Carvalho. O inimigo do Rei: um jornal anarquista. In: DEMINICIS, Rafael Borges (org); REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.133-146
ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996

SAMIS, Alexandre Ribeiro. Desvio e ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In: DEMINICIS, Rafael Borges (org); REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.57-74

SILVA, Rodrigo Rosa da. As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In: DEMINICIS, Rafael Borges (org); REIS FILHO, Daniel Aarão (org). **História do Anarquismo no Brasil**. Vol.1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, p.113-132

SOUSA, Rafael Lopes. **Punk: Cultura e Protesto**. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

VIZER, Eduardo. Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: FERREIRA, Jairo (org); VIZER, Eduardo (org). **Mídia e Movimentos Sociais**: Linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007, p.23-52.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas** - Vol. 1 e 2. Porto Alegre: Ed. L&M Pocket , edição de 2007

Entrevistas:

ARISTEU. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP

JAKE. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP

JOHNNY. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP

KNUP, Marina. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 23 de setembro de 2011 em São Paulo - SP

_____. Depoimento concedido à autora para este trabalho por email no dia 23 de novembro de 2011.

LIMA, Marina. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP

THIAGO. Entrevista concedida à autora para este trabalho, realizada no dia 25 de setembro de 2011 em Diadema - SP

RIBEIRO, Ivan. Depoimento concedido à autora para este trabalho por email no dia 13 de outubro de 2011.

Revistas:

É Punk! Vogue Brasil - Julho de 2011. p.98, 99.

Documentos:

Anarcopunks, punks e libertári@s do Rio de Janeiro. **Protesto à realização do evento "Punk 30 Anos", organizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB - em 2005 no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.** Texto publicado em 2005

DOSSIÊ ANTI-SKINHEAD. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Disponível em: anarcopunk.org/mapsp

Carta da Campanha Pró-Sede do MAP-SP - www.anarcopunk.org/mapsp

Carta de princípios do MAP-SP - www.anarcopunk.org/mapsp

Carta Resposta a Mídia - 2007 - MAP-SP - www.anarcopunk.org/mapsp

Boletins Informativos e Fanzines:

Boletim Interno Mensal do Movimento Anarcopunk de São Paulo. **Santo André**: Novembro 1992- n6

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **Santo André**: Março 1992- n1

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **Santo André**: Junho 1992- n2

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **Santo André**: Julho 1992- n3

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **São Paulo**: Janeiro 1993 -n0

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **São Paulo**: Fevereiro1993-n1

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo.**São Paulo**: Abril 1993 - n3

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **São Paulo**: Maio 1993 -n4

Boletim Interno Movimento Anarcopunk de São Paulo. **São Paulo**: Fevereiro 1994

ICONOCLASTA, Dezembro 1994 - n1 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo

ICONOCLASTA, Fevereiro 1995 - n1 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo

ICONOCLASTA, Abril 1996 - n8 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo

ICONOCLASTA, Junho 1996 - n9 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo

ICONOCLASTA, Fevereiro 1995 - n1 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo

Boletim Unificado dos Grupos Libertários Brasil, Outubro 1992 - n1. Periódico mensal. Editor MAP-SP

Boletim Unificado dos Grupos Libertários Brasil, Janeiro 1993 - n3. Periódico mensal. Editor MAP- Natal/RN

Boletim Unificado Norte Nordeste, Janeiro 1995 - n2. NAL/PB; MAP/PA; NCCL/CE.

O ANARCOPUNK - Informativo Aperiódico do Movimento Anarcopunk do Rio de Janeiro-RJ, Abril/Maio 1993. n6.

O ANARCOPUNK - Informativo Aperiódico do Movimento Anarcopunk do Rio de Janeiro-RJ, Agosto/Setembro 1993. n7.

O ANARCOPUNK - Informativo Aperiódico do Movimento Anarcopunk do Rio de Janeiro-RJ, Julho/Agosoto 1994. n9.

O ANARCOPUNK - Informativo APeriódico do Movimento Anarcopunk do Rio de Janeiro-RJ, Fevereiro/Março 1996. n11.

RESISTÊNCIA ANARCOPUNK - Boletim do MAP-DF, Março 1995. n1. Distrito Federal

RESISTÊNCIA ANARCOPUNK - Boletim do MAP-DF, Maio 1995. n3. Distrito Federal

Informativo do Movimento Anarcopunk/SC. Março/Abril/Maio/Junho 1994. n4. Santa Catarina

Movimento Anarcopunk-DF - Boletim informativo aperiódico. 1993. n2. Distrito Federal

InforMAçãoP - Norte/ Movimento Anarcopunk João Pessoa, Março 1993. n5

InforMAçãoP - Norte/ Movimento Anarcopunk João Pessoa, Junho 1992

Boletim Anarcopunk Marãna-Eté - Publicação de Divulgação de Ideias do Coletivo Marãna-Eté. Julho/Agosto/Setembro 2002. n2. São Paulo

Boletim Anarcopunk Marãna-Eté - Publicação de Divulgação de Ideias do Coletivo Marãna-Eté aderido ao Movimento Anarcopunk São Paulo. 2003

Grito de Revolta das Mulheres Libertári@s - Zine de ideias libertárias . Ano I. n1. Janeiro 2002. São Paulo

Boletim Anarcopunk-São Paulo. ORGAP. Janeiro 2001, Ano I. n.1.

Boletim Anarcopunk-São Paulo. ORGAP. Março/Abril/Maio 2001, Ano I. n.2.

Boletim Anarcopunk-São Paulo. ORGAP. Junho/Julho/Agosto 2001, Ano I. n.3.

Informativo do MAP. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Junho 2003 Ano I. n1.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Outubro/Novembro 2003 Ano I. n3.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Agosto 2005 n.4.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Novembro 2007 n.5.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Outubro 2008 n.7.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. 2009 n.8.

Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Novembro 2010 n.9.

Boletim A PUNK - Região Sul. 2002. n2

Fanzine Alerta Punk, Set/Out de 1983

Filmes:

Botinada: a origem do punk no Brasil. São Paulo, 2006. Direção Gastão Moreira.

Aos Berros: Movimento Punk em Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2010. Direção Davi Ferreira.

The Warriors. EUA, 1979. Direção Walter Hill.

Internet:

www.anarcopunk.org/mapsp

http://www.ccssp.org/ccs/

http://contraculturabrasil.blogspot.com/2007/11/introduo.html - Acesso em 08 de dezembro de 2011

http://www.culturabrasil.org/estadonovo.htm - Acesso em 08 de outubro de 2011.

http://www.pt.org.br -Acesso em 08 de outubro de 2011

http://www.anarkismo.net/article/17395 - Acesso em 8 de outubro de 2011

http://educacao.uol.com.br/biografias/andy-warhol.jhtm- Acesso em 20 de setembro de 2011.

http://guerradestilos.blogspot.com/2008/11/teddy-boys-roy-shuker-os-teddy-boys-ou.html - Acesso em 14 de setembro de 2011.

http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1186783-EI6596,00.html - Acesso em 18 de setembro de 2011.

http://www.richardhell.com/- Acesso em 18 de setembro de 2011

http://factor-zero.blogspot.com/ - Acesso em 20 de setembro de 2011

http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/04/277004.shtml - Acesso em 09 de outubro de 2011.

http://duodeluxo.wordpress.com/2010/03/15/e-agora-o-que-e-antimoda/ - Acesso em 09 de outubro de 2011.

http://www.asateresina.org.br/opinioes.asp?nid=84 - Acesso em 09 de outubro de 2011.

http://vegantifascista.blogspot.com/2011/05/biografia-do-crass.html - Acesso em 09 de outubro de 2011

http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

http://hardcore-memoria.blogspot.com/ - Acesso em: 25 outubro 2011.

http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/churrasco+de+gente+diferenciada+reune+centenas+de+pessoas+em+sp/n1596952519276.html - Acesso em 25 de outubro de 2011

http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u306668.shtml

http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,agressoes-de-punks-mataram-ao-menos-cinco-pessoas-em-2007,68630,0.htm

http://www.cremerj.org.br/clippings/mostraClipping.php?idClipping=23240

http://www.youtube.com/watch?v=HY3JGW4dx6s

www.rash-sp.blogspot.com

http://www.midiaindependente.org/pt/red/2007/10/399612.shtml - Acesso em 14 de novembro de 2011.

http://www.brasil247.com.br/pt/247/brasil/16793/Skinhead-é-condenado-a-mais-de-31-anos-de-prisao-em-SP.htm Acesso em 14 de novembro de 2011

7 ANEXO

Anexo A:
Fanzine Alerta Punk, Set/Out de 1983

EDITORIAL EDITORIAL EDITORIAL EDITORIAL EDITORIAL EDITORIAL

Chegamos ao nº3 do ALERTA PUNK (e [redacted] e [redacted]), tentamos fazer alguma matéria com bandas do Brasil (como havia - mos prometido no nº2), mas o desinteresse é tanto, que nem se dig naram a responder, por isso não temos entrevista com ninguém.

O movimento Punk em São Paulo chegou ao fim, foi fe ito e atestado de óbito em novembro de 82 com o festival do SESC/ Pompéia, pois lá os Punks tiveram tudo nas mãos para levantar o movimento de uma vez por todas e não quiseram, arrumaram brigas e confusões, e aí os shows de Punk foram tirados do Sesc/Pompéia e de todos os outros lugares. Recentemente tiveram mais uma chance no Napalm Club, que iria dedicar os sábados e domingos para o Punk, e aí novamente arrumaram confusões e brigas, e o Punk Rock foi expulso do Napalm Club.

Os Punks tem que entender que o que estamos contando é a pura verdade e a realidade , não adianta brigarem e xingarem conosco, pois o movimento Punk em São Paulo está morto real - mente. E é preciso ressuscitar o movimento. Precisamos de novas idéias, sugestoes, opinioes e comentários para salvar este movi— mento que nos Estados Unidos, Inglaterra, Finlândia, Alemanha, Iu goslávia (vide reportagem nesta ediçao), Itália, Dinamarca, etc está crescendo a cada dia. POR QUE??? Por que eles são concientes ,organizados, com muita vontade, com visual, com gigs, e não usam a violência para extravazar as suas neuroses. Eles vão aos shows de Punk, ouvem as bandas tocarem, dançam, cantam e NÃO arrumam brigas inúteis e imbecis que acabam com os shows.

Punks do Brasil: não existem mais gigs por que nelas acontecem brigas inúteis, e não tendo mais gigs, o movimen- vai pro brejo. Por que nos shows os Punks podem trocar idéias, conversarem e levantarem o movimento. Tudo em paz e sem violência

Punks: CONSCIENTIZEM-SE, LEIAM E PENSEM !
NAO USEM A VIOLÊNCIA!!!

CARTAS PARA:

ALERTA PUNK
CX. POSTAL 54217
CEP 01296 S. PAULO

Colaboraram neste número:

- Dario Cortese.
- Branimir Nedeljkovic
- Caio Túlio Costa
- Rosa Freire D'Aguiar
- Fanzine Maximum Rock'n'Roll

Obrigado à todos.

CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS-CARTAS

Comprei o nº 1. Minha opinião sincera sobre ele: Muito bom acabamento. Capa excelente. A matéria sobre o Sex Pistols (considero-os como verdadeiros mártires da Anarquia, coleciono suas reportagens e discos) é dispensável por se tornar um assunto batido e de pouco interesse para os ideais de hoje. Preferia que você apenas tivesse indicado o livro.

A matéria "O Perigo Nuclear" é ótima. Espero que você se aprofunde mais nesse assunto (Atualmente é importantíssimo para que haja futuro). Matérias esclarecedoras sobre assuntos atuais são de excelente ajuda para conscientizar os punks. Espero que também cite o nescessário desarmamento mundial. A entrevista com o Fábio dispensa comentários, eles são só os melhores!!!

Quanto ao artigo sobre drogas. Parabéns. Até que enfim alguém reage contra uma das armas mais sujas do sistema. Eles fornecem a droga para enriquecerem e depois acusam os usuários e os condenam. Então para que colaborar se ela só nos traz a fuga inútil da realidade. Embora não seja fácil de eliminá-la, a droga é um inimigo a ser vencido.

Bom, no mais espero poder encontrar o nº 2 do ALERTA PUNK. Vá em frente, está na estrada certa.

Cenivaldo Barrichello.
Santos - SP

Resposta: Foi bom ter recebido a sua carta, pois vi que é um cara conciente, e seria bom se todos os punks também o fossem. Acho que não seria bom somente ter citado o nome do livro, pois é um livro que não foi publicado no Brasil e quase nenhum Punk teve oportunidade de lê-lo, e como não existiu nenhum fanzine entre 77 e 80 no Brasil, achei bom mostrar algo do passado em algumas páginas, para podermos tirar alguns exemplos e vermos os erros para não cometê-los novamente.

Li o nº 1 e o nº 2 do ALERTA PUNK e achei o maior barato, assim como o LIXO RECICLADO, diferentes dos outros Fanzines que temos por aqui,pois os outros falam muito de bandas e isso fica um pouco enjoado. São excelentes as reportagens sobre drogas e sobre Bombas. A droga é um meio do sistema para dominar melhor as pessoas, e é também coisa de roqueiro babaca que só sabe puxar fumo e curtir esses caretas que só querem ganhar grana. E sobre essas bostas de Bombas, só pode mesmo ser idéia dos "maravilhosos fascistas" como Ronald Reagan e outros idiotas. E lá vem alguns protestos: 1- O Punk brasileiro, ao contrário dos outros estrangeiros, é um pouco comodista e ainda tem essa richa entre ABC e SP, que é uma richa idiota. Nos outros países, como na Finlândia, os Punks são mais unidos (com exessoes). Eu gosto das bandas do ABC e não tenho nada contra os caras de lá e sou contra essa richa. 2- Tem alguns caras lá na Avenida São João, os tais "ambulantes", que vendem bracoletes e cintos com rebites pontiagudos, ganhando assim, grana em cima da gente. Devemos antes de qualquer coisa, ir falar com eles para pararem com isso, explicando nossos motivos. Talvez eles não parem, mas é sempre bom tentar.

Quanto à ideia de um contingente, vou tentar um com conhecidos, e vou tentar também passeatas e tudo mais, pois é muito importante tentarmos. Poderá acontecer grilos mas devemos tentar, porque ficar parados igual esses roqueiros idiotas é que não podemos ficar. Bom, espero que o ALERTA PUNK continue assim e não caia naquela só de falar de bandas, espero também que o preço não aumente e que logo lance uma fita com bandas legais. Tchau e continue desse jeito.

Antonio R.Alves.
Santo Amaro.

Resposta: Muito obrigado pela carta, eu também acho essa richa entre ABC e SP uma tremenda idiotice e tem que acabar urgentemente. Seria bom termos bandas do ABC tocando em S.Paulo e vice-versa.Com relação aos ambulantes, acho que não podemos reclamar porque eles estão no direito deles, tentando fazer moda com o movimento Punk. Deixe eles pensarem que o Punk é moda, logo logo param com isso. E tentaremos continuar mantendo o nível do Fanzine, melhorando a cada número.

Parabéns pelo excelente Fanzine que vocês fazem, as matérias são ótimas, muito interessantes mesmo.

O grande problema de Brasília é realmente a falta de informação e de recursos, pois aqui não existe nenhuma loja que venda discos importados ou independentes, nem tão pouco ninguem que fabrique camisetas ou badges, e nem um lugar onde nós possamos ficar em paz, tipo um clube ou boate, a não ser uma ou outra lanchonete que, "às vezes", nos empresta uma tomada para fazermos os nossos shows, que também não são muito frequentes.

Gostei muito do zine, Um abraço,

RICARDO BOLINHA
BRASILIA - D.F.

Resposta: Muito obrigado pela carta Ricardo, por aqui nós também estamos tendo muitos problemas: Sem locais para Gigs, e quando tem, tem muita violência entre os Punks (?), não existe união entre os Punks daqui, e isso está levando o movimento Punk daqui por água abaixo. Infelizmente, pois os punks tiveram tudo nas mãos para levantar o movimento e não souberam segurar,é uma pena.

PUNK NA IUGOSLAVIA

Tudo começou por aqui no final de 77, quando a primeira banda de Punk Rock, PANKRITI, tocou ao vivo. Eles ainda existem e lançaram 2 LPs. As letras são boas, mas a música é muito parecida com "rock normal". Bem, as influências vieram da Inglaterra e da América (Ramones) e então ... blá, blá, blá... vocês sabem o que aconteceu. Em tempo, estou falando de um triângulo de 3 cidades: Ljubljana, Rijeka e Zagreb. Elas ficam na parte oeste do país, 120 Km uma da outra. Mas não havia muitas bandas: Uma em Zagreb chamada PRLJAVO KAZALISTE (Teatro Sujo), e poucas nas outras duas cidades. Havia a PARAF e a TERMINI de Rijeka, ambas importantes no desenvolvimento da cena Punk. P.K. logo virou comercial, e hoje muitas das bandas de Zagreb são comerciais, embora haja poucas não-comerciais. Desde 78-80 as coisas progrediram. Nós temos novas bandas: 92 (o número do telefone da polícia) que mais tarde viraram católicos. Havia BULDOGI (Buldogues), tocavam Punk, mas com letras ingênuas. BERLINSKI ZID (Muro de Berlim) é uma banda um pouco misteriosa, muito inovativa. Eles trocaram muitas vezes de integrantes, e finalmente terminaram. LUBLANSKI PSI (cachorros de Lublanski) são Punks muito lentos, mas uma das mais populares bandas em 1981. Em 1979 a cena Punk em Belgrado também cresceu. Em 1981 a cena Punk "descentralizou". Algumas boas bandas foram formadas em volta de Ljubljana: KUSLE (Putas) e SUND (Escória), em Idrija, 60 Km de Ljub. Em Metlika INDUST BAG (intraduzível) e STEKLINA (Raiva) se formaram. E finalmente, BACILI (Germes) de Novo Mesto, perto de Metlika. Todas essas bandas eram mais rápidas e energéticas que as bandas do

começo do movimento. Infelizmente, muitas dessas bandas acabaram.
O movimento Punk hoje: Em Ljubljana existem novas bandas. OTROCI SOCIALIZMA (Garotos Socialistas), eles tem as letras muito inteligentes. CAO PICHE é uma banda muito original, caracterizada por canções curtas e dois baixos (sem guitarra).

O!KULT é a banda mais rápida no momento, e as letras deles são muito realistas. Há um monte de bandas de Hardcore agora em Belgrado. Sobre os discos aqui, Não há muito interesse. Apenas uns poucos discos Punks foram liberados. Sêlos maiores não querem muitos negócios com o Punk, e sêlos independentes tem problemas. PANKRITI teve dois discos 12", PARAF também teve dois, e existem 2 coletâneas lançadas, poucas bandas de Belgrado foram liberadas. É difícil importar. Poucas bandas estrangeiras vem aqui. Nós vimos o DISCHARGE em 82. Por falta de uma jurisdição própria, nós apenas tivemos um ou dois bons shows a qui em um mês. Fanzines nós não temos muitos. A maior parte tem entre 10 e 20 páginas em xerox. A imprensa basicamente ignora as bandas Punks, mas nós temos uma estação de rádio progressiva aqui em Ljubljana chamada 'Radio Student' que mostra a música alternativa que está começando. Eles tocam a maioria de coisas inglesas. Se algum de vocês dejesa mandar discos ou fitas cassete, poderão ser tocadas aqui. A maioria das coisas que eles tocam, são compradas individualmente, nós não ouvimos muito Hardcore americano. Na rádio eles tocam a coletânea do Maximum Rock 'N'Roll e o compacto do F.U.'s "Kill For Christ". As únicas bandas americanas que nós realmente conhecemos bem são DEAD KENNEDYS, BLACK FLAG e FLIPPER. As bandas americanas de Hardcore pequenas são conhecidas apenas por um pequeno contigente de Punks que estão realmente interessados no movimento americano. Então ajude-nos. Meu endereço está no final da reportagem.

Nosso movimento é pequeno e desorganizado, mas as coisas irão melhorar. Muitas bandas estão lançando fitas, e hoje nós temos a primeira e verdadeira banda de Hardcore de Ljubljana, eles se chamam STRES DRZAVNEGA APARATA. O som deles é como SEKUNDA da Finlândia, e um pouco como DISORDER, mas infelizmente eu não posso ouvir as letras.

Agora, aqui estão algumas informações sobre a Iugoslávia: Nós somos um país socialista com uma diplomacia não-alinhada. É importante lembrar que a Iugoslávia não está sob o controle da URSS (como os outros países do Bloco Oriental). A Iugoslávia desenvolveu sua própria forma de independência após a Segunda Guerra Mundial. Mas existem muitos problemas aqui. Nós estamos supostamente tendo um sistema de auto-gestão e desta forma todos podem tomar parte das decisões. Os trabalhadores tem auto-gestão nas empresas deles, assim como nas municipalidades. Este sistema de trabalho é no papel, mas a realidade é diferente. Ele se tornou muito complicado, e na minha opinião perdeu o espírito verdadeiro. O!KULT canta sobre estes problemas. Mas aqui não há muito desemprego como na Inglaterra ou no Ocidente. Eu preciso mencionar também a interpretação de Punk aqui. O quadro é feio. Infelizmente, existem alguns "nazi-punks" de uns dois anos para cá. Alguns desses punks estúpidos fazem manifestos racistas e pró-nazismo. O quadro pintado dos Punks é que eles são rascistas e totalitários. Por causa desta generalização, os punks são vistos como a "escória da Terra". Hoje em dia a situação é um pouco melhor. Na minha opinião, o grande problema é que os Punks não são unidos, e eu não tenho

notícias

de muitas idéias contrutivas entre os Punks daqui. Quanto a polícia, eu não tenho tido qualquer confrontação com ela, e não sei de qualquer Punk que o tenha (a não ser aqueles estúpidos Nazi - Punks). OK. Isto é tudo por hora. Se alguém tiver qualquer pergunta, por favor escreva (se possível, por favor adicione $.50 - meio dólar - para o sêlo da resposta. Está muito caro ultimamente)

Escreva para:

DARIO CORTESE
MRHARJEVA 7 / 61210
LJUBLJANA - SENTVID
IUGOSLAVIA.

.P.U.N.K. E.M. B.E.L.G.R.A.D.O.

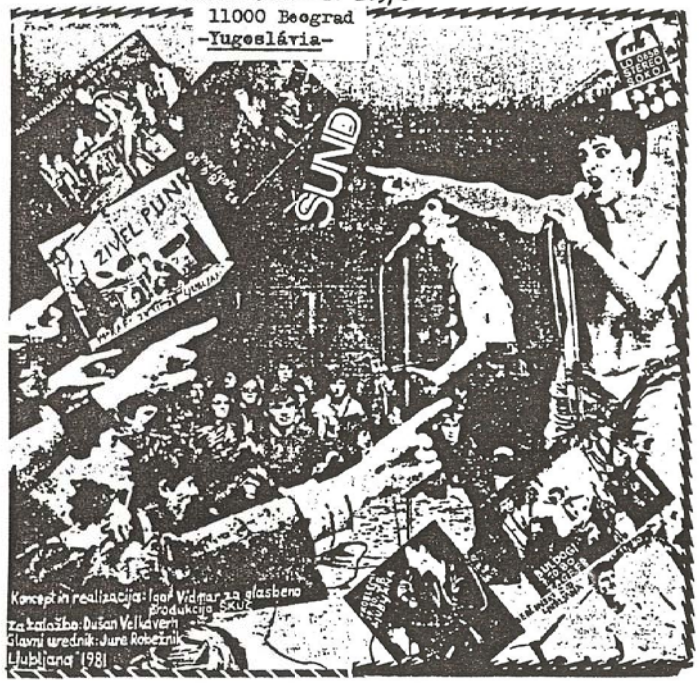
A maioria dos Punks aqui ouvem música inglesa, porque os discos americanos custam muito caro e são difíceis de importar. O DEAD KENNEDYS é a banda mais popular das americanas por aqui, mas ultimamente algumas fitas tem circulado, como M.D.C., MINOR THREAT, "Boston Not L.A.".

Nosso principal problema aqui é a falta de um lugar para ensaiar, equipamentos, e dificuldade em organizar gigs por falta de um sêlo independente. O problema do lugar para ensaiar pode parecer trivial, mas para nós ele é trágico. Diga, como podemos ter boas bandas sem ensaiar ? O problema da falta de equipamentos é porque a maioria dos Punks tem entre 16 e 18 anos, e são dependentes dos pais deles. Preciso dizer mais? Os shows ao vivo são problema pela falta de entusiasmo em organizá-los, e o som e os equipamentos e aparelhagens são mais que horríveis.

História Punk de Belgrado. As bandas mais importantes desde 78 até 81 são URBANA GUERILA (Guerrilha Urbana), RADNICKA KONTROLA (Controle dos Trabalhadores), RADOST EUROPE (Alegria da Europa), HUMANI GENOCIDE (Genocídio Humano) e TV MORONI (TV de retardados). Apenas algumas dessas bandas existem hoje, a maioria acabou ou virou Pop. Em 1982 DISCHARGE veio aqui, e inspirou novas bandas de Hardcore. CIVILIANS foi uma delas, mas acabou por diferenças internas. O vocalista deles então foi para o POSLE PROCESA (Depois do Processo), uma banda de Punk/Psicodélico. O baterista e o guitarrista montaram o NEXROFILISA (Necrofilia), que toca um tipo muito rápido de Heavy Metal/Hardcore. Eles tem o melhor potencial de todas as bandas, mas também estão contaminados com o problema de ensaio. ARHIUSKA ZABAVA (Arquivo de felicidade) estava entre as primeiras bandas de Hardcore de Belgrado, mas o guitarrista deles está no exército agora.

DISINFECT também é Hardcore, muito pesado, e sem espaço para ensaiar. SOLUNSKI FRONT é uma banda sem o problema de lugar para os ensaios, e é a melhor banda daqui. Eles tem lugar para ensaio, equipamento, e as consequencias sao evidentes. São comparáveis ao G.B.H., embora as canções deles tenham mais melodia porque o seu vocalista, Ciga, é o maior e mais louco fã dos RAMONES no mundo. PETA KOLONA (Quinta Coluna) é uma boa banda de Hardcore, mas eu tenho dúvidas sobre suas atitudes. PRVA LINIJA (Primeira Linha) é nosso equivalente do EXPLOITED. Outras bandas são HEIDI e NAJEZDA KANIBALA (Invasão dos Canibais), e ambas tocam Hardcore muito rápido. Bem, isto é tudo por hora. Cartas para:

Branimir Nedeljkovic
Brace Jerkovic 169/8
11000 Beograd
-Yugoslávia-



No sentido comum, a anarquia sempre foi o caos, a desordem. A palavra transformou-se em sinônimo de bagunça e os cronistas e historiadores de hoje jamais lograram repor o significado verdadeiro de um passado glorioso e, no mínimo, construtivo. Por mais absurdo que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem.

Os anarquistas tem em mira apenas o indivíduo, sem representantes, sem delegações, produtor, naturalmente em sociedade. Positivamente, eles preconizam uma nova sociedade e indicam alguns meios para isto.

A palavra ANARCHOS em grego, pode ser usada para definir desordem na falta de um governo, ou quando não existe a necessidade dele. Portanto, Anarquia etimologicamente quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores. Sómente!!!

Sébastien Faure, um teórico anarquista, disse: "Quem negue a autoridade e a combata é um anarquista". George Woodcock, em 1960, completou a definição relativizando-a: "Todo anarquista nega a autoridade, muitos a combatem". E a idéia do caos continua distante.

Os anarquistas sempre estiveram de acordo em relação ao fim último de seus propósitos, divergindo apenas quanto à tática mais convincente para consegui-lo. Os partidários de Leon Tolstoi, próximos ao que se pode chamar de anarquismo cristão, não admitiam a violência em nenhuma circunstância. O inglês William Godwin esperava determinar mudanças mediante discussões. Pierre-Joseph Proudhon e seus partidários defendiam a mudança social através da proliferação das organizações cooperativas. O russo Piotr Kropotkin aceitava a violência, mas a contragosto e somente porque a considerava inevitável na revolução e esta por sua vez inevitável na etapa do progresso humano. Um outro russo anarquista, Michail Bakunin, em vários momentos teve dúvidas, mas combateu em barricadas e exaltou o caráter sanguinário da insurreição camponesa. Arrependido, chegou a dizer que as revoluções cruéis são necessárias, única e exclusivamente por causa da estupidez humana; mas a crueldade seria sempre um mal, um mal monstruoso e um grande desastre.

Todos os anarquistas concordam que o homem possui, por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social. Não acreditam que o homem seja bom por natureza, mas estão convencidos de que o seja por natureza social. Godwin raciocina no sentido de que se o homem é por natureza capaz de viver em uma sociedade livre, é evidente que aqueles que tentarem impor leis serão os verdadeiros inimigos da sociedade. Neste caso, o anarquista, ao contrário do emérito destruidor, seria o regenerador que vai restabelecer o equilíbrio necessário à sociedade. Quem fala em equilíbrio não pensa em caos.

Cada comunidade, cada indivíduo, para os anarquistas, deve determinar sua vida. As minorias têm todo o direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre. Ingenuidade? Talvez. Não há como negar este componente em todas as formulações ácratas (acracia significa, em grego, "sem governo", é sinônimo de anarquia).

O ódio visceral de todo anarquista, é contra este leviatã (monstro do caos) da sociedade moderna, este organismo imenso e todo-poderoso, a síntese da autoridade e da centralização, que foi lentamente conquistando o poder político, econômico e social: O Estado. Todos o fulminam com insultos e adjetivos. Consideram-no seu inimigo. Bakunin enlaça o conceito de Estado com o de Deus e os proclama principais adversários da liberdade humana. Proudhon não cansa de repetir que o governo do homem pelo homem é a servidão e define dramaticamente o que é ser governado: "é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, parqueado, endoutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não tem nem o título, nem a ciência, nem a virtude (...). Ser governado é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, notado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, rotulado, admoestado, impedido, reformado, reenviado, corrigido. É, sob o pretexto da utilidade pública e em nome do interesse geral, ser submetido à contribuição, utilizado, resgatado, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; e depois, à menor resistência, à primeira palavra de queixa, reprimido, multado, vilependiado, vexado, acossado, maltratado, espancado, desarmado, garroteado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído e, no máximo grau, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o governo, eis a sua justiça, eis a sua moral! (...) Oh! personalidade humana! Como foi possível deixares-te afundar, durante sessenta séculos, nesta degradação?" Proudhon esqueceu-se de acrecentar: torturado. Também pudera, esta atribuição o Estado sofisticou apenas neste século. Para Stirner, todo Estado é uma tirania. Para Bakunin, é uma abstração devoradora da vida popular, um imenso cemitério. Para Malatesta, o governo rouba, destrói e paralisa pelos seus métodos de ação. E os anarquistas não fizeram mais, até hoje, do que combater o Estado, o governo, a autoridade.

Cada anarquista lutou a seu modo, agindo diretamente. Mais uma pedra de toque do anarquismo: a ação direta. Isto quer dizer simplesmente aceitar a responsabilidade com todas as consequências, sem delegá-la a um terceiro. A ação direta é um conceito de maturidade frente a um conceito de infantilismo, pelo qual o homem desiste de suas responsabilidades e as delega a outros, a seus representantes, abstendo-se de fazer e pensar por sua conta e risco. Fazer o que tem de

fazer ele mesmo, nunca como um indivíduo solitário, mas como um participante consciente em uma unidade social. Abaixo o Estado, os deputados, os prefeitos, o partido, a autoridade. Ação em casa, na fábrica, no escritório, na terra, no amor, na vida. Em suma: não delegar responsabilidades, autogerir-se a partir de certas organizações que estão dadas.

Desde os primeiros tempos os anarquistas afirmam que todos já estão organizados desde cima pelos senhores, pelos capitalistas, pelo Estado, pelos burocratas, enfim. Os homens, os trabalhadores estão unidos e reunidos na empresa, nos bairros, no trabalho. A luta proposta é no sentido de que o trabalhador subverta esta relação organizando ele mesmo a sua vida, as suas ocupações, a sua organização dentro de sua empresa e de sua comunidade.

Na comunidade ou fora dela alguém só pode ser livre se os outros também o forem, ensinou Bakunin num momento caloroso de seu histórico debate dentro do movimento internacional dos trabalhadores. Convidados a participar da Associação Internacional dos Trabalhadores, os membros da Liga da Paz e da Liberdade, da qual Bakunin foi parte ativa e influente, realizaram um congresso em Berna, na Suiça, no ano de 1868. Ocasião muito propícia para Bakunin definir-se politicamente frente a Karl Marx - uma das figuras mais notórias da Internacional. Seu discurso foi particulamente interessante: "Detesto a comunhão, porque é a negação da liberdade e porque não concebo a humanidade sem liberdade. Não sou comunista, porque o comunismo concentra e engole, em benefício do Estado, todas as forças da sociedade; porque conduz inevitavelmente à concentração da propriedade nas mãos do Estado, enquanto eu proponho a abolição do Estado, a extinção definitiva do princípio mesmo da autoridade e tutela, próprios do Estado, o qual, com o pretexto de moralizar e civilizar os homens, conseguiu até agora somente escravizá-los, persegui-los e corrompê-los. Quero que a sociedade e a propriedade coletiva ou social estejam organizadas de baixo para cima por meio da livre associação e não de cima para baixo mediante a autoridade, seja de que classe for. Proponho a abolição do Estado, proponho ao mesmo tempo a abolição da propriedade pessoal recebida em herança, a qual não é senão uma instituição do Estado, uma consequência direta dos princípios do Estado. Eis aí senhores porque eu sou coletivista e não comunista".

Não se pode negar que ao combater o autoritarismo e todas as formas de poder, os anarquistas tocaram no principal problema da modernidade. A ingenuidade das teorizações e a fraqueza da doutrina que nunca se apresentou como um corpo sistemático completo e acabado é da gênese do próprio anarquismo. O Estado, a autoridade que se sobrepõe ao indivíduo e o transforma num verme, num réptil submisso, cresceu e tomou forma tanto no capitalismo como no socialismo.

E o anarquismo, esta paradoxal mescla de positivismo com idealismo, não conseguiu jamais formar um organismo aglutinador e impulsionador de seus objetivos; apesar de seus esforços não logrou sequer abalar as estruturas do sólido Estado moderno. Eis seu fracasso e seu fascínio.

Estas páginas sobre o Anarquismo foram tiradas do livro de CAIO TULIO COSTA -, intitulado "O QUE E O ANARQUISMO" publicado pela Editôra Brasiliense na Coleçãe Primeiros Passos, da mesma série do liver "O QUE E PUNK" de ANTONIO BIVAR. São dois livros que todo Punk deve ler, para pelo menos saber por que é anarquista, e ter argumentos na hora em que for questionado. Outros livros recomendáveis sobre o Anarquismo são: -"O ANARQUISMO" de Daniel Guerin- Editora Germinal - Rio - "AÇÃO DIRETA" de José Oiticica - Editora Germinal - Rio - "ANARQUISTAS E ANARQUISMO" de James Joll - Publicações Dom Quixote - Lisboa - "DEUS E O ESTADO" de Mikhail Bakunin - Assírio & Alvim Sociedade Editorial.

SISTEMA VERSUS PUNKS VERSUS SISTEMA VERSUS PUNKS VERSUS SISTEMA...

Ultimamente na imprensa, na televisão e agora na música, os Punks e o movimento Punk em geral tem sido alvo de várias reportagens, todas elas parciais e facciosas, omitindo a verdadeira ideologia e intenção dos Punks em relação ao mundo atual.

Podemos citar algumas matérias, umas boas e outras ridículas: Na Folha Ilustrada da Folha de São Paulo (24/07/82), a repórter Lígia Sanches fez uma ótima reportagem sobre o movimento (a única que não foi facciosa) falando a verdade, somente a verdade, porque ela foi buscar as informações com os Punks reais. Uma outra matéria que foi razoável, foi feita por Carlos Tavares, jornalista e apresentador do programa Sociedade Alternativa, na revista Planeta nº 128 (Maio/83), ele apenas cometeu um engano, dizendo que a banda Olho Seco havia acabado, no mais a matéria estava muito boa. Agora as reportagens ruins existiram e existem de sobra, como por exemplo a de Regina Echeverria para a revista "Isto é" de 4/8/82. Ela começou bem a matéria, mas se equivocou no título: "Cuidado Com Eles" e no final onde dizia que os Punks eram perigosos, e que estavam soltos nas ruas, e era para as pessoas terem cuidado com eles, (como se os Punks fossem marginais). Outra matéria bem mais ridícula ainda, foi feita por Walterson Sobrinho para a imbecil e inútil revista "TV Contigo" com o título de "Punks no Brasil: o que eles querem é agredir". Nessa reportagem ele comentou o festival Punk do SESC/Pompéia de novembro/82, dando a impresão de que nem esteve lá, porque nunca vi tanta besteira junta escrita sobre os Punks. Agora a maior e mais fascista, parcial, mentirosa, enganosa, encomendada e subornada reportagem,

foi feita pela famosa TV Globo, no programa Fantástico, onde uma repórter incompetente e mentirosa, fez um detestável (e falso) perfil dos Punks paulistas, levando para milhares de lares brasileiros a falsa imagem do movimento Punk, tomando como exemplo algumas pessoas que se dizem Punks e moram em lugares demolidos e com esgôto, e a repórter generalizou e disse que todos os Punks gostavam e viviam no esgôto, e que se identificavam com água suja e gostavam de roupas rasgadas. Essa repórter mostrou a sua incompetência, por não procurar o centro do movimento, os verdadeiros Punks, procurando dar as verdadeiras informações e a verdadeira ideologia, os motivos e as causas das lutas e dos protestos dos Punks.

Essa reportagem dessa repórter imbecil do Fantástico começou a dar resultados, logo no dia seguinte fizeram o maior sensacionalismo por causa de uma facada que um cara levou no centro da cidade, alguns disseram que foi um Punk, outros não, mas o que não pode acontecer é generalizar, falar que todos os Punks são assassinos, o que é assassino é o sistema que leva as pessoas ao desespêro, fazendo-as passarem fome, frio, doenças e privações de todos os tipos, e para se livrarem disso tudo, elas matam e roubam.

Outro reflexo negativo dessa reportagem, veio agora em forma de música, mais uma jogada comercial de nosso "astro" da MPB, Gilberto Gil, na música "Punk da Periferia", em uma letra totalmente fora da realidade , associando os Punks ao lixo, esgôto e dizendo que curtem porcaria. Diz também que satisfaz sabermos que entraremos pelo cano, ora se os Punks gostassem de entrar pelo cano, para que e por que eles iriam protestar ? ? ?

Realmente,não sei qual o direito que esse cantor tem de falar/cantar uma coisa. dessas, se não convive e nunca con

viveu com os Punks, não sabe porra nenhuma do movimento (a não ser a falsidade que o Fantástico mostrou) e ainda faz uma musiquinha bem comercial, para as pessoas lembrarem, cantarolarem e assobiarem por aí.

O único protesto dos Punks contra a reportagem do Fantástico, que eu tenha visto, foi no Fanzine S.P.PUNK nº 2 com uma excelente matéria feita por Callegari/Meire, quanto aos outros aceitaram pacatamente, sem falar nada, e agora também eu só quero ver o que farão contra essa música do Gilberto Gil. E a cada dia que passa, me convenço mais de que é nescessário fazermos passeatas, protestos e Gigs em local aberto para expormos as nossas idéias, as verdadeiras propostas. Porque ninguém irá falar a verdade sobre o movimento, a não ser nós mesmos.

§·§

Aqui estão alguns endereços para você se comunicar com Punks:

FANZINES: FANZINES: FANZINES: FANZINES: FANZINES: FANZINES: FANZINES: FANZINES:

MENTAL DISORDER
ROBERT PARKER
2055 LIEDER Dr.
SAN DIEGO, CA 92154
U.S.A.

YOUR FLESH
RON CLARK & PETER DAVIS
1619 LAGOON nº 106
MPLS, MN 55408
U.S.A.

FRONTAL ASSAULT
33 ADAMS STREET
LITTLETON, MA 01460
U.S.A.

SHRED
P.O.BOX 92
RICHMOND, VT 05477
U.S.A.

ASSASSIN OF YOUTH
P.O.BOX 261
ROCHELLE PARK, NJ 07662
U.S.A.

OBITUARY
MIKE SLAUGHTER
16 COLD BLOW CRES
BEXLEY - KENT
ENGLAND - DA5 2DS

KA-BOOM / MONEY DOG
ROBIE URIE
6oo 10th. Ave. nº 4 rs
New York, NY 10036
U.S.A.

KOEKBAND
ALBERT CUY PS TRAAT
100-2 ACHTER / 1072
CX AMSTERDAM
HOLLAND

GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADORAS: GRAVADO

RISKY RECORDS
2339 3rd Street 4th Floor
SAN FRANCISCO, CA 94107
U.S.A.

PULSE RECORDS
P.O.BOX 36 D 75
LOS ANGELES, CA
U.S.A.

(Coletânea de bandas Skatistas)
SKATE RECORDS
P.O.BOX 24592
SAN FRANCISCO, CA 94124
United States

(Camisetas, discos e fanzines)
ZED RECORDS
2234 E 7th St.
LONG BEACH, CA 90814
U.S.A.

NEW ALLIANCE RECORDS,
P.O.BOX 21
SAN PEDRO, CA 90733
U.S.A.

HAPPY SQUID RECORDS
P.O.BOX 64184
LOS ANGELES, CA 90064
U.S.A.

SYSTEMATIC RECORD DIST.
BERKELEY INDUSTRIAL COURT, SPACE 1
729 HEINZ AVe.
BERKELEY, CA 94710
U.S.A.

SQUIRTDOWN RECORDS (Da banda 7 Seconds)
72 S. PATTERSON PL.
SPARKS, NV 89431
U.S.A.

PARADOX
P.O.BOX 2896
DEPT F 8
TORRANCE, CA 90509
U.S.A.

GRAVEL VOICE RECORDS
P.O.BOX 1204
COLUMBUS, IN 47202 - 1204
U.S.A.

(Coletânea de Hardcore do Texas)
MARD - 9 RECORDS
150 TERREL PLAZA nº 149
SAN ANTONIO, TX 78209
U.S.A.

Reportagem tirada da revista ISTOÉ nº 343 de 20/7/83.
Escrito por Rosa Freire D'Aguiar.

As doenças da bomba

Equipe de cientistas faz previsões sobre as conseqüências médicas de uma guerra atômica

Os vivos, de repente, começariam a invejar os mortos. Sobre a Terra devastada restariam alguns poucos hospitais. Metade do corpo médico teria desaparecido e nas farmácias todo o estoque de medicamentos do mundo não bastaria para aliviar o sofrimento de apenas um terço das vítimas. Em meio ao apocalipse, ressurgiriam epidemias extintas desde a Idade Média, e por longos anos se multiplicariam os casos de câncer e aberrações genéticas, mesmo em países distantes. Aterradoras, mas verdadeiras, estas são algumas das conclusões a que chegaram 23 cientistas da Europa Ocidental, Estados Unidos e União Soviética, a quem a Organização Mundial de Saúde (OMS), órgão das Nações Unidas, encomendou um estudo sobre as consequências médicas de uma guerra nuclear.

Para chegar a tão sinistras previsões, os especialistas contratados pela OMS valeram-se de conhecimentos científicos e do saldo da terrível experiência de Hiroshima e Nagasaki - as cidades japonesas onde, em agosto de 1945, se utilizou pela primeira vez uma bomba nuclear contra seres humanos -. Mas não cometeram, evidentemente, a ingenuidade de achar que uma catástrofe atômica, hoje, apenas reproduziria a tragédia de Hiroshima, na qual morreram mais de 200 mil pessoas. De fato, o poder de destruição da bomba jogada pela aviação americana sobre a cidade japonesa, de 12,5 quilotons - ou seja,

12,5 mil toneladas de TNT -, é uma brincadeira ao lado das bombas atuais de 1 megaton, ou seja, 1 milhão de toneladas de explosivo.

O estudo encomendado pela OMS especula com três hipóteses de conflito nuclear. A primeira imagina que uma só bomba, de 1 megaton, seja lançada sobre Londres. Ela produziria, na capital britânica - uma cidade de 7 milhões de habitantes -, uma devastação proporcional à que o petardo de 12,5 quilotons causou a Hiroshima, em 1945. Só que o saldo, agora, seria de 1,8 milhão de mortos e 1,7 milhão de feridos em estado grave.

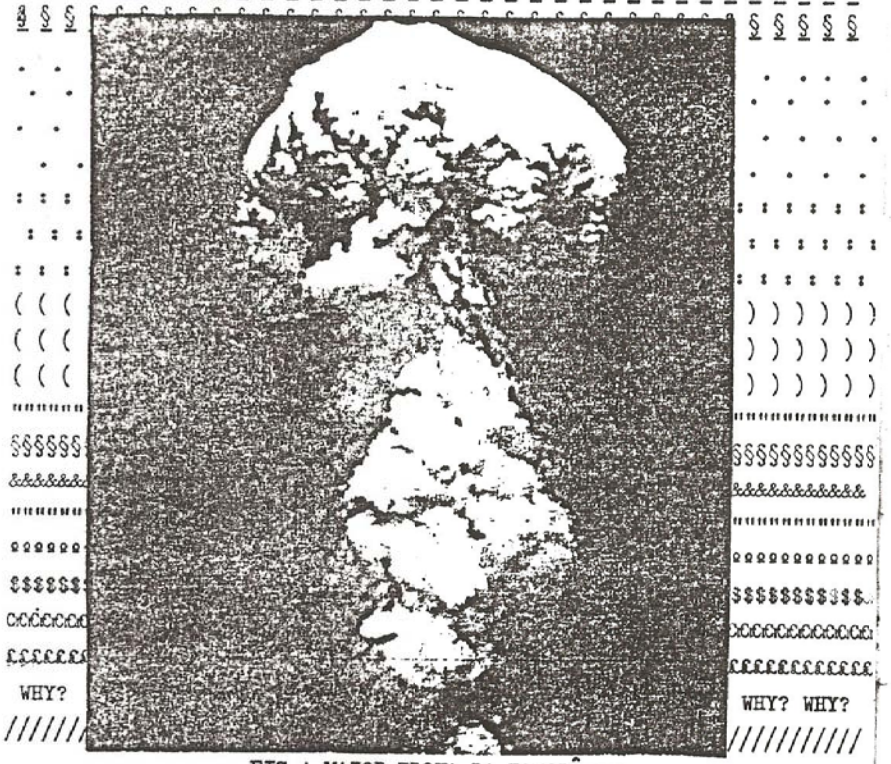
O segundo cenário prevê uma guerra nuclear "limitada" - por exemplo, um conflito entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, no qual fossem utilizadas apenas armas nucleares táticas de 20 megatons, disparadas exclusivamente contra objetivos militares. Ainda que restrita, tal conflagração deixaria um saldo de 9 milhões de mortos. Os especialistas rejeitam, no entanto, a noção de guerra limitada, argumentando que ela fatalmente se alastraria por toda a Europa, matando 170 milhões de pessoas - a quarta parte da população da Europa -. Calculando, num terceiro cenário, que uma guerra nuclear mundial mobilizasse a metade do arsenal atômico atual - 20 mil megatons -, os cientistas da OMS prevêem 1 bilhão de mortos e outro bilhão de feridos graves - num planeta que tem hoje 4,1 bilhões de habitantes.

Uma explosão nuclear aniquilaria a vida num raio de 2 mil quilômetros. A onda térmica produzida pela bomba carbonizaria quem estivesse a até 50 quilômetros de distância, e a luminosidade gerada pela explosão cegaria quem olhasse para o clarão a até 200 quilômetros. Haveria outros efeitos. Quando uma bomba explode no solo, milhões de partículas erguem-se num cogumelo de fumaça e detritos. Essa nuvem radioativa pode vagar pelo céu durante cinco anos, mudar de hemisfério e cair sobre países que sequer tomaram parte da guerra, expondo-os, por muitos anos, às consequências das explosões nucleares - os riscos de câncer, por exemplo, aumentariam em 20% e as anomalias genéticas se tornariam duas vezes mais frequentes.

Todos esses cálculos, que estão aquém da realidade provável, supõem ainda que os médicos não morram, como ocorreu com 93% deles em Hiroshima. A OMS estima que um ataque em grande escala nos E.U.A. deixaria 35 milhões de feridos - e pouparia apenas 79 mil médicos, dos 400 mil que atualmente exercem a profissão no país. Isso significa que cada ferido precisaria esperar dez dias, em média, para receber os primeiros cuidados médicos.

Além de desmistificar a teoria de uma guerra nuclear limitada, muito em voga atualmente entre os estrategistas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a aliança militar dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, o relatório da OMS alerta para a hipocrisia dos que defendem a bomba de nêutrons, a chamada "bomba limpa", que supostamente mata por irradiação as equipes de blindados

e deixa os prédios intactos. Os cientistas são claros: o uso intensivo da bomba de nêutrons faria tantas vítimas civis como militares. A ameaça é tão assustadora que a OMS, abandonando seus pricípios de organismo apolítico, encerrou o estudo preparado pelos 23 especialistas com um apelo às superpotências para que evitem a todo custo o apocalipse nuclear.



EIS A MAIOR PROVA DA IGNORÂNCIA DO SER HUMANO.

Mais endereços para se comunicar com Punks do mundo inteiro. Escreva.

Estas gravadoras distribuem discos de bandas de Hardcore e Punk Rock. Escreva pedindo catálogo dos discos à venda.

BOUCING BETTY RECORDS
2959 LATHAM DRIVE
DALLAS, TX 75229
U.S.A.

WASTELAND RECORDS
P.O.BOX 578155
CHICAGO, IL 60657
U.S.A.

R & B RECORDS
P.O.BOX 25054
WASHIGTON, D.C. 20007
U.S.A.

RAT CAGE RECORDS
70 GREENWICH AVe. nº 112
NEW YORK, NY 10011
U.S.A.

OUTSIDE RECORDS
3111 1st Street N.
ARLINGTON, VA 22201
U.S.A.

PLAN 9 RECORDS
2913 W.CARY St.
RICHMOND, VA 23221
U.S.A.

NEW ROSE (Distribuidora do LP: "Chaos In France")
7 RUE PIERRE - SARRAZIN 75006
PARIS - FRANCE

BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS: BANDAS:

ACCUSED
10542 1050th Ave. WEST nº 29
OAK HARBOR, WA 98277
U.S.A.

BATTALION OF SAINTS
NUTRON RECORDS
2015 MEADE AVe.
SAN DIEGO, CA 92116
U.S.A.

CIRCLE ONE
FLEETWOOD RECORDS
P.O.BOX 25 B 13
LOS ANGELES, CA 90025
U.S.A.

CHANNEL 3
POSHBOY
P.O.BOX 38861
L.A., CA 90038
U.S.A.

ANGST
HAPPY SQUID
P.O.BOX 64184
LOS ANGELES, CA 90064
U.S.A.

D.D.T.
P.O.BOX 720341
ATLANTA, CA 30358
U.S.A.

CREND / ENIGMA
P.O.BOX 2896
TORRANCE, CA 90509
U.S.A.

ANTI-CIMEX
A RECORDS
HUSARGATAN 5
41302 GOTEHNBERG
SWEDEN

REACTION UNIT
J.C.
96 BROGHAM ROAD
HACKNEY E 8
LONDON - ENGLAND

APOSTASY
THRASH TRAX
11067 146 A St.
SURREY B.C.
V3R 3V3 - CANADA

ASPERITIS
EEKEPTSSTr. 7
3765 A C - SOEST
HOLLAND

BLUTTAT
J. BAUMAN
BIRKUAHENWEG 25
4250 BOTTROP
WEST GERMANY

SUBHUMANS / SST
P.O.BOX 1
LAWNDALE,CA90260
U.S.A.

CITY X / ADS
NO AARHUS-BOX 3
8381 MUNDELSTRUP
DENMARK

T.S.T.
RIVER-BOX 312
721 07 VASTERAS
SWEDEN

DEFORMED
ER IS HOOP
KOERIERSTESWEG 2I
3815 HT
AMERSFOORT - HOLLAND

S.P.K.
THERMIDOR
729 HEINZ
BERKELEY, CA 94710
U.S.A.

SOCIETY'S GRUDGE
CROSSROKES
150 FORT St.
WINNIPEG
MANITOBA R 3C 1C7
CANADA

SMASH APATHY
P. HARNETT
302 HIGH St. nº E-37
FAIRLAWN, NJ 07410
U.S.A.

AX/CTION RECORDS
P.O.BOX 57
KENMORE STATION
BOSTON, MASS. 02215
U.S.A.

RADIOBEAT (Bandas de Boston)
LOU GIORDANO / JIMMY DUFOUR
P.O.BOX 75
ALLSTON, MA 02134
U.S.A.

VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS: VARIOS:

CONTEMPT PRODUCTIONS (Camisetas)
9135 JOHNNY CAKE RIDGE Rd.
MENTOR, OHIO 44060
U.S.A.

BIG BOYS / MOMENT
P.O.BOX 12424
AUSTIN, TX 78711
U.S.A.

INSANITY DEFENSE
P.O.BOX 216
CENTERPORT, NY 11721
U.S.A.

WARDS
P.O.BOX 3408
BURLINGTON, VT 05402
USA

AFFIRMATION
P.O.BOX 1204
INDPLS, IN 46220
USA

RED TIDE
505 RIDLEY Dr.
VICTORIA, BC
V9C - 1K3
CANADA

BETTER YOUTH ORGANIZATION
P.O.BOX 67 A 64
LOS ANGELES, CA 90067
U.S.A.

MAXIMUM ROCK'N'ROLL (Fanzine)
P.O.BOX 288
BERKELEY, CA 94701
U.S.A.

PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX: PUNKS: PUNX:

MICHAEL C.
PHENIS
527 W 13th St.
TEMPE, AZ 85281
U.S.A.

TOM CAUFIED
RT 1 BOX 155
VILONIA, ARK 72173
U.S.A.

DAVE SCOTT
c/o ADRENALIN O.D. ENTERPRISES
25 GRANT AVe.
CLIFTON, NJ 07011
U.S.A.

PEN ROLLINS
8413 MICHAELS Rd.
RICHMOND, VA 23229
U.S.A.

BETH WRIGHT
8440 BAYFIELD Dr.
RICHMOND, VA 23235
United States.

KALV
48 CHETWIND Rd.
CHILLWELL - NOTTINGHAM
N 99 - 5 GD - ENGLAND

ROB-VOS
EEKEPTSSTr. 7
3765 AC - SOEST
HOLLAND

SAARINEN
JAAKONTIE 4 AS. 12
37800 TOIJALA
FINLAND

Anexo B:

Documento - Anarcopunks, punks e libertári@s do Rio de Janeiro. Protesto à realização do evento "Punk 30 Anos", organizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB - em 2005 no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Texto publicado em 2005

30 Anos de Omissõe$

e Mentiras sobre o Punk

* Anarcopunks, Punks & Libertári@s, RJ

Sabe-se que o punk, enquanto movimento contra-cultural, surgiu entre as décadas de 60 e 70 nos rastros da contra-cultura "hippie" e do "beatnick". Apesar de algumas tentativas "historiográficas" e "antropológicas" de delinear suas origens, o punk ainda é um movimento sem uma raiz histórica desvendada e os estudos antropológicos a seu respeito, de modo geral, ainda não conseguiram compreender sua amplitude e multiplicidade. Além de toda a problemática presente no meio acadêmico, a indústria fonográfica e cinematográfica em muito "contribuíram" com a construção de "estereótipos banalizantes", delimitando-lhe patéticos papéis sociais como o de um "rebelde sem causa" e arruaceiro, "propagandeador" do "ódio pelo ódio" e da violência gratuita. Esse informativo visa desmistificar a visão "oficial" da história do punk, bem como reforçar a idéia de que existe um outro punk possível, politizado e coerente, por detrás das mentiras propagadas pela "mass-mídia".

Esporadicamente, verificamos os mais variados grupos e indivíduos articulando eventos referentes a supostos aniversários do movimento punk. Mas mais variadas datas tem sido reivindicadas, as mais variadas bandas citadas, gerando um "confusionismo" e criando um mito fundador. Muito tem se afirmado a respeito do marco de origem do movimento punk, enfatizando que bandas como Sex Pilstol$ e Ramone$ teriam tido um papel fundamental no seu surgimento. Porém, existem relatos a respeito de jovens com jaquetas arrebitadas e cabelos arrepiados vagando pelas ruas londrinas desde o ano de 73, anos antes do surgimento dos Sex Pistol$. O papel dos Pistol$, de todo modo, tem sido mistificado durante anos, baseado numa inversão de valores e numa falsificação histórica. Eles podem ter utilizado o punk para ficarem famosos e se projetarem na mídia, mas independente de Malcom McLaren ou Sid Vicious, o punk teria acontecido, ao passo que sem o punk, essa banda jamais teria alcançado sua projeção no "mainstream". O importante do punk sempre foi o espírito do "faça você mesm@", não as "estrelas" que o utilizaram para chegar ao topo.

Contudo, paralelamente à comercialização e a falta de maturidade política dos "punks do mainstream de 77", desenvolveu-se uma cena punk que não esteve na grande mídia (e nunca fez questão de estar) e talvez por isso não tenha ficado tão conhecida. As remotas origens do "PEACE-PUNK" remetem ao final dos anos 60, quando Penny

Rimbaud e Gee Sus, na época envolvidos com o movimento hippie, mudam-se para uma fazenda na cidade de Essex, no interior da Inglaterra, fundando uma casa aberta/comunidade chamada “Dial House”. Desde então o espaço torna-se um centro anarco-pacifista de atividades culturais, artísticas e políticas. Anos mais tarde, em setenta e sete, unem-se com outros indivíduos com as mesmas necessidades de mudança formando o CRASS, mais que uma banda, uma comunidade pronta para subverter a ordem. Inúmeros foram os legados dessa banda/comunidade, muito mais valorosos politicamente do que os “discos de ouro” dos Pistol$. O Crass foi o precursor da idéia de gravadora independente no punk, pois não havia outra forma mais sincera de publicarem seus trabalhos. A artista plástica Gee Sus, com suas montagens e pôsteres dos discos, tornou-se fundamental difusora da arte gráfica punk. Praticavam a ação direta nas ruas londrinas e defendiam a emancipação feminina.

Já em 78/79, mais de duas décadas antes do presente evento (CCBB), o Crass em uma de suas canções tecia duras críticas a comercialização do punk e a bandas como THE CLA$H e Sex Pistol$, acusando-as de estarem vendendo uma revolução. Ao Crass seguiram-se inúmeras outras bandas politizadas, como o Flux of pink indians, Conflict, Dirt, Zounds, The Mob, Poison Girls, Omega Tribe, Rudimentary Penny, Flowers in the Dubstin, Chumbawamba, e etc..., as quais formavam a dita cena “peace punk” (essa denominação não tem relação com o arquétipo pacifista propriamente dito, mas sim com uma oposição à Guerra das Malvinas). Essas bandas em geral defendiam causas como a liberação animal, o anarquismo, o ambientalismo, participavam do movimento “squatter” (“squats” são ocupações de prédios abandonados) e tinham ligações com grupos organizados de sua época, como o Class War, Animal Liberation Front e o Greenpeace londrino. Declaravam oposições claras ao sexismo e ao machismo (antagonizando-se assim com as bandas Oi! Como Exploited, 4Skins e Cockney Rejects, por exemplo), combatiam a homofobia, o nacionalismo e o fascismo (bem diferente da suástica que Sid Vicious estampava freqüentemente em seu peito). A questão aqui não era mais o choque pelo choque, mas sim a ruptura de uma convenção social, romper para transformar.

EXISTE UM OUTRO PUNK POR TRÁS DE SUAS MENTIRAS!

* Este texto foi escrito por anarcopunks, punks e libertári@s do Rio de Janeiro/RJ como forma de questionar a realização do evento “Punk 30 Anos”, organizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) em 2005 no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Anexo C:
Informativo do MAP. Boletim trimestral. Movimento Anarcopunk de São Paulo. Outubro/Novembro 2003 Ano I. n3

: : Editorial : :

O movimento anarco-punk, em São Paulo, surgiu no dia 1º de maio de 1990, em uma grande reunião, no próprio local do evento, quando grande parte d@s anarcopunks decidiu que, a partir daquele dia, estariam organizados em unidade (numa espécie simples - vinda de pessoas simples - de movimentação libertária), desenvolvendo, de forma unida e coesa, os trabalhos já desenvolvidos pel@s anarcopunks. Afinal, apesar do movimento anarco-punk ter surgido em 1990, já há indícios de anarcopunks por aqui desde o início do movimento punk (pois em todos os lugares do mundo o punk sempre teve em seu interior expressões e organizações anarquistas). O que surgiu foi uma forma unida de lutar-se, e não espalhada, como era antes. O termo "anarco punk" surgiu com o intuito de fazer-se perceptível a diferenciação em relação a alguns outros grupos de "punks" que existiam, com posições e posturas muito diferentes do que se pode chamar de libertário, portanto era mais do que necessário diferenciarmo-nos, principalmente em relação a posturas completamente antagônicas ao que acreditamos. Também porque, apesar de acreditarmos que o punk é uma cultura de expressão libertária, isso logicamente não é o mesmo que dizer que todo punk é anarquista, então o anarco punk veio para firmar o punk anarquista, e podermos nos identificar melhor e daí, enfim, nos organizarmos melhor.

Desde o seu surgimento, o MAP teve que enfrentar muitos obstáculos que interferiram em seu caminho, muitas incompreensões e boicotes por parcela do movimento anarquista, (afinal, era um movimento, de certa forma, novo em meio ao anarquismo, e apesar deste meio ser dinâmico e criativo, as pessoas (algumas delas) são cheias de problemas e desconfianças e, às vezes, fechadas para o que vem a existir recentemente). Isso acontecia, algumas vezes, devido os anarcopunks não quererem ser TUTELADOS, pois, mesmo fora de um circuito acadêmico, tinham todo um autodidatismo e aprendizados diários de uma cultura de rua, frente a frente com as realidades que muitos teorizam. Porém tivemos, também, muitos apoios e espaços cedidos (até alguns anarquistas e não punks), que se envolveram e ajudaram bastante nosso movimento.

O anarco punk é oriundo das camadas pobres da população - mesmo os que não são, em sua grande parte aderem à vida humilde das periferias. Nosso anarquismo é o anarquismo do povo, que surge do povo. Não é um "anarquismo" escondido, uma sociedade secreta. Por muitos anos estivemos nos organizando e organizando muitas coisas: manifestações, panfletagens públicas semanais, campanha antirascismo, pró-voto nulo, antimilitarismo, divulgação constante da cultura punk e do anarquismo, envolvimento contínuo com movimentos sociais, produção de muitos zines, bandas, informativos, vivências... Tudo isso com muito esforço e muitos problemas. Mas os maiores obstáculos foram enfrentados contra o

inimigo: perseguições e violências por policiais e grupos fascistas, assim como algumas gangues de "pankis", ou seja, fascistas infiltrados no meio das gangues. Foram muitas as violências que enfrentamos: ameaças, boatos, traições... Mas não tememos as dificuldades, não estamos aqui para nos lamentar, adoramos uma boa briga, por uma boa causa.

Os maiores golpes no nosso movimento (falando do Brasil) vieram também de "dentro". Com o mundo em decadência nesse final e começo de milênio, alguns punks assumiram posturas e chavões muito estranhos ao movimento punk, uma nova onda de "No Future", mas de uma forma acomodada, derrotista. Discursos extremados, beirando ao fanatismo. Nada parecido com a negação punk ao mundo capitalista de ontem e de hoje. Em São Paulo essa onda não pegou muito, visto que o próprio movimento punk aqui não deu muita atenção. Afinal, como já dissemos, o que mais gostam os punks daqui (e de muitos outros lugares) é de uma boa briga, não fugindo da luta. Muitos foram os prejuízos nos movimentos do país: muitas perseguições e boicotes infantis e intolerantes, campanhas nas ruas contra os MAPs, sendo que a coisa chegou a um ponto absurdo, de conseguir desestruturar muitas coisas. Mas isto por quê? Não foi somente esta "onda derrotista", porém, mas muitas outras coisas que vieram a causar conflitos. Estes problemas e suas causas são enfrentados, principalmente, devido a falta de discussão sobre muitos assuntos que, às vezes, não acontecem, ou também devido a falta de estrutura dos grupos. O debate e o amadurecimento das nossas idéias são muito importantes, bem como sair por completo dos chavões e trabalhar as idéias com base concreta, sem superficialidade.

Entretanto, apesar de todas as ondas, perseguições, e algumas trairagens, conseguimos nos firmar. Nós, anarco punks da cidade de São Paulo, nunca paramos nossas atividades, permanecemos vivos. Mesmo durante todo estes processos, continuamos nos encontrando e nos reorganizando. Hoje após o 7º encontro anarco punk da cidade de São Paulo, que acontece por aqui de seis em seis meses, acreditando na necessidade de uma maior estruturação, acreditando estarmos mais do que prontos para mais uma batalha, acreditando em nossa própria capacidade de enfrentar os obstáculos.

Resolvemos voltar com as atividades do MAP (Movimento Anarco Punk), que é uma associação de grupos e indivídu@s unidos e organizados em assembléia e de forma autogerida, não temendo os obstáculos que virão pois iremos vencê-los!!!

Muitas pessoas permaneceram, muitas pessoas novas surgiram. O Movimento Anarco Punk de São Paulo conquistou, hoje, sua maturidade, e continua a toda com muita energia, reflexões e compreensões novas do mundo. Viemos para incomodar os inimigos

e para somar com os libertários, guerreiros e guerreiras deste mundo em guerra, mas nunca vencido!!! Trabalhemos, então, irmãos e irmãs, em cima de nossa memória; tanto a memória do mundo, das lutas e batalhas travadas contra os inimigos da vida e da liberdade, quanto a luta contra os opressores, colonizadores, burgueses, capitalistas... Mas trabalhemos, também, em cima da memória de nosso movimento, aprendamos com os erros e fortaleçamos melhor nossos acertos.

O anarco punk sempre se manteve vivo, porque sempre encontrou necessidade de existir. Em todo o mundo sua semente germinou, gerando novas alternativas de luta e da manutenção de sua cultura autônoma, diversificada, criativa e guerreira. O anarco punk manteve-se vivo porque seus guerreiros e guerreiras jamais irão calar-se, entregar-se ou deixar-se vencer!

JAMAIS IRÃO CALAR NOSSO GRITO: LIBERDAAAADEEEE!!

CONHECENDO... COLETIVOS E ZINES

Cooperativa Anarcopunk Artilharia Negra

Associação autônoma que visa satisfazer aspirações e necessidades sociais e culturais comuns, funcionar como espaço de diálogo e criação, estar criando formas de substituir a competição pela cooperação em prol de um sistema autogerido, independente e política-culturalmente autônomo. Defende a liberdade baseada na instrução geral e na formação moral, além da ajuda a outros grupos, visando a fundação de novas cooperativas e lançando as sementes do apoio mútuo. COMUNIDADE PUNK...EXISTINDO E RESISTINDO!

Bandas Punk: Resistência / Revolta Popular
Zines Punks: desobediência Civil / Edições Reeducação / A Arte do front / Auto-Libertação /Estrilo.

CAIXA POSTAL 11031
CEP: 05422970 SP-SP

1º de Maio na Periferia

No Dia Mundial de Luta dos Trabalhadores foi realizada uma atividade na favela São Remo, ao lado da Cidade Universitária. Foi uma atividade inovadora e muito válida. Houve uma grande interação com a comunidade, e para favorecer esta interação foram feitas algumas atividades atrativas: brincadeiras com as crianças, distribuição de refrigerantes e doces, atividades de forte caráter cultural, como os jogos de capoeira, batucada (que, aliás, teve a participação de moradores locais) e apresentação de teatro (cuja abordagem tratava da temática do dia).

A peça teve início após a descontração, enfatizando o primeiro de maio com ótima encenação, demonstrando o sofrimento dos trabalhadores explorados pelos patrões e a árdua luta por condições dignas de trabalho. Concluía-se que a libertação dos trabalhadores seria concretizada fruto da luta dos próprios, e que a submissão do explorado obviamente nunca será resultado de espontaneidade, mas de necessidade, fazendo-se necessária, então, a não-hierarquia. Ao final distribui-se um panfleto explicativo sobre a data-tema, contendo a versão histórica do acontecido neste dia de muita importância para a classe oprimida.

Esta manifestação demonstrou, mais uma vez, a importância de agir em áreas periféricas, trocar experiências entre nossas comunidades, pois são estas camadas sociais, sempre, as que mais sofrem com a carência de informações, de oportunidades; que mais sofrem diretamente as conseqüências da desigualdade, violência e toda a negligência social resultados culminantes do sistema capitalista em que sobrevivemos.

DxIxEx
(Destruindo as Igrejas e o Estado)

Têm uma concepção clara do anarcopunk, radicalismo e anarquismo, não se restringindo a música. Acreditam no trabalho cotidiano e militante que fortalece o combate ao estado e o capitalismo; participam de coletivos atuantes dentro e fora do movimento. O nome da banda deixa claro repulsa a alienação e exploração. Ao microfone comentam sobre acontecimentos diários, expõem idéias, críticas internas, expressões sentimentos de uma maneira sincera e realista. Sonoramente fazem uma mescla de crustcore com HxCx.

A/C: ARISTEU
CAIXA POSTAL 665 – SP
CEP: 01059-970
destruindoasigrejaseoestado@bol.com.br

NÚCLEO ANARCO-NOISE EM DST/HIV/AIDS

Vivência que existe desde 99 enfrentando todas as dores: as de dentro e de fora. Sempre de forma audaciosa, direta e realista na questão da AIDS e suas conseqüências. Unicamente desenvolvido por Edson "Osso". Procura atuar com os sentimentos em convívios com soropositiv@s adultos e crianças, levando calor humano em profundos toques, conversas, ouvidos, desabafo e uma simplicidade de normalidade ímpar (é difícil encontrar pessoas dispostas encarar os fatos). Passa informações sobre DSTs, meios de contágio, casas de apoio e tratamento, doenças oportunistas, vida/morte, indo sempre além, conscientizando as pessoas carentes das conseqüências às quais estão sujeitas.

A/C: EDSON "OSSO"
RUA CORAÇÃO MATERNAL, Nº 136
CEP: 02880-040 - SP

Manifestação Anti-manicomial – Dia 17/05/03

Entendemos que a luta antimanicomial é uma luta contra a tortura, repressão, coação, cárceres e preconceito. A partir disso, nós, anarcopunks, também fazemos parte dessa luta. Sabendo que o Fórum de Luta antimanicomial de São Paulo faria um ato contra o sistema manicomial, resolvemos, como MAP, apoiar o ato e levarmos nosso repúdio contra essas instituições de tortura e violência.

Antes de comparecermos ao ato fizemos uma colagem na região de pinheiros com cartazes de denúncia contra esses tipos de violência MANICOMIAIS.

Chegamos ao ato com um bloco de mais ou menos 50 pessoas (compreendendo anarcopunks, punks e anarquistas) por volta das 14:30h, com faixas, cartazes, panfletos e batuques.

Como o ato oficial parecia mais uma festinha dentro de uma feira de artesanatos freqüentada por pequenos-burgueses, divulgamos nossas idéias e expusemos que sairíamos em passeata até a entrada do Hospital das Clínicas, formando um bloco com batuque, faixas e panfletagem à população. Alguns ex-torturados pelos manicômios apoiaram nossa iniciativa e seguiram conosco em passeata.

Ao chegarmos no Hospital continuamos a fazer nossa panfletagem e ouvimos algumas denuncias e poesias de ex-torturados na época em que estavam internados nos manicômios. Após isso acabamos nossa passeata. Foram distribuídos cerca de 1000 cópias dos panfletos feitos pelo MAP à população e tivemos, a primeira vista, uma boa aceitação por parte das pessoas.

Devemos ainda lembrar que a luta antimanicomial não começou com esse evento e não acabará tão fácil. A nós resta combater cotidianamente essas instituições e esse pensamento coercitivo e todas as outras formas de tortura, opressão e repressão contra nossos semelhantes.

Anarco-Punks em Luta Contra Todas as Formas de Opressão!

A ARTE DO FRONT

Zine político/cultural da movimentação anarcopunk. A edição propõe, de forma simples, a leitura, ação direta, questionamento e anarquismo. A arte e os pontos abordados não se restringem a punk. Possui textos específicos recheados de denúncias, informes gerais, divulgação de textos e idéias políticos. As pessoas que desejam informar-se de forma libertária, propagando cada vez mais o punk anarquista, nossa organização e luta por uma auto-reeducação social. "Por uma sociedade livre de opressores e alienação, por um mundo consciente e ativo!"

TERROR AGRESSÃO

Banda anarcopunk que executa um noise core e que acredita no punk combativo e ativo na militância diária. Através da ação direta lutam por uma sociedade justa e igualitária. Expressando a revolta frente a sociedade capitalista através do som mais agressivo que se pode fazer. "Vemos no punk uma maneira contra-cultural" de luta contra toda forma de opressão e pré-conceito". Os trituradores de notas musicais são: Pedro, Fefê e Japoneis, rompendo os padrões musicais.

A/C: PEDRO

Estação Periferia

Complemento do grupo Força Periférica. Maior objetivo: denunciar e mostrar que o hip hop não é modinha, tampouco uma mercadoria pobre/barata dos boys. Opõem-se ao consumismo que direta ou indiretamente colabore com o capitalismo.

CAPITALISMO=DESIGUALDADE
DESIGUALDADE = GUERRA!

A/C: Dark ou Coky
estacaoperiferia@zipmail.com.br
Caixa Postal: 11031
CEP: 05422-970

Zine Ação Coletiva

Tem como princípios resgate de campanhas de solidariedade, denúncias, informes atuais e tudo relacionado ao movimento anarcopunk (bandas, zines, eventos, contracultura).

Caixa Postal: 12042
CEP: 02013-970
São Paulo-SP

GRUPO REBELIÃO ANTI-CÁRCERES

Coletivo engajado na luta anti-prisional, com militantes envolvidos no meio anarcopunk e hip hop. Aberto a pessoas que queiram envolver-se. Já tiveram ação significativa junto a outros grupos e por elas mesmas: nos atos contra FEBEM, em solidariedade a presos, em denúncias, manifestando-se contra torturadores. Realizam a produçãodo "Zine Teresa", dedicado a informar o que se passa na comunidade carcerária, inclusive mantendo contato. Possuem idéias engatilhadas e, mesmo com a falta de apoio, de recursos e discriminações, seguem com fôlego e encarando esta luta como parte de suas vidas. "Nossa rebelião já começou, comece a sua", "Ação direta contra todas opressões. Fechem os tribunais e derrubem as prisões", "Daqui, do mundão, uma voz da prisão".

A/C: TERESA (não citar o grupo)
CAIXA POSTAL 11031 - SP
CEP: 05422-970

AUTO-LIBERTAÇÃO

Produção sincera de vivência anarcopunk que conta com 2#. As evoluções visuais e textuais são perceptíveis aos que acompanham os trabalhos anteriores desta mana. Há diversidade de matérias, tratando profunda-mente das questões anarco-feminista, indígena, de denúncias, receitas para a saúde feminina (faça você mesm@), endereços e comentários de manos ati-v@s, boicote a leis "que protegem e admitem a violência contra a mulher", entre outros. É prazeroso sentir prática libertária e espontaneidade anarco-feminista. "É de muita importância apoiarmos produções realmente subversivas e organizadas além do óbvio".

A/C: TALITA
CAIXA POSTAL 11031 – SP
CEP: 05422-970

SubMundo

Anarco-punk anti-cárcere. Editado pela companheira Belit. O primeiro aborda temática libertária, com ênfase a questão da loucura e das instituições que lucram com ela. Entrevistas com quem já passou por manicômios, denúncias, poesias e reflexões. O segundo é uma edição especial sobre o companheiro anarco-louco e anti-manicomial Romeu Ritondale, suicidado pelo preconceito, ignorância e atitudes manicomiais do dia a dia da social. O terceiro está quase saindo... Confira.

A/C: Belit
Cx. Postal: 3297
CEP: 01060-970 SP/SP

Germinal

Grupo de pessoas envolvido com propagação de cultura libertária, interessado na criação de convívio produtivo. Consideram válida a necessidade de um espaço que leve lazer e oportunidade de confraternização às pessoas. Atualmente não possui um espaço fixo para a realização dos eventos, organizados em conjunto com outros grupos anarquistas. "Para revolucionar o mundo, revolucione-se!"

CAIXA POSTAL 12646
CEP: 04744-970 SP-SP
germinal@anarcopunk.org

Zine Desobediência Civil

Zine punk e libertário.

O #3 conta com expressões, pensamentos, informações, manifestos, fragmentos de livros, letras, idéias e sentimentos anarquistas. Editado na velha e conhecida maneira do Faça Você Mesm@. Visa proporcionar contra cultura a tod@s que estão envolvid@s nas lutas, resistências e sobrevivências desse sistema patriarcal falido. Conta com três folhas frente/verso. Contato nas ruas ou nos rolês com BCP ou CML ou ainda pelo correio:

CAIXA POSTAL 11031
CEP: 05422-970
SP/SP

Grupo de mulheres punks e anarquistas que surgiu da UMP buscando o fim da desunião entre as mulheres e o combate ao machismo na sociedade e dentro do movimento. Gostaríamos que outras mulheres se unissem a nós para fortalecer a nossa luta, portanto você que é mulher, punk e anarquista ou simpatizante e deseja lutar contra a opressão, o capitalismo e suas doenças, entre em contato conosco.

Cx. Postal 3297
CEP: 01060-970
SP-SP

Flechas Cruzadas: Em Pé de Guerra!!!

Este é um boletim anarco-punk de apoio a causa indígena. Nele você encontrará, muitas informações sobre os diversos povos indígenas aqui existentes (217 povos, falando mais de 180 línguas diferentes, constituindo 380.000 mil pessoas, aqui no Brasil), é uma maneira de mostrar as verdadeiras histórias por aqui ocorridas, história de sangue, genocídio e muita resistência indígena. E também levar as organizações indígenas nossa voz, nossa solidariedade. Nossa existência... Depois de mais de 1 ano parado, está para ficar pronto o numero 3 que virá com inovações. Agora com o sub título : Em pé de guerra!. Entre em contato, 2 selos ou 1 real e receba em sua casa.

Cx. Postal 3297
CEP: 01060-970
SP-SP

Coletivo de Resistência Libertária

Ex-Coletivo de (Re) Ação Libertária. Formado por anarcopunks e anarquistas visando unir esforços na articulação de projetos e atividades libertárias. Possui um número reduzido de integrantes visando melhor integração. Atua em conjunto a outros coletivos e indivíduos. Edita um informativo (Manifesto Ácrata) distribuído no meio anarquista e à população: nos ônibus, ruas, outros estados etc. Trata de atualidades com uma visão libertária. Para troca de informações, materiais, amizade e contatos:

CAIXA POSTAL 665
CEP: 01059-970 SP/SP
crl@grupos.com. br

EXECRADORES

Formada em 91, a manda mantém-se firme na junção música+política, onde a prática revolucionária é uma tentativa de fazer da vida o momento de atuação em direção a libertação. Atuam de diferentes formas, causando a reflexão através da propaganda anarquista, o que pode ser notado através do material lançado: textos e letras significativos, tanto quanto a banda em si e em sua comunicação nas GIGs. Vale ressaltar os trabalhos políticos e contra-culturais que os integrantes desenvolvem. Recentemente lançaram um CD temático sobre prisões, intitulado "111?". Nota-se grande mudança na questão musical, tornando o som interpretado de maneira crua e visceral.

CAIXA POSTAL 12646 - SP
CEP: 04744-970
www.anarcopunk.org/execradores
execradores@anarcopunk.org

REVOLTA POPULAR

Banda "nova" no cenário @punk com pouco mais de um ano, no qual houve mudanças no modo de levar as idéias e projetos. Mantém-se com indivíduos envolvidos e ativistas anacopunks, falando de forma séria e coerente sobre o que propõem, questionam e representam. Nos sons criam ritmos que misturam sonoridade punk a instrumentos ligados às raízes afro-indígenas, como: atabaque, berimbau, caxixi, pandeiro, chocalhos e instrumentos de sopro, fugindo do padrão seguido há anos no meio. Propõem (e vivenciam) o projeto anarquista e uma grande revolução de pensamentos e comportamentos (livres) junto ao nosso povo pobre e excluído. Incentivam debates e ações coletivas populares, primeiramente libertárias. "Esmaguemos o poder instituído, todo poder aos povos oprimidos. Viva a organização livre da humanidade".

CAIXA POSTAL 3297 - SP
CEP: 010 60-970

Execução na Nigéria por apedrejamento: pretende-se executar outra mulher. Desta vez reuniu-se pouquíssimas assinaturas solicitando que isso seja evitado.

QUEM É?

Amina Lawal é uma nigeriana de 30 anos. Ela foi condenada à morte por lapidação pela Justiça do país que reside devido a ter um filho no período em que estava divorciada. Muçulmana e analfabeta, Amina Lawal foi educada para trabalhar nos afazeres domésticos, como a grande maioria de jovens do interior da Nigéria. A primeira vez que casou tinha apenas 14 anos. Deste primeiro casamento teve dois filhos. O segundo casamento, que não durou mais de 9 meses, está na origem de sua primeira condenação, a morte por adultério, em fevereiro passado. Amina manteve relações sexuais com Yahaya Mohammed, um sobrinho de segundo grau do ex-marido, depois de ter se divorciado. Durante o primeiro julgamento, ela reconheceu ter mantido relações com Yahaya, o que está sendo utilizado como o principal argumento da acusação. Yahaya Mohammed, por sua vez, jurou perante o Corão (livro sagrado aos religiosos muçulmanos) que nunca manteve relações sexuais com ela, o bastante para que se livrasse de qualquer culpa. Amina Lawal não conseguiu provar o contrário. A legislação local condena à morte as pessoas separadas e divorciadas que mantenham relações sexuais. Contra Amina, a prova do "crime" estava clara: na barriga carregava Wasila. Hoje essa criança compartilha do drama vivido por sua mãe: ambos somente aguardam temerosamente o momento em que não haja mais a necessidade do amamento para que sejam definitivamente separados.

POR QUE AJUDAR?

Interferência cultural ou não, não podemos nos calar diante da situação que se repete ao longo da história: uma mulher, que já carregava a prisão religiosa e moral cotidianamente, é condenada à morte por ter ousado ser livre e viver, num país onde as mais sutis, pessoais e individuais atitudes são repreendidas e passíveis de punição.

COMO AJUDAR?

Para agir contra a execução desta violação humana pode-se divulgar o caso, incentivando as pessoas a manterem-se atualizadas e participar das manifestações em prol da liberdade de Amina. Para escrever ao governo nigeriano com esta reivindicação existe uma carta-modelo pronta na página http://www.amnistiaporsafiya.org/, no qual somente é necessário o acréscimo de alguns dados (nome, estado, país). No endereço também há a opção de receber atualização do caso e de verificar a condenação de outros nigerianos a partir do regime absolutista em que se vive: no qual unem-se as instituições igreja e estado.

ROSA

Fechou lentamente as pernas. A dor aguda e latejante inflamava todos os seus poros.

As lágrimas não caíam, porque não entendia ainda o que acontecia. Estava jogada, como um animal imundo, em um beco escuro. O mesmo beco escuro, o buraco fétido e mesquinho, onde os humanos jogavam impunemente suas ignorâncias e hipocrisias. Lá estava ela, com a calcinha rasgada, fazendo parte das estatísticas. Lá estava ela, engolindo todo preconceito do mundo, como se fosse facas afiadas dilacerando-lhe a garganta já machucada.

Não conseguia levantar. Seu corpo, agora, era um pedaço de carne podre e dolorida e, dentro dela, a sensação da maior solidão já sentida por alguém.

Sentiu-se como o mais impotente dos seres, pois suas mãos, tão delicadas, tentaram parar a violência tão histórica e tão estúpida, mas não conseguiram.

Sua voz queria inundar o mundo. Queria gritar que aquilo tudo era tão injusto e deprimente. Mas de sua boca oprimida só saiam gemidos sufocados de dor indicando, assim, que sua parca dignidade esvaía-se a cada penetração áspera e nojenta.

Sentiu-se uma carcaça inútil. Fora invadida, massacrada, humilhada. O sangue escorria-lhe entre as pernas. E agora, a única certeza que possuía era a sua semelhança com um mero buraco onde encontrava-se a inscrição: ejacule aqui.

Era, neste instante, um vazo receptor de esperma. Sentiu pena de si mesma. Foi então que conseguiu chorar. Em meio a toda aquela loucura, percebeu que tinha algo sem nome que a feria tanto e tanto ... Como sentir pena de si mesma, se a única culpa que tinha era ser MULHER? Contorcia-se no chão, com medo de tocar suas feridas. Seu sexo, poucas vezes tocado por alguém (ou por ela mesma), agora estava exposto e dilacerado pela violência do senso comum. Estava tão enjoada, tão nauseada...

Vomitou. Vomitou sua própria existência. Vomitou o curso de sua vida, para sempre alterado. Vomitou a indignação de saber que nunca mais esqueceria a cara daquele verme maldito.

Fechou lentamente as pernas e tentou levantar. Estava com tanto medo e tanta vontade de chorar para sempre.

Seus olhos, perdidos, vagavam sem nenhuma esperança. Ela agora, era só mais um sexo violentado, ensangüentado, jogado às margens do mundo dos Homens. Sim. Pois era o mundo dos Homens. Os homens que podiam estuprar, humilhar, machucar, gozar, levantar sorrindo e seguirem normalmente suas vidas.

Vagabunda. Foi a última palavra que escutou daquele homem sem nome, revestido de poder e brutalidade. Sentia seu corpo tão público e devastado. Tantos silêncios revestiam aquela barbaridade... Sabia que teria que responder perguntas como: "O que você estava vestindo?", "O que estava fazendo sozinha a essa hora na rua?". Será que alguém perguntaria como era o sentimento de ser considerado um objeto destinado a proporcionar orgasmo instantâneo a um porco? Será que alguém perguntaria como era difícil reunir os cacos de sua existência, depois de tamanha violência? Existência diminuída, que se esvaia juntamente com o sangue que sujava suas coxas.

Apesar de tudo levantou-se. Começou a andar devagar. Qualquer movimento era uma grande penalidade.

escutou, daquele que ejaculou toda violência prepotente e toda ignorância do mundo dos homens dentro de seu corpo indefeso. "O que merecia?", pensou. "Mereço ser invadida, pois sou Mulher". "Mereço ser estuprada, devastada, exposta pois carrego o segundo sexo". "Mereço a dor de uma penetração imunda pois nasci libidinosa". Balançava a cabeça, negando seu papel secundário.

"Dói tanto... Dói tanto...". Seguiu, lentamente tentando olhar para as estrelas. Estas, porém, estarrecidas com o horrível festival, esquivaram-se. Estava sozinha, estava frágil. Infelizmente, estava historicizada.

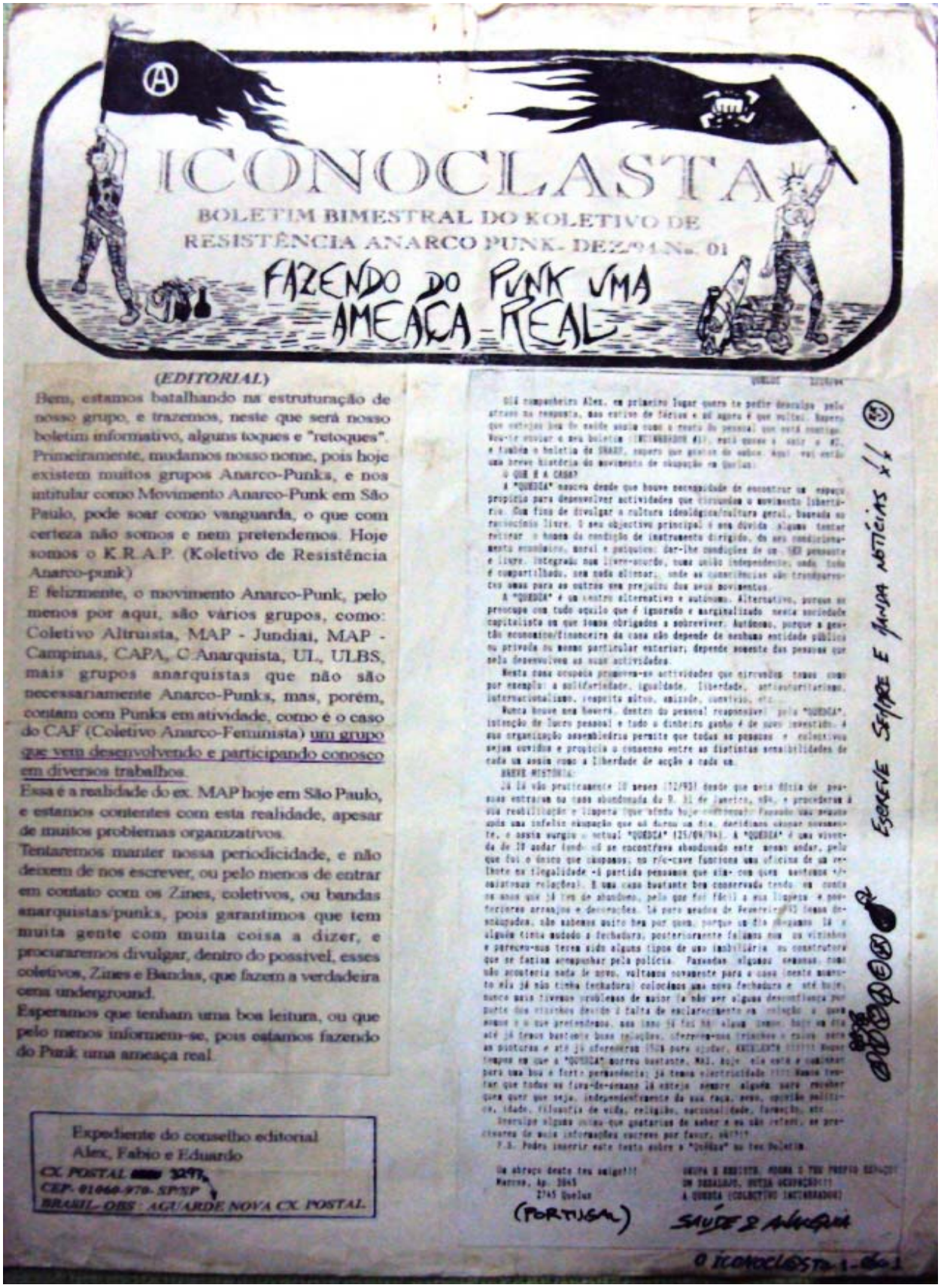
Prosseguiu em linha reta, sem perspectiva, sem vontade ou glória. Prosseguiu seca, sem gosto. Não esperava, não ansiava. Apenas seguia o curso daquela idiotice. Haveria alguma ajuda? Algum porto seguro?

Seus pés doloridos e injustiçados diziam: Prossiga! Era ela, e toda sua força, ressurgindo do fim. Seguiu. Não em busca de um caminho, mas apenas de um breve repouso. Estava só, e quase ninguém a abraçaria sinceramente.

Foi. Estuprada e calejada. Cuspindo no caminho que lhe destinaram. Foi. Querendo apenas que uma brisa leve varresse aquele cheiro nojento de poder e punição.

Estava cansada. E na próxima semana completaria 18 anos...

Anexo D:
ICONOCLASTA, Dezembro 1994 - n1 - Boletim Bimestral do Koletivo de Resistência Anarco Punk. São Paulo



ICONOCLASTA

BOLETIM BIMESTRAL DO KOLETIVO DE RESISTÊNCIA ANARCO PUNK - DEZ/94 Nº 01

FAZENDO DO PUNK UMA AMEAÇA REAL

(EDITORIAL)

Bem, estamos batalhando na estruturação de nosso grupo, e trazemos, neste que será nosso boletim informativo, alguns toques e "retoques". Primeiramente, mudamos nosso nome, pois hoje existem muitos grupos Anarco-Punks, e nos intitular como Movimento Anarco-Punk em São Paulo, pode soar como vanguarda, o que com certeza não somos e nem pretendemos. Hoje somos o K.R.A.P. (Koletivo de Resistência Anarco-punk)

E felizmente, o movimento Anarco-Punk, pelo menos por aqui, são vários grupos, como: Coletivo Altruista, MAP - Jundiaí, MAP - Campinas, CAPA, C.Anarquista, UL, ULBS, mais grupos anarquistas que não são necessariamente Anarco-Punks, mas, porém, contam com Punks em atividade, como é o caso do CAF (Coletivo Anarco-Feminista) um grupo que vem desenvolvendo e participando conosco em diversos trabalhos.

Essa é a realidade do ex. MAP hoje em São Paulo, e estamos contentes com esta realidade, apesar de muitos problemas organizativos.

Tentaremos manter nossa periodicidade, e não deixem de nos escrever, ou pelo menos de entrar em contato com os Zines, coletivos, ou bandas anarquistas/punks, pois garantimos que tem muita gente com muita coisa a dizer, e procuraremos divulgar, dentro do possível, esses coletivos, Zines e Bandas, que fazem a verdadeira cena underground.

Esperamos que tenham uma boa leitura, ou que pelo menos informem-se, pois estamos fazendo do Punk uma ameaça real.

Expediente do conselho editorial
Alex, Fabio e Eduardo
CX. POSTAL [redacted] 3297,
CEP. 01060-970 SP/SP
BRASIL OBS: AGUARDE NOVA CX. POSTAL

ESCREVE SEMPRE E MANDA NOTÍCIAS !!

(PORTUGAL)

SAÚDE E ANARQUIA

O ICONOCLASTA 1-Dez 1

O HARDCORE ESTÁ MORTO ? JUNTA TRIBO GHOGA-SE COM CONFRAAHH !

Sobre o show junta tribo, o que podemos dizer é que não participamos do mesmo, e fomos a Campinas participar do Confraahh, evento paralelo para a confraternização entre anarco punks e anarcos em geral, trocar fitas, zines, e conversarmos sobre como andam as coisas por aí, quais são as perspectivas dos grupos, enfim, aproveitar uma possível estrutura do evento para podermos, antes de tudo, fazer propaganda e contestar sobre o evento, " caso fosse interessante ", como o foi.

Mas para melhor entendimento dos fatos, vale aqui retomarmos alguns pontos de uma já conhecida discussão : a tentativa de massificação e dissolução da cultura punk/alternativa, tendo como instrumento, não só bandas vorazes por um espaço na Mtv, como Raimundos, mas também a imprensa oficial, justamente com alguns " pormenores " organizativos, pois a imprensa não noticiou a detonação de uma bomba de gás lacrimogenio durante o segundo dia do festival, por parte da "segurança ".

As noticias de que um festival pró juventude e cultura seria realizado, deveria fazer com que pessoas mais preocupadas com a cultura e com a juventude estivessem presentes e ativas, ao invés de bandas desinteressadas com os problemas sociais e com a cultura em geral.

Ocorreu que uma das bandas ditas (o que não conseguimos entender o por que) hardcores resolveu tirar um cover da banda reconhecidamente fascista Exploited, a qual repudiamos e combatemos ao máximo.

Não podemos chegar ao ponto de declarar que o garage fuz seja, assumidamente ou não, fascista, porém sua atitude foi despreocupada e omissa , uma vez que dizem-se hardcores.

Uma coisa deve ficar esclarecida : é mentira que os punks presentes quiseram surrar a banda, pois o confronto físico que assumimos como " necessário ", é nossa auto-defesa, imediata e precisa contra o fascismo.

Segundo a imprensa, não conseguimos bater na banda, pois a segurança nos conteve, mas na verdade, o número de anarco punks presentes foi pelo menos, tres vezes maior do que a imprensa noticiou, portanto superior ao número de seguranças no local.

Outra coisa que somamos como pontos negativos ao evento, foi que o material levado não foi distribuído de forma adequada e alguns punks presentes estavam interessados na artificialidade das bandas que desfilaram pelo evento.

Para continuarmos a fazer do punk uma ameaça real, estaremos presentes nos eventos produzidos pela industria "independente ", mas na condição de erva daninhas , propagando o anarquismo, seja como manifestação de nossa cultura, seja nos organizando de forma solidária e verdadeiramente Underground. Pela culturalização sadio da juventude, e contra a etica/moral enlatadas.

Boicote Anarco-punk à massificação juvenil!

A "HECATOMBE" LEVOU UM HECATOMBO

Caros amigos, achamos de extrema importância informar-lhes do ocorrido no encontro de bandas dia 15 de outubro em Lavras-MG. Tudo começou quando chegamos e soubemos da presença de alguns carecas (dizendo-se punks); trata-se da hecatombe uma gangue carioca que anda com carecas, e além disso são homofóbicos e perseguem Punks. Ficamos sabendo que foram ao show para agredir um companheiro do Rio presente no evento. Após terem provocado dois companheiros também do Rio que tiveram a infelicidade de tomar o mesmo ônibus que eles e após discussões dentro do local do show houve um conflito com Anarco-Punks ue estavam na rua e foram quase agredidos por eles e alguns indivíduos de Minas, que estavam de carro e tomaram posições junto aos fascistas.

Um dos indvíduos de Minas, especificamente de Juiz de Fóra, chama-se Coiote, que além de defende-los e agredir pessoas por eles, após a confusão ainda chamou a policia e apontou (literalmente falando)anarquista envolvidos, sem contar que ficou vangloriando-se durante a apresentação se sua banda (curiosamente chamada "resistência HC ") sobre a casa ocupada de Juiz de Fora (Anita) ser o unico Squat do Brasil. Lembramos ainda que o mesmo Coiote faz parte do grupo Punks pirata, e outro individuo amigo da policia, que também defendeu os fascista se dizia da U.L.M , bem , muitas duvidas sobre isso.

Houve confronto verbal e físico com os individuos que se acovardaram e mostraram que só são "machões ", ou seja, apenas batem quando estão em maioria, atitude típica dos fascistas. Cinco militantes anarcos foram presos na madrugada do domingo e soltos às 12 horas do mesmo dia, após os "anarquistas "legalistas e companheiros dos fascistas terem retirado a queixa.

Bem, não há muito espaço no boletim, e quem tiver interesse em se aprofundar melhor nesse assunto, escrevanos, pois estamos elaborando uma carta padrão sobre o assunto, que é para circular a nivel nacional. A solidariedade anarquista há de destruir a truculência fascista ! ! !

C@PA - E atenção, está surgindo um novo grupo Anarco-Punk em São Paulo, composto por pessoas interessadas em divulgar suas ideias libertárias, e por em prática o apoio mútuo e o descentralismo. E através do Hard-Core, combater a hipocrisia dos que "curtem Punk" mas sem deixar de lado suas propostas contra-sociais. Pedem para que enviem material, e editam ainda o "PERSONA NON GRATA", Zine/Boletim onde trazem bons textos. Vamos manter contato, pois vem barulho e contra informação por aí.

Contatos:
C.X.Postal 117
CEP -07111.970
Guarulhos - SP

OBA, HARDCOREEEE !

O coletivo altruista apresenta uma de suas fantásticas demos com as bandas: Metropolizo e Execradores. A demo além de estar muito bem gravada e com encarte das letras, esta sendo vendida quase de graça, pelo preço de Cr$ 2,00 (dois) reais. Realmente muito barato, e você que gosta de desobedecer e negar valores impostos, você que gosta de subverter a ordem burguesa, você que realmente tem uma verdadeira paixão e compromisso com a musica underground não pode deixar de adquirir esta verdadeira expressão de autonomia cultural. A demo esta sendo vendida pelo coletivo altruista.

O ECONOCLASTA-1-PG2

CICLO ANTI-MILITARISTA.

Do dia 07/08 ao dia 03/09, ocorreu o ciclo anti-militarista, organizado pelos grupos K.R.A.P., Coletivo Altruista, C.A.F e a colaboração do C.A.P.A.

Nos dias 06, 13 e 20/08 foram realizadas manifestações na praça ramos, com a exposição de materiais, troca de idéias com populares, faixas etc...; No dia 27/08 ocorreu um Ato/Show, no sindicato dos plásticos. O show além de ser anti-mili. foi também um repúdio à palhaçada capitalista/racista Philips Monsters of Hard Rock que teve como intuito destruir ainda mais a capacidade mental da juventude. O show foi aberto por uma palestra pelo grupo Unegro (União de negros pela igualdade), com o tema Autoritarismo policial e racial no Brasil. Logo após a palestra, que teve uma ótima participação do público, foi realizada uma peça teatral sobre o mesmo tema, a peça realizada por jovens anarco punks (do C.A.P.A) foi assistida sob olhares atentos e apaixonados de quem teve a ética e o bom senso, e não perdeu seu tempo indo à palhaçada do pacaembu.

Durante o show, na oitava música do Execradores, mais uma vez se realizou uma performace teatral, que resultou na queima da bandeira Brasileira. Sob a frase " A luta contra o militarismo é acima de tudo internacionalista ! ".

E no dia 03/07 foi finalizado o ciclo com uma reunião para a avaliação do mesmo e confraternização, na praça da paz no parque Ibirapuera.

Gostaríamos de agradecer a todos (as) que nos deram apoio e ou qualquer tipo de solidariedade, pois a solidariedade anarquista há de suprimir o egoísmo e competitividade capitalista. Morte ao capitalismo e ao seu irmão gemeo militarismo !

☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹
☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹☹

ATENÇÃO - ATENÇÃO - ATENÇÃO

O boletim do K.R.A.P agora irá funcionar por assinatura, a partir de já as pessoas interessadas deverão nos escrever, ou não receberão mais o boletim, pois sem a sua ajuda/participação fica difícil manter o boletim. Por isso, escrevanos agora mesmo, e caso não faça isso não ache estranho, mas não mais chegará em sua casa o nosso tão apaixonado trabalho de informação no qual chamam de boletim. Veja como é fácil assinar :

1- A assinatura é bimestral;
2- Preço referente a 20 selos;
3- Esse preço vale 6 números ou seja 1 ano recebendo em sua casa o boletim;
4- Deposite o dinheiro na conta de número
BRADESCO.C/C: 56083-9
AG. 296-8
Alex Goulart Baccia
e envie o recibo para : Conselho editorial , K.R.A.P. (Não esqueça isto) ;
5- Depois é só esperar que ele chega;
6- Os grupos que já recebiam continuarão a receber sem a necessidade de assinatura;

ASSINE A IMPRENSA ALTERNATIVA E ACABE COM A MENTIRA ! ! !

SHOW ANTI-HOMOFOBIA, MAS TAMBÉM ANTI-FASCISTA (?)

Este foi um evento que teve de tudo para dar certo, ou seja, as pessoas realmente interessadas poderiam entrar em contato com pessoas de grupos homossexuais e de mulheres lésbicas, não fosse a truculência e falta de solidariedade terem sido instrumentos de imposição de posições nada revolucionárias, e violência.

O show, organizado pelo CAF, contou com entrada a um real, mais a distribuição de uma agenda da Archipélago. Bebidas a preço acessível, bandas a postos, público receptível e, infelizmente, humores alterados, homofobia e falta de solidariedade também presentes.

Muitas bandas apareceram para passarem seu som e mensagens em solidariedade aos homossexuais e lésbicas. Infelizmente, nem todas as bandas inscritas tocaram, e houve a presença de um fascista, causa de confusão, violência, controvérsias e comentarios dos mais variados tipos, e infelizmente, na maioria das vezes, épicos, confusos, preconceituosos e não muito abertos à discussão entre todos(as).

Bem, aconteceu que o estúpido não poderia ter entrado no show (que alguns discordam), entrou, e após vários atritos e com a intervenção de uma música, por causa da violência, o mesmo estúpido, agora de calibre, guardado por sua propriedade faminina deu dois tiros para cima e saiu correndo, isso, dentro de um local cheio de pessoas, o que poderia ter causado algo pior.

Após os disparos, o que se seguiu foi violência, pessoas confusas e muita imaturidade frente a um fato exigente de medidas precisas e imediatas.

Não nos vale aqui, condenar pessoas por atos de medo ou desespero, mas sim pesar o fato de que não é de hoje que somos ameaçados, e muitas vezes espancados por fascistas, o que nem todos(as) levam em consideração, o que demonstra o quanto a violência a que estamos sujeitos não é questionada de forma real e abrangente.

Somos contra linchamentos e atos de violência detonados por nossos medos e descontentamentos reprimidos socialmente, porém, a maioria das pessoas não sabem ou são indiferentes aos nossos problemas referentes à violência fascista, e por isso, caem na ingênua (ou preconceituosa) visão de que, se esses mesmos estúpidos engajarem-se em suas idéias, solidificando suas pretensas organizações e postura, nunca chegaram a agredir manifestantes anarquistas que não sejam Punks. Isso é um absurdo, pois sabemos de nossos riscos decorrentes de nossa postura e atuação anti-fascista, em repúdio declarado ao terror fascista desses grupos, tão semelhantes a algumas "pequenas" forças policiais secretas dos regimes fascistas, nazista e stalinista. Só mais uma coisa a dizer, este texto pode não ser a opinião do KRAP como num todo e é de responsabilidade da comissão editorial, porém nos solidarizamos com todos(as) que fazem resistência frente o fascismo, não concordando linchamentos, e utilizando auto-defesa, fascista não passarão jamais.

É isso aí, esperamos que reflitam suas posições, ou seja, não apenas sua ira mas também seus medos, tomando cuidado com suas opiniões, para que alguns relatos não fiquem carregados de ódio travestidos em "palavras de paz".

Maiores informações, principalmente antes de formar opiniões equivocadas, ou simplesmente despejar preconceitos puritanos e pseudo-pacifistas, escreva para os grupos anarquistas/punks com ligações anti-racista/fascista, pois não somos candidatos a cristos prontos ao segundo tapa. Somos pacifistas, não somos assassinos e sempre faremos resistência à trindade fascismo/racismo/sexismo. Contra o fascismo, auto-defesa !.

O ICONOCLASTA 1 - PG. 3

CICLO ANTI-FASCISTA

Entre os dias 19/11 e 03/12, rolou em S.Paulo, o CICLO ANTI-FASCISTA, em três atividades objetivando o combate ao / fascismo, o racismo e o preconceito em geral.

Em 19 de Novembro, ocorreu um Ato-show aberto por uma palestra do grupo UNEGRO(União de Negros Pela Igualdade), sobre o projeto "QUILOMBO DE RUA". A palestra despertou o interesse à discussão de várias pessoas; e o som que rolou após o debate contou com a presença de boas bandas, como: Alternative Action, Vala Negra, Execradores, Pós-Guerra, Ira dos Corvos, Metropolixo, etc. Eventos como este devem ocorrer mais / vezes(Valeu ao pessoal da UNEGRO, que/ vem desenvolvendo junto ao Anarco- / punk um trabalho anti-racista/fascista, sério).

No dia 26 de Novembro houve uma passeata, que atrasou a saída; foi uma passeata pequena, e não sei dizer ao certo até que ponto pode ter sido produtiva, porém estavam presentes algumas/ pessoas do interior, e algumas outras, bastante interessadas, e infelizmente, ainda algumas pessoas preferem ir até o Shopping "underground", do que dar uma força em atividades de rua. "Temos" de dar força às nossas atividades públicas, pois também são importantes!

E no dia 03 de Dezembro, houve o fechamento do Ciclo, com um Vídeo/palestra sobre o nazismo. Foram assistidos/ dois vídeos: um sobre Skin-heads, onde, além de estúpidos Nazi-skins, foram colhidas opiniões de punks e Sharp's(/ SKIN-HEADS AGAINST RACIAL PREJUDICE), facção Skin-head Anti-fascista/racista. O outro vídeo assistido, foi o NAZISMO NUNCA MAIS, produzido pela associação dos sobreviventes do nazismo / SHERIT HAPLEITA. Um vídeo bastante interessante, onde "destacamos" o Levante de Varsóvia. Após a mostra, seguiu-se uma falação com Ben Abran, da mesma associação SHERIT HAPLEITA, o qual foi / seguido de interessante e intensa discussão, onde muito acerca do nazismo, poder, militarismo, xenofobia, imperialismo e muito mais, foram bastante discutidos. Todos(as) estavam realmente interessados(as) no debate, o que demonstra um bom desempenho do ato. Que a solidariedade Anti-fascista resista! Contra o fascismo/racismo, resistência e luta!!! ###

CICLO ANTI-FASCISTA

Várias atividades tendo como tema o combate ao fascismo, racismo e discriminação.

19 de Novembro/Sábado
*Show anti-fascista c/ bandas@narco-punks.

*Palestra com o grupo UNEGRO sobre o projeto "Quilombo de rua".

Local: Sindicato dos Plásticos
Rua Ada Negri, 127 - Sto Amaro
Horario : 13:00 hs

26 de Novembro /Sabádo
*Passeata anti-facista
Local: Pça Ramos de Azevedo - Centro
Horário: 10:30 hs

03 de Dezembro/Sábado
*Palestra e vídeo "Nazismo Nunca Mais", com Ben Abran da associação dos sobreviventes do nazismo Sherit Hapleitá
Local: Sintaema
Av. Tiradentes, 1323
Metrô Armênia
Horário: 13:30 Hs

Ⓐ C.R.
Cx Postal 3204 - São paulo-SP
Cep: 01060-970
Fone: 219-3688 Hr. Cml - fax: 219-0620

ANARCO PUNK

ENDEREÇOS: Col.Altruísta-R.Bernardino Fazoli,132.Cep.04821-270,S.Paulo | C.A.F.-Cx.Postal-117.Cep.07111-970,Guarulhos/SP. | U.L.R.S.-Cx.Postal-2137.Cep.11051-97 Agência de Notícias Anarquistas-Cx.Postal-78.Cep.11500-970,Cubatão/SP. | C.L.E.L-Cx.Postal-1417.Cep.13001-970,Campinas/SP. | Grupo Experimental Soma/Gaia Tribo - Rua Pagé,139.Cep.04139,SP/SP. | J.L.-Cx.Postal-12.Cep.07111-970,Guarulhos/SP. | U.G.T.-Cx.Postal-7597.Cep.0439-970,SP/SP. | A.C.R.-Cx.Postal-3204.Cep.01060-970 | C.A.P.A.-Cx.Postal-11[illegible].Cep.07111-970,Guarulhos/SP. | LTOV.-Cx.Postal-10512.Cep.03097-970,SP/SP. | M.A.F/Jundiaí-Cx.Postal-155.Cep.13200-970,Jundiaí/SP. | Coletivo Anarquista Brancaleone-R.Ministro Godói,836/4064.Cep.05015-000,SP/SP. | Canto Libertário-Cx.Postal-335.Cep.19800-000,Assis/SP. | Editora Imaginário-R.General Jardim,228.Conj.11.Cep.01223-010,SP/SP. | União Libertária-Cx.Postal-1629.Cep.13001-970,Campinas/SP. | C.A.F/Campinas-Cx.Postal-1629.Cep.13001-970,Campinas/SP. C.Anarquista-Cx.Postal-117.Cep.07111-970,Guarulhos/SP. | ENTRE EM CONTATO"Libre"

Anexo E:
Boletim Unificado dos Grupos Libertários Brasil, Outubro 1992 - n1. Periódico mensal. Editor MAP-SP

BOLETIM UNIFICADO DOS GRUPOS LIBERTÁRIOS/BRASIL

periódico mensal nº 01 - OUTUBRO/92

grupo editor deste número: MAP(SP)

grupo editor do próximo número: MAP(PA)
Cx. Postal 1331 Belém - PA CEP 66017-970

B.U.!

participam deste boletim:
Movimento Anarco Punk de São Paulo
Movimento Anarco Punk do Belém do Pará

EDITORIAL

"Dias melhores virão" dizia o slogan do candidato a prefeito pelo PMDB. Se com ele este slogan não lhe rendeu o 2º turno, ao menos a nós, faço votos do contrário.

Essa proposta de edição, em conjunto, de um boletim unificado entre todos os grupos dispostos, e especialmente, os que trabalham com os jovens, surge agora materializazado neste nº1, num presságio de esperado exito.

Em relação as outras várias propostas já levantadas, esta tem certas características especiais que a tornam viabilissíma. Primeiro, o de ser um boletim, e não uma revista ou zine(o que caso tudo der certo, irá evoluir para tal). O boletim condensa o material a tal ponto, que só é apreciado escrever o que é de vital importância. Segundo, a de levada aos grupos ativistas anarquistas. O material em voga então seria o próprio trabalho desenvolvido pelo grupo, o que não desgastaria muito a cristividade do grupo para a redação. Terceiro, o essencial do boletim seria os informes, acontecimentos e agenda, prognósticos e crônicas. Ou seja, o que todos estão interessados.

Afora isso o caráter rotativo, igualitário e facultativo de participação e edição do boletim imuniza-o de acusações como de ineficiência e exclusivismo.

Basta encarar de maneira prática: Ora, quantos núcleos editam hoje algum informativo? Alguns. Nada mais fácil então, destinar uma parte, ou o resumo de seu boletim, para o boletim geral unificado. E os grupos que não editam informativo? Ora, se por o grupo não ter recursos ou mesmo material, pode o grupo remeter uma carta relatando os acontecitos.

Tudo isso pode ser real. Já está o sendo.

Se todos quisermos poderemos levar esta idéia a frente, e, realmente, para nós anarquistas, dias melhores virão !!!

ORGANICA DO BOLETIM UNIFICADO

Abaixo, a organização orgânica do boletim unifido (B.U!) esquematizada.

A) DO BOLETIM

1 - O boletim é periodico e mensal.
2 - Sai para os correios, até no máximo o 10º dia do mês.
3 - Consta no cabeçalho o nome do grupo editor daquele mês e o do próximo.
4 - A correspóndencia relativa ao B.U! deverá seguir ao grupo editor do próximo número.

B) DA EDIÇÃO

1 - Um grupo irá editar o B.U! a cada mês.
2 - Esse grupo irá receber o material, condensa-lo, resumi-lo, amplia-lo e ou reduzi-lo, conforme o espaço e o designer.
3 - Irá remete-lo até no máximo o 10º dia do mês.
4 - Irá colocar num envelope próprio:
- O original do cabeçalho
- o material que não entrou naquele número.
- as cartas dos grupos em haver com o B.U!
e envia-lo para o grupo que primeiro requisitou a edição do B.U!

C) DO MATERIAL ENVIADO PELOS GRUPOS

1 - Os grupos interessados mandarão informes até o dia 1º de cada mês.
2 - Se possível, já arte finalizado e batido em colunas.
3 - Se tiver interessado em editar algum número, deve junto com o material notificar o desejo de edita-lo, e esperar na fila de espera, caso haja mais grupos inscritos.
4 - Este receberá o boletim dias depois.

D) DA PARTICIPAÇÃO ALTERNATIVA

1 - Caso queira, o grupo

poderá enviar um outro material qualquer (convite a som, panfleto, zine...) a nome oficial do grupo.
2 - A participação no B.U. é facultativa.
3 - Ninguém é obrigado a participar da edição, mas pedimos responsabilidade daquele que requisita-lo.

LIBERTÁRIOS NO PARÁ

Companheiros do MAP, Ovelha Negra, Núcleo PRO-COB, Juventude Libertária, MAA e alguns companheiros de Barbarena (em algumas de nossas reuniões), procuraram se reunir em torno de uma FEDERAÇÃO INFORMAL. A esta organização foi dado o nome de MABEL (movimento anarquista de Belém). O que se buscava era a união em torno de atividades mais coesas e sutindo maior efeito de que as manifestações isoladas de grupelhos de 6,7 pessoas, fortalecer os nossos laços federativo e ser uma alternativa às pessoas que não estavam em nenhum grupo fixo (todos os grupos acima citados eram específicos. Anarco-Punks, anarco-sindicalistas, etc...). Nestes moldes realizamos varias atividades, como um debate em um colégio secundarista em agosto, nas colagens de cartazes anti - militarista, aconselhando os jovens a não participarem do desfile (membros do movimento foram abordados por idiotas da banda marcial do referido colégio, injuriados com as idéias dos anarquistas). Participamos de passeata estudantil pelo FORA COLLOR (só que possuiamos a nossa posição específica), enquanto anarquistas contradizendo a pelegada partidária, distribuindo panfletos durante o desfile estudantil, portavamos faixas e cartazes anti-militares. Após isto, a organização começou a sofrer o descaso quase que generalizado... Mais uma bela experiência que não vingou...
Com a desestruração do MABEL não ocorreu mais nenhuma atividade subversiva, a não ser o trabalho de reestruturação da COB e do MAP, ambos preocupados com a campanha pelo Voto Nulo.

PROPOSTA DE UM ZINE NACIONAL

O MAP/SP e o MAP/PA, possuem diversas propostas que devem ser pensadas e discutidas entre as pessoas, tanto as que agora participam deste projeto experimental quanto também estão estruturadas para realizar uma experiência de tal porte.

1. Anterior ao zine haverá um projeto experimental (este boeltim que esta em suas mãos) contendo unicamente informes das localidades que estão partipando. A medida que os núcleos ainda não devidamente esclarecidos comecem a participar da iniciativa , este aumentaria o seu nº de folhas. O momento para sair o 1º número seria quando houvesse uma quantidade mínima de grupos participando, e estes já achem interessante o iniciar.

2. Núcleo de imprensa(NDI) seria o local aonde sediaria um determinado nº do zine, ficando totalmente a cargo a impressão, distribuição (mas não descartando os demais grupos diversos que também devem divulga-lo, seja a nível regional, federal e mesmo se possível, internacional), "estética", gravuras. Neste nº que você agora está lendo o NDI é o MAP/SP. Ex.: Caso apareçam duas matérias iguais (sobre o mesmo tema), o NDI se encarregará de fazer uma fusão entre as duas. Caso datas importantes dejam esquecidas pelos núcleos que enviaram as matérias, o próprio NDI ficaria responsável de fazer a matéria para cobrir o espaço.

3. Rotatividade: a cada três meses, outro grupo assumiria a feitura do zine, de modo que todos os núcleos tenham experiência (só que voluntariamente). A decisão fica a cargo dos núcleos.

4. Cotização: Caso o NDI sinta necessidade. Esta cotização atingiria basicamente o custeio da publicação no seguinte sentido: para o envio de ao menos uma cópia para cada lugar (tanto os que estejam participando como os que não puderam participar) e eventuais despesas com correio. Esta cotização seria estipulada pelo NDI.

IMBECIS UBER ALLES

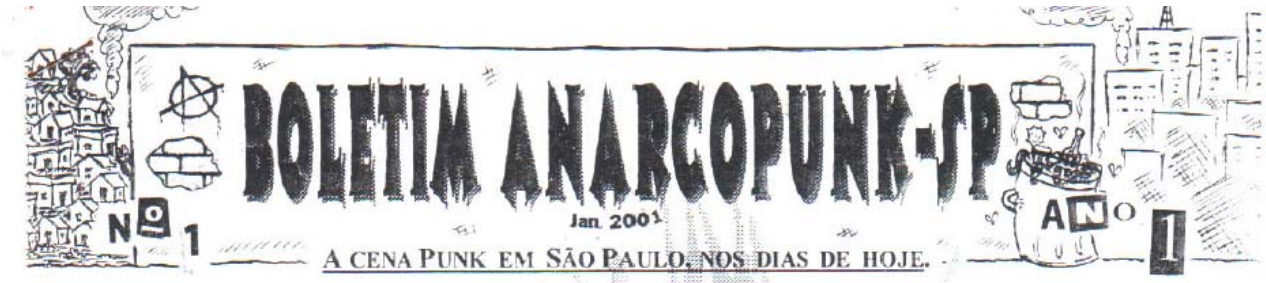
A bestialidade careca mostrou no final do mês de setembro, o ar de suas graças. Uma turma de skin head's White Power invadiram a estação de rádio AM, Atual, pixando na parede externa a frase "morte ao nordestinos". Já é a segunda grande intervenção. E isso nos deixa receosos. A primeira, foi a do 1º de maio deste ano. No próximo número, faremos uma matéria a respeito.

NOTA

Os informes do MAP/SP do mês de setembro, não foram colocados neste nº 1 do B.U. por absoluta falta de espaço. Quem quiser saber sobre o que rolou é só pegar o info. nº4 do MAP/SP. A partir do nº2 do B.U. somente será destinado aos informes.

VACINE OU ENVIE UM SELO PARA RESPOSTA.

Anexo F:
Boletim Anarcopunk-São Paulo. ORGAP. Janeiro 2001, Ano I. n.1



Este é o primeiro número do nosso boletim, e a cada número pretendemos iniciá-lo com algum assunto que considerarmos importante no momento presente, que vejamos uma necessidade mais urgente de falar. Esse número começa falando sobre a atual cena Punk em São Paulo.

Acreditamos na importância de se falar sobre a cena Punk como um todo, porque nós em São Paulo nos vemos assim, como uma parte da cena Punk dessa região e não fora dela, nem acima, nem abaixo.

O Punk em São Paulo sempre foi famoso pelas brigas entre gangues e entre gente de áreas diferentes da cidade. Houve uma época que era praticamente impossível para punk andar por aí sem ter que dar satisfações sobre o lugar que morava, com quem andava, correndo o risco constante de se envolver numa briga por causa de gente que às vezes nem conhecia. As pessoas novas que começavam a andar com as gangues eram obrigadas a comprar a briga de outras épocas com gente que nunca tinha sequer visto, muito menos conversado. O sentimento de união e apoio entre as pessoas que convivem é legal, mas quase sempre os motivos das brigas ou eram pessoais ou se perdiam com o tempo; assim só se levava em conta o nome da gangue ou da turma sem levar em conta cada pessoa com sua atitude própria.

Com o passar dos anos, muita gente no movimento Punk por aqui foi se dando conta do problema que essa desunião causava para todos os lados. Da parte do pessoal anarco punk, isso significou o início de uma mudança de comportamento com relação aos demais punks que aqui vivem. Pode até ser que em uma época da nossa história tenha sido necessário um certo isolamento, por causa das brigas que ocorriam entre punks. Mas hoje esse isolamento não se justifica, porque está havendo um respeito bem maior às diferenças no movimento hoje. Esse respeito é uma coisa muito boa para o Anarco Punk buscar dentro do movimento Punk, porque nós acreditamos no direito de ser diferente e manifestar idéias próprias, contanto que respeite a liberdade das outras pessoas. De modo algum queremos parecer pastores pregando a "salvação" a qualquer custo, isso não! A única coisa que não toleramos mesmo é o fascismo e a opressão, e há muita gente punk que não se diz *anarco* e está contra essas coisas também.

O principal desafio agora é unir as forças de todo esse pessoal punk para fazer coisas concretas. Há sempre iniciativas individuais, mas se pudermos juntar todas elas conseguiremos melhores resultados. Há gente ganhando dinheiro às custas do movimento e usando em benefício pessoal, ao mesmo tempo em que deturpa os próprios princípios do Punk, só se preocupando com shows de preço alto e com venda de cds. Cabe a nós punks, independente do grupo a que fazemos parte, nos organizarmos para estruturar o movimento. Se há alguma circulação de dinheiro em meio ao Punk, acreditamos que sua utilização deva ser dentro do próprio movimento, para fortalecê-lo e não para usá-lo como mercado consumidor.

Sabemos quem são nossos inimigos. São os fascistas e os capitalistas. Não os punks.

BOLETIM ANARCOPUNK-SP
Cx Postal: 3297
Cep 01060-970 – SP/SP
(Escreva "ANA ARCHOS" no destinatário, p/ evitar problemas de envio).

***Encontro Anarco Punk (23 e 24/09)**

Nos dias 23 e 24 de setembro, aconteceu o encontro anarco punk.
O evento contou com a participação de aproximadamente 30 pessoas, entre elas indivíduos de outras cidades.
Teve duração de dois dias, e como pauta de discussão os seguintes temas: "Cultura Punk e política anarquismo, juntos até que ponto?"; "Comunicação"e "Antifascismo".
Desse encontro foi tirada a idéia de se fazer um boletim sobre a cena de São Paulo, para dinamizar a comunicação, foi tirada uma comissão para elaborar este boletim, e foram tiradas também uma comissão de correspondência e uma comissão para a organização do próximo encontro, que acontecerá no mês de março.

***Som em Barueri (21/10)**

Esse evento foi beneficente, a entrada foi leite em pó para ser doado a uma casa que cuida de crianças vítimas de AIDS. Tocaram: Barricadas, Antikorpus (as duas da Baixada Santista), Parental Advisory, Vozes Incômodas e Execradores. O grande problema que ocorreu foi o atraso, um dos maiores dos últimos tempos. O som era para começar às 12:00, mas só teve início mesmo por volta das 18:30. Os organizadores alegaram problemas com o transporte da aparelhagem, pois houveram desistências de última hora.

***Enquadro na Praça Roosevelt (28/10)**

No dia 28/11, por volta de 16:30 horas, cerca de quarenta punks estavam reunidos em uma praça na região central de São Paulo, discutindo assuntos relativos à UMP, quando a praça foi cercada por policiais fortemente armados e pelo que foi relatado, sem nenhum motivo aparente. Eles alegavam estar em busca de armas e drogas, mas todos sabemos que este não era o motivo real da sua presença.
Eles exigiram que as pessoas presentes deitassem no chão e não olhassem para frente. Depois disto começou uma sessão de humilhação onde todos as pessoas foram revistadas, objetos lhe foram retirados (cintos, etc) e foram ditas frases tais como: (Se fosse no tempo da ditadura vocês estariam fudidos, se fosse minha filha matava na porrada esta vagabunda, olha sua roupa! Etc.).Alem disto algumas pessoas foram agredidas fisicamente.
Após todo o circo e sem nada ser encontrado, foram embora levando uma das pessoas presentes alegando que, era somente para averiguação, pois esta portava um canivete suíço, que nem considerado arma é , pelo menos foi o que o tenente responsável pela operação alegou.
No final todos saíram "ilesos", a pessoa que foi levada ao distrito, é claro foi liberada após algumas horas de "chá de cadeira". Só permaneceu a indignação e a revolta com este ato que sabemos que não irá parar.

***Nazi Punks Fuck Off (3/11 e 4/11)**

Nos dias 3 e 4 de novembro, ocorreu o show da banda Exploited no Hangar 110 em São Paulo. Na véspera do show rolaram colagens de cartazes e pichações nas imediações do local onde a banda tocaria, o que resultou na intervenção da polícia: ninguém foi detido.
No dia do show, houve panfletagens e colagem de cartazes nas proximidades da Galeria do Rock, local de venda dos ingressos.
Houve também a elaboração de um dossiê , com fotos, declarações e fatos, que evidenciam a postura fascista da banda, ele foi entregue a diversas entidades, pessoas que participaram da organização do show (que mesmo com evidências nas mãos, não cancelaram o show da banda fascista) e outros interessados.

***N11 (11/11)**

No dia 11 de novembro, ocorreu em um novo espaço localizado no Parque América/Zona Sul de São Paulo, uma GIG com as bandas CONSTRITO, DEADMOCRACY, DESECRATION, EXECRADORES e VALA NEGRA. Já rolou um segundo evento no dia 05 de janeiro neste mesmo local, com as bandas BARRICADAS, ABUSO SONORO, TOMBO NA LADEIRA ,CLANGOR e VOZES INCÔMODAS.
No dia 24 de fevereiro haverá: palestra sobre veganismo, mostra de grafite, exposição sobre cultura indígena, ensaio aberto e jantar vegan. O evento começará 12:00h e a entrada é de R$ 5,00.
O espaço foi cedido e o dinheiro arrecadado nos eventos, será usado para reformas no local e divulgação.
É de extrema importância que as pessoas prestigiem e colaborem com a organização desses novos espaços.
Contatos EXECRADORES
C.P.22542 CEP 04744-970 São Paulo/S.P.
e-mail: execradores@bol.com.br

***A Favela cola na USP para trocar uma ideia, USP (24/11)**

Esse evento foi em memória de Daniel, um garoto que foi assassinado há dois anos por seguranças da Universidade de São Paulo pelo simples fato de estar brincando em uma piscina da USP sem ser um dos alunos (na maioria, burgueses), e sim um morador da favela vizinha. O crime até hoje não foi esclarecido. O evento contou com um debate cultura negra e Hip Hop, e acabou envolvendo também reflexões sobre o movimento negro e até comparações entre Punk e Hip Hop e troca de informações sobre o assunto. Depois do debate houve apresentação de capoeira, maculelê, dança afro e samba de roda. Na sede do diretório acadêmico houve apresentação de grupos de rap. Esse evento foi organizado por duas pessoas ligadas ao movimento anarco punk com a colaboração do CRUSP (moradia estudantil da USP).

***Sábado Antifascista, Guaianazes (25/11)**

Organizado por um companheiro nosso de Guaianazes, esse som a princípio causou um pouco de preocupação devido ao fato da localidade ser famosa pela circulação dos carecas otários, então todo mundo estava esperto com qualquer movimentação estranha. Mas não foi necessária a autodefesa, já que as bestas raspadas não deram as caras. A única coisa que atrapalhou o som foi a chuva, que não deu trégua toda a noite. Tocaram: Autonomia, Vala Negra, Humanos, Peste Negra, Rasgados pelo Kaos (Campinas), além de uma banda de metal que abriu o som e mais uma banda improvisada com dois companheiros dos EUA, ambas não constando no cartaz.

***União Punk e Hip Hop, Guaianazes (26/11)**

Realizado numa escola da região, esse som foi muito animado e contou com a presença de muita gente do Punk e do Hip Hop. Com muita integração de ambas as partes, esse som só teve como problema a presença de três garotas sulistas que tinham ligações com carecas. Infelizmente, as provas de tais ligações não eram do conhecimento de todas as pessoas presentes, algumas das quais (inclusive organizadores) foram contra a

expulsão das criaturas. Fica para a próxima. Entre as bandas punks que tocaram, estavam: Pátria Odiada, Peste Negra, Autogestão, Subsistência

***Poesias do Caos, Campinas (16 e 17/12)**

Quem organizou esse evento foi o pessoal do Espaço Cultural Dona Tina, de Campinas. No cartaz já constava que iria haver um pedágio na manhã de sábado para arrecadar dinheiro para o Espaço, então algumas pessoas já chegaram por lá na Sexta-feira à noite para ajudar no dia seguinte. Depois do pedágio, as pessoas continuaram chegando ao longo do dia, e enquanto algumas assistiam vídeos outras se confraternizavam na rua e nos bares locais. À noite, o pessoal foi para um bar com espaço bem amplo, onde havia um palco no qual montaram a aparelhagem. Além de São Paulo e Campinas, havia gente de várias cidades do interior de SP (como Bauru, São José dos Campos, Araçatuba, entre outras) e até do Rio de Janeiro. Tocaram: Peste Negra, Rasgaaos pelo Kaos, Fúria Angústia e Desejos, Diarréia (.....). No Domingo houve exposição de fotos e foram exibidos vídeos da manifestação contra os 500 anos em Porto Seguro, do evento do dia anterior e sobre capoeira. Teve gente que permaneceu no Espaço até a Terça-feira, já que o ambiente do lugar é muito acolhedor. Valeu, Dona Tina.

***Plano Colômbia Não! (21/12)**

No dia 21 de dezembro na Praça Ramos de Azevedo, ocorreu uma manifestação, contra o Plano Colômbia. Reuniram-se cerca de 20 indivíduos de diversas tendências políticas incluindo cerca de 5 punks.
O ato contou com uma faixa, carro de som e houve panfletagem.
Teve início por volta das 16:30hs e término por volta das 18:00.

***Punknic Anti- Natal, Atibaia (24 e 25/12)**

Preparado para ser uma mistura de confraternização e debate sobre o movimento por aqui, o punknic realizado na Pedra Grande, no alto de uma montanha em Atibaia acabou se transformando numa tremenda aventura com perigos e imprevistos. A partida foi marcada para as 12:00 numa praça do centro, mas só ocorreu às 15:00, quando cansamos de esperar as últimas pessoas que faltavam (algumas já se encontravam dias antes no Squatt Taturana, que organizou o evento). Logo de cara encontramos chuva, e numa certa altura da subida na montanha erramos o caminho graças ao nosso guia e anfitrião. Depois de mais ou menos duas horas derrubando mato no peito e escalando áreas dignas de alpinismo, conseguimos retomar a trilha, enquanto a chuva se anunciava em grandes nuvens escuras. Na trilha correta, encontramos ao menos água fresca para aliviar as tensões. Vale lembrar que à essa altura toda bebida já havia acabado, com exceção de uma garrafa de conhaque na mochila de um companheiro que já havíamos perdido de vista, pois ele andava muito à frente de nós. Quando chegamos ao último trecho de mata, antes de subir a pedra propriamente dito, já estava escuro e tivemos que pedir uma lanterna emprestada de um grupo de pessoas que também acampava por lá. A subida da pedra foi marcada pela insegurança, causada pela escuridão, pelo vento forte, pela dificuldade de algumas pessoas com a altitude e pela impaciência de algumas pessoas com a demora. Quando por fim chegamos ao local, nosso guia e anfitrião não conseguia encontrar a gruta onde deveríamos passar a noite. A chuva veio forte, e tivemos que nos abrigar precariamente debaixo de um pedaço de lona preta e de uma barraca mal montada pela pressa, ambos insuficientes. Com o fim da chuva, que só ocorreu ao amanhecer, conseguimos encontrar a gruta, logo abaixo de onde nos molhamos por horas a fio. O Sol apareceu e aqueceu o dia, e parecia tudo bem, até que apareceram dois cães Rottweiller que seguiram de forma atenta e assustadora três companheiros que voltavam para a gruta trazendo água. Mais tensão, procuramos ficar todos juntos e juntamos paus e pedras. Mas não houve nenhum ataque. Quando já estávamos mesmo em tranqüilidade, à tarde já corria e mais chuva se anunciava, então resolvemos preparar comida, comer e partir. No fim da descida, encontramos chuva forte, fechando com chave de ouro a seqüência de inconvenientes. Para compensar, chegamos ao squatt e encontramos nosso companheiro desaparecido são e salvo (e com a garrafa de conhaque intacta). Pois é, não conseguimos conversar sobre a atividade do movimento, mas realizamos um verdadeiro teste, não só de resistência física mas de capacidade de trabalhar em equipe, solidariedade, organização e paciência. Encontramos diversas falhas em todos os sentidos, e talvez sejam nas situações mais extremas que conseguimos ver isso com mais clareza. Foi foda, mas valeu.

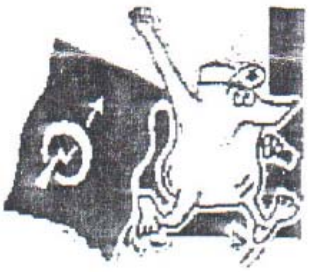
***Septicemia/Amor, Protesto y Ódio**

Já está disponível o novo SEPTICEMIA / AMOR, PROTESTO Y ÓDIO SPLIT LP, com músicas como, Sem Restrições , Desfrute, Utopia, etc e ainda, Made in Indonésia, Esteriótipos, Ciclo Vital , etc.
Amor Protesto Y Ódio acabou, mas as pessoas sobrevivem em outras bandas. Septicemia, Provocazione/TaediumVitae C.P.182 CEP.88130-000 Palhoça/S.C., Execradores C.P.22542 CEP.04744-970 e as DISTROS que estão distribuindo são bLOODY NOISE RECORDS - Fabricio Rocha - Rua dos Andradas, 72 - Jd. Vergueiro - Sorocaba/S.P. CEP.18030-510 - e-mail: bloody.noise@zipmail.com.br e EXPRESSÃO CONTRA CULTURA - A/C: Roberto - C.P. 467 CEP. 01059-970 São Paulo - S.P. e-mail: septicemia@bol.com.br

***Festival Hardcore (20 e 21/01)**

Nos dias 20/21 de janeiro, haverá o 4º Festival hardcore de São Paulo,com as bandas rethink, i shot cyrus, abuso sonoro, hablan por la espalda (Uruguai) e Vieja Escuela (Argentina) / discarga, colligere (Curitiba), confronto(Rio), entrefuego (Chile), good clean fun (EUA).
No dia 20 - 15h - Palestra com integrantes do Food Not Bombs e durante os shows, palestra com Joel Silvério Trevisan, sobre homossexualidade.
No dia 21 - 14h - Almoço vegetariano, debate sobre política no Hardcore às 15h, com Elisa(dominatrix/Artemisia), Marcelo (constrito) e Rodrigo (parental advisory) e todos os presentes. Durante os shows, palestra com Claudionor Brandão, sobre a intervenção americana na Colômbia. O evento contará também com exposição de fotos sobre o S26, Direitos dos Animais e cartazes de John Yates.
Rua Padre Adelino, 294 (ao lado do Metrô Belém)
Entrada R$ 4,00 + 1Kg de alimento não perecível, para cada dia.

OCUPAÇÃO: SQUATT TATURANA



Desde 12/10, na cidade de Atibaia/SP, alguns anarcopunks ocuparam uma casa abandonada há 3 anos. Além da moradia, o pessoal que ocupou quer transformar o local num centro cultural e trabalhar com teatro, música e outras expressões.

A casa se encontra bastante danificada, inclusive a parte de trás está toda destelhada, pois foi vitimada por um incêndio anos atrás.

Essa ocupação está precisando de ajuda, tanto financeira como doações de material de construção, tintas, ferramentas, livros, etc.

Vamos assumir como nossa essa resistência à especulação imobiliária e ao capitalismo?

CONTATOS:
Róbson A. Smith (escreva esse nome no envelope)
Cx. Postal 3297 - Cep 01060-970 SP/SP

27

S-26, CENTRO DE SÃO PAULO (26/09)

S-26 é a sigla que serviu para identificar o dia 26 de setembro de 2000, data na qual se realizou o encontro da O.M.C. (organização mundial do comércio) em praga, na República Tcheca. A OMC é o principal organismo que coordena o processo de globalização econômica no planeta, que está levando a um controle cada vez maior do mesmo pelos países ricos, em especial pelos Estados Unidos. Em Praga houveram vários conflitos promovidos por manifestantes do mundo todo, agrupados sob o nome de A.G.P. (ação global dos povos). Em várias outras partes do mundo houveram protestos tambem, inclusive em São Paulo e em Belo Horizonte. Nos dois os punks participaram.

Em São Paulo, o S-26 já estava na agenda da U.M.P. (união do movimento punk), agrupamento punk do qual também participam anarcopunks. Dez dias antes da data, algumas pessoas da U.M.P. já haviam se reunido para confeccionar vários cartazes que seriam colados por todo centro da cidade, e também para organizar como seria feita a atividade. No dia 26, às 9:00 Hs, punks da UMP e simpatizantes da mesma se reuniram para sair colando os cartazes. Se dividiram em 4 grupos (estavam num total de mais ou menos 100 pessoas) e partiram. Tambem faziam pichações.

Os grupos se encontraram na Praça Ramos. Para lá também se dirigiam estudantes, gente de movimentos sociais, anarquistas (vários, entre os estudantes e tambem da Resistência Popular e o pessoal da Baixada Santista). Alguns politiqueiros do PSTU apareceram com suas bandeirinhas hipócritas e foram hostilizados. As bandeiras negras predominavam. Quando partiram rumo à Bolsa de Valores a multidão contava com cerca de mil pessoas, dentre as quais pelo menos uns 250 punks. Quando a manifestação passava pelo Vale do Anhangabaú, uma viatura policial passou bem no meio da multidão, inclusive enroscando numa faixa (pura provocação).

Após alguns instantes de indignação, conseguimos seguir em frente sem responder à provocação. Chegando em frente à Bolsa, manifestantes começaram a derrubar placas comemorativas dos 100 anos da Bovespa. Puseram fogo em um boneco enforcado, vestido com as cores da bandeira dos E.U.A. Uma parte dos manifestantes começou a jogar tinta, paus e pedras no prédio da Bolsa, alguns fizeram pichações anticapitalistas e outros chegaram a atacar um carro da rede globo (vazio).

Veio a policia executar seu papel, efetuou algumas prisões e chegou a tomar a câmera de vídeo que um companheiro segurava. Um garoto chegou a ser resgatado das mãos dos policiais por manifestantes, que não chegaram a se intimidar com um tiro dado para o alto; mais tarde o garoto foi recapturado. No total foram 17 prisões, incluindo alguns punks. Um advogado acompanhou o caso.

Dispersada a manifestação, voltamos a nos encontrar na Praça Ramos, onde depois de um tempo conversamos sobre o que fazer ainda no dia. Logo notamos que a policia havia cercado a Praça Ramos, e então começamos a fazer uma tremenda baticada, um verdadeiro "carnaval" anarquista, dançando e cantando provocativamente na frente dos policiais, que depois de um tempo começaram a ir embora. Fomos então à Praça da República, fizemos um balanço do ato. Algumas pessoas queriam permanecer ali panfletando e conversando com a população, outras queriam ir para frente do Citibank. Quando um grupo se dirigia ao tal banco, a policia fez novo ataque e fez mais algumas prisões. O máximo que conseguimos foi discutir com os policiais. Depois disso, foi diminuindo o número de manifestantes (que já estava bem reduzido quando chegamos à República, cerca de 200), e à noite foram todos embora.

Os ultimos presos foram libertados à noite.